This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

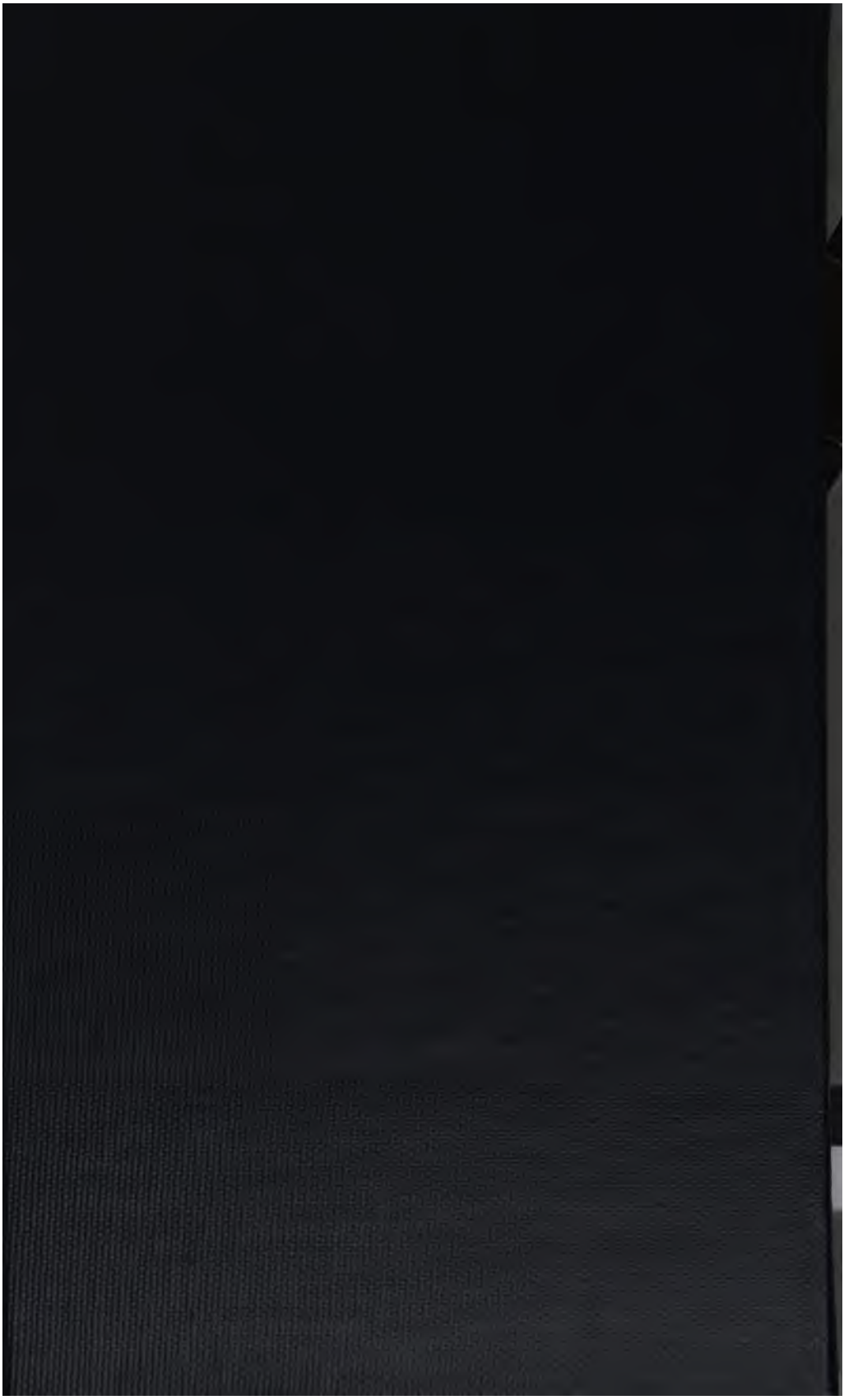
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`



STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES

UMA VIAGEM

AO

ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ

DE

S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ

NA

COSTA DA MINA

UMA VIAGEM

AO

ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ

DE

S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ

NA

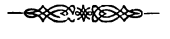
COSTA DA MINA

EM 1865

POR

CARLOS EUGENIO CORRÊA DA SILVA

TENENTE DE MARINHA



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1866

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONSELHEIRO

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

COMO TESTEMUNHO DE RESPEITO E CONSIDERAÇÃO

O. D. C.

Carlos Eugenio Corrêa da Silva.

INTRODUCÇÃO

Meu caro amigo.

Foi Africa um dos theatros mais gloriosos das nossas antigas gentilezas e feitos de armas, que mereceram singular conceito e veneração da Europa.

Do muito que por lá fizemos em prol da civilisação e da humanidade, restam ainda hoje derrocados e quasi esquecidos padrões, soterrados em montões de areias adustas.

Epocha de gloria e resplendor foi essa, quando os audazes navegadores cruzavam o mar nas suas urcas e galeões em demanda de novos paizes por todas as latitudes. Andava então a terra cingida das caravelas portuguezas e as auras como que não sabiam bafejar outros pendões, que não fossem as santas quinas de Ourique.

Para tudo tinhamos brio e folego. Cruzar as pavorosas solidões do oceano cheias de mysterios e terrores, zombar dos perigos que então, muito mais do que hoje, accommettiam o marcante, affrontar a morte todos os dias,

tudo isso fizeram esses *ignorantes sublimes*, os heroicos soldados da cruz, os ardentes guerreiros de Aljubarrota.

A cosmogonia não dera um passo depois de Aristoteles e Ptolomeu; julgava-se que a terra estava fixa, e que os mundos descrevendo os phantasticos cyclos, epicyclos e deferentes, vinham corteja-la respeitosos; até acreditavam muitos que o nosso planeta era um plano dilatando-se na amplidão até que lá no fim abria-se o abysmo, immenso tragadouro de victimas. Ao par d'estes erros grosseiros, de que os menos rudes não estavam de todo isentos, ajuntemos o nenhum conhecimento das longas navegações, e carencia absoluta de instrumentos rigorosos, os processos erradissimos de calculos nauticos, a ignorancia dos ventos, correntes e mais phenomenos assim meteorologicos como maritimos, e chegaremos a convencer-nos que os navegadores portuguezes excederam os de Tyro e Phenicia, e foram preclaros avoengos dos Cook e seus successores.

Que anceiar immenso não era o d'esses valentes, que deixaram patria e familia, para arrostar com a furia das vagas em busca do desconhecido cheio de mysterios e pavores!

Melhor, muito melhor do que eu póde o meu amigo avaliar os grandes esforços dos lusos argonautas, que abriram tão esplendidamente a idade moderna. Nunca se dilataram os meus olhos nas liquidas solidões, nem intentaram rasgar os mysterios que se encobrem nas tumidas vagas. Nunca retiniu aos meus ouvidos o esta-

lar da procella, como gargalhada do demonio das tormentas. Nunca respirei as salsas fragrâncias do oceano quando o negrume da tempestade se atufa como um sudario funebre, ou quando o bulcão varre impetuoso as ondas, que se erguem enraivecidas do seio do mar — golfadas de gigantes, que se contorcem em horrida luta. Nunca vi erguer-se a tromba ondeante, nem as correntes me arrastaram aos arrecifes de coral. Comprehendo porém o invencivel denodo dos nossos navegadores, que saíam mar em fóra, costeando a Africa, assenhoreando-se de grande parte da costa occidental, fundando imperios e praças, desbravando terrenos e convertendo gentios, dobrando logo após o cabo Tormentoso, que inspirou um canto sublime ao nosso grande epico e inexcedivel poeta descriptivo, atravessando o estreito de Moçambique, entestando com Melinde, galgando o mar Vermelho, abrindo emfim de par em par as esplendidas portas do templo da aurora, que a ridente imaginação d'aquelles tempos revestia de pedrarias e sedas.

E ao passo que levavam a cabo tantas emprezas e jornadas descobriam o Brazil, dominavam a Asia, destruiam os moiros, zombavam do Rhoume-Khan e do Hyde-al-Khan, erguiam fortalezas, forçavam estreitos e barras, multiplicavam heroicos esforços, e apregoavam por toda a parte, com o estrondear dos canhões, o nome portuguez.

Pois de tantas glorias só restam quasi saudosas lem-

branças, que cada dia se vão apagando e extinguindo com o bafo impuro da ingratidão. Vae o tempo implacavel obliterando os raros monumentos d'essas eras heroicas, ao tempo que a nossa incuria e miseria deixa esfacelar-se o primoroso legado dos nossos maiores. Não sabemos ou não podemos aproveitar tantas riquezas esbanjadas, e para cumulo de ignominia deixâmos que se arrasem respeitaveis padrões como monumentos inglorios.

Foi pois com verdadeiro e espontaneo alvoroço, aqui lh'o digo sem rebuço de má vergonha, que li o seu livro, quando fez o favor de consultar-me.

No meio da geral indifferença, que nos corroe como cancro ruim, no amago d'esta ignavia que só nos dá forças para inuteis certames de palavra, em que o obumbrado da phrase mal encobre o desgarre da idéa, ver alevantar-se um homem convicto e estudioso, que aproveitou os ocios da pesada profissão para prestar bonissimo serviço ao paiz, é linitivo que raro se depara.

Em que soffra a sua desmesurada modestia, tal foi o effeito que produziu em mim a leitura do seu livro. Como que ía accordando de um somno comatoso á proporção que folheava o manuscripto cada vez com mais ancia.

E como não havia de ser assim se o meu amigo, obedecendo a um certo *senso artistico,* e sempre rigorosamente verdadeiro, logrou pintar bem o que viu, apresentando desenfastiada erudição historica e geographica sem pesadume? Foi seu intento o descrever a viagem que fez ao antigo forte de S. João Baptista de Ajudá,

situado na costa da Mina, e conseguiu-o com summa felicidade.

Lido nas modernas viagens soube minudenciar sem aborrecer. N'isto está, parece-me, a sua feição caracteristica.

Apresentou despretenciosamente e com certa candura que vae bem ao viajante, o quadro das suas observações, muitas das quaes, já porque dizem particular respeito a Portugal, já por quaesquer circumstancias que ignoro, escaparam a outros viajantes que haviam anteriormente explorado a costa da Mina.

Hão de todos avaliar com justeza o grande trabalho que lhe custou o seu livro, que não pertence elle á categoria d'esses, que se escrevem brincando.

É animado e sobremaneira pittoresco o panorama, que o meu amigo vae descerrando ao leitor.

A descripção da costa perpetuamente acommettida pela braveza das ondas e das correntes, os perigos do desembarque por sobre o cabedello de areia que se dilata parallelamente á praia, a recepção ridiculamente faustosa do magnate ou Xáxá, descendente de um portuguez, a alegria expansiva do gentio, as charamelas que tangiam musicas selvagens, a viagem no interior com todos os seus episodios, ora burlescos ora serios, as usanças antigas em que se descortinava a influição dos velhos traficantes portuguezes, o idioma patrio a transluzir nas expressões mais picarescas, o culto supersticioso das cobras, as hecatombes de victimas, a licença de costumes e

scenas pouco edificantes junto a oleito dos mortos, e mil peripecias cada qual com o seu sainete caracteristico, desenrolando-se umas após outras n'aquelle kaleidoscopo, e todas animadas, vividas, continuas, formam um quadro que encanta pela novidade e attrahe pela successão rapida dos incidentes, que a cada passo resguardam a narrativa da monotonia. O nome de Fernão Mendes acode ás vezes aos labios, e lembrâmo-nos com saudade das suas incomparaveis peregrinações, tão vilipendiadas pela ignorancia.

Este porém é o anverso da medalha.

A outra face ostenta-se com diverso aspecto bastante desconsolador.

Vemos então com grande mágua o abatimento a que chegaram descendentes de heroes. Vemos o commercio definhado e nas mãos de francezes, hollandezes e inglezes, para os quaes passou a influencia, que outr'ora em tempos mais afortunados nos coube em sorte. E a par d'estas miserias, outras maiores se vão descortinando, quaes são a injustiça dos que enviavam pobres portuguezes, sem arrimo nem soccorro, a commandar um forte desmantelado, falho de guarnição e munições. A narrativa que nos legou um pobre portuguez, que morreu longe da patria, servindo-a em tão distantes paragens, entregue ao proprio tino, cercado de selvagens, é um protesto solemne que deve echoar profundamente.

Depois, quando o meu amigo relata o esquecimento da patria para com os seus filhos, que se afoutam a tan-

tos perigos para bem a servirem, compunge-se o coração e lastimâmos do fundo da alma as victimas da ingratidão rancorosa e do esquecimento imperdoavel.

É desolador o quadro que apresenta dos missionarios portuguezes. Causa immensa mágua ver os francezes estabelecerem missões de homens instruidos e porfiosos, emquanto que nós, obedecendo á proverbial incuria, proseguimos no antigo desleixo, que nos acarreta continuas exacções e vexames da côrte pontificia.

E não se estendem só á costa da Mina estas considerações, senão tambem a todas as possessões portuguezas, aonde o ensino e a catechese correm á revelia, sem avenças da parte do governo e da iniciativa particular.

Felizmente porém, e é este em verdade grande linitivo, o forte de Ajudá, que estava nas mãos dos missionarios francezes, voltou ao dominio portuguez, não sem previas e difficeis negociações, em que o emissario portuguez revelou fino tacto.

D'este rapido e incompleto transumpto se conclue que o seu livro é muito noticioso e de boa lição. Não é este o logar proprio para exercitar severa critica do estylo e linguagem, que pediriam talvez mais castigo e lima, se outros não fossem os topicos principaes a que é justo attender.

E de feito o que devemos nós exigir de uma narrativa de viajante? Verdade, clareza, methodo, inducção rigorosa, e sobre tudo bom senso. Ver as cousas e vê-las

bem, pinta-las melhor, de sorte que o quadro se apresente como é realmente e não como os *fiorituri* de estylo, parece-me que são os principaes predicados de um livro de viagens. Ora estes predicados, ou me engana a amisade, o que não creio, ou tem-os o seu livro em subido quilate.

Duas são as conclusões principaes que a sua obra encerra, ambas ellas importantes e de grandissimo alcance politico e economico.

Grassava entre nós a opinião de que a corôa portugueza tinha dominio directo e immediato na costa da Mina. Provou o meu amigo o contrario, adduzindo justas observações, em que se mostra que os portuguezes só alcançaram em tempo licença para estabelecer uma feitoria commercial.

É a segunda conclusão a certeza de poder o nosso commercio alevantar-se do abatimento em que jaz, pelas trocas de aguardente, tabaco, armas, etc. com as producções dos naturaes.

Grande incremento vae tomando a cultura da canna em Angola, e em virtude da proximidade d'esta nossa possessão, podemos lutar propiciamente com as demais nações no importantissimo commercio da extensa costa da Mina.

Protejamos pois o trafego commercial, que podemos auferir muitos lucros, mas não nos apresentemos como conquistadores, o que sobre descortez e ridiculo é anti-economico e mal se coaduna com as nossas forças.

Assim conclue o meu amigo, e parece-me que perfeitamente.

Determinou-se o meu amigo a offerecer o seu trabalho ao sr. conselheiro Mendes Leal, illustrado ex-ministro da marinha, uma das maiores glorias litterarias do nosso paiz.

Boa e grata foi a lembrança.

É o sr. Mendes Leal um dos talentos mais robustos de Portugal, energico e de vontade firme. O que elle fez pela patria ninguem ha que o ignore, e o futuro apregoará os relevantes serviços d'aquelle, que com ser poeta e dos mais canoros, carregou com o peso da governança e não vergou, antes deu vida e força á marinha e colonias.

De rasão era que o cantor das *Indianas,* o vate que vingou a affronta do *Charles et Georges* imprimindo bem fundo nas faces do insultador o vergão do desforço, ajudasse a arrancar do tumulo esse Lazaro que se chamava *marinha portugueza.*

Não é fito meu abusar da paciencia dos seus leitores, e por isso é necessario pôr ponto final n'esta carta. Permitta-me porém uma reflexão, ou antes um pedido que já agora porfiei fazer, sempre que caísse de molde.

Cada vez é mais vergonhosa a falta de uma sociedade geographica em Portugal. D'este labéu não sei como livrar-nos perante estranhos, senão congregando-se os de maior valia e envidando communs esforços para fim tão util.

Pois se ha paiz bem fadado para prestar apreciaveis serviços á geographia e sciencias que com ella se ligam, Portugal vae na cabeceira.

Extensissimas colonias, officiaes de marinha estudiosos e de boa vontade, que seriam excellentes exploradores e observadores.

Que mais exigir! Se muitos, sem mira interesseira, como o meu amigo, trabalham, que não seria se houvesse uma associação respeitavel que instasse e facultasse meios e honras! Quando soará a hora da resurreição? Respondam os que poderiam fazer muito e nada fazem.

Seja-lhes a terra leve, que não hão de elles baixar ao sepulchro carregados de serviços á sciencia e ao progresso.

E agora, meu amigo, que prestei devida homenagem ao seu livro, permitta-me que me assigne

Seu, etc.

A. Osorio de Vasconcellos.

Lisboa, 16 de abril de 1866.

CAPITULO I

O forte de Ajudá é considerado como parte do territorio portuguez pela lei fundamental do reino — Commissão da escuna Napier a Ajudá — Os cruzadores inglezes no golfo de Benim — Reflexões geraes sobre os cruzeiros de Africa e a escravatura.

«O territorio do reino de Portugal comprehende: na Africa occidental, Bissau e Cacheu; na costa da Mina, o forte de S. João Baptista de Ajudá. — Carta constitucional da monarchia portugueza, artigo 2.º, § 2.º»

Considerado pois como parte do territorio da monarchia e dependencia do governo geral da provincia de S. Thomé e Principe, o estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá, no reino de Dahomé na costa da Mina, tem sido de todas as nossas possessões ultramarinas aquella por que sempre menos se tem olhado; chegando a ponto em que, modernamente, nada ou quasi nada d'ella se sabia.

Devia pertencer a um ministro illustrado e dedicado de coração á prosperidade das colonias, o sr. conselheiro Mendes Leal, tomar a iniciativa na indagação das causas que haviam dado logar a um tal abandono, e pretender reivindicar para a corôa portugueza, aquillo que nosso era pela lei fundamental do paiz, mas de que, de facto, pareciamos desapossados.

Participára o sr. governador geral de S. Thomé e Principe, commendador Xavier de Almeida, que por noticias vagas lhe constava, que o abandonado forte se achava entregue pelas auctoridades do paiz a uns missionarios francezes; que estes

começavam a derrocar-lhe as muralhas, considerando-o em tudo como seu, tanto que, segundo o dizer geral, haviam destruido até as armas nacionaes do frontispicio: unico signal ali existente do nosso tambem destruido senhorio. Em resposta foi-lhe determinado, que visitasse o dito estabelecimento, que tomasse novamente posse do forte, guarnecendo-o e dando todas as providencias concernentes ao bom arranjo e ordem d'aquelle ponto; e bem assim lhe foram remettidos alguns objectos que devia conduzir, para serem apresentados ao rei de Dahomé, como lembranças de el-rei de Portugal.

Collocado por ordem superior, com a escuna *Napier*, sob o meu commando, á disposição do dito governador para o conduzir e acompanhar áquella embaixada, dirigi-me á ilha de S. Thomé para o desempenho de tal serviço.

Não era a escuna *Napier* navio proprio para similhante commissão, não só porque a sua pouca capacidade inhibia de receber toda a força, que talvez fosse necessario levar a Ajudá, mas mesmo porque a sua pequenez e pouca importancia militar, fa, quiçá, dar uma idéa acanhada do nosso poder, ali aonde já estão ha muito costumados a verem tremular as bandeiras franceza e ingleza, nos topes dos mastros de pujantes vasos de guerra. Tinhamos até bem perto navios a vapor de outra força e imponencia, que podiam ser empregados n'esse serviço, que haviam sempre cumprir com muito maior facilidade, dando-lhe mesmo outro caracter de grandeza. Comtudo não foi assim, de certo por motivos de consideração superior; foi escolhida a *Napier*, e forçoso era obedecer. A epocha tambem já não era das mais favoraveis do anno, principalmente para um navio de vêla.

Depois dos preparativos usuaes, foram recebidos a bordo o governador de S. Thomé com o seu ajudante, um capellão para a igreja de S. João Baptista, um alferes para commandar

o forte, alguns poucos soldados, e com todos estes individuos, largámos a caminho de Ajudá no dia 23 de fevereiro, levando içada a bandeira de governador geral, saudada á partida pelas fortalezas da ilha.

Domingo 5 de março de 1865, á uma hora da tarde, avistámos pela primeira vez a costa da Mina. Havia-se demandado a terra bastante por barlavento do ponto do destino, não só para contrabalançar a força da corrente a leste, como tambem por pouca confiança na longitude dada por um mau chronometro. N'este dia era fresca a brisa de SSO., e a atmosphera muito cerrada de cacimbo tornava ainda mais difficil de distinguir a terra extremamente baixa, por fórma, que quando chegou a ver-se distinctamente, pequena era a distancia que nos separava. Encontraramos ao mar um lanchão do cruzeiro inglez, e logo ao avistar a costa viu-se tambem um brigue hollandez, fundeado em frente de um sitio em que existiam duas casas ou feitorias.

Triste era a apparencia da terra á vista; areiaes estereis, sem elevações, sem abrigos, e por toda a parte o mar rebentando com furia. Ao longe ribombavam as trovoadas, que n'esta epocha do anno começam a ser de extraordinária força, a brisa principiava a tornar-se incerta, as correntes fortes, e por tudo isto necessario se fazia procurar fundeadouro, a fim de não correr o risco de perder a posição, em que com certeza me considerava a barlavento do sitio que buscava.

Cingindo a costa avistada a distancia conveniente, navegou-se para um ponto aonde por entre as nevoas da cerração, se differençavam as mastreações de alguns navios, dos quaes pouco depois se viam tambem os cascos. N'esta occasião suspendeu d'aquelle sitio e navegou a reconhecer-nos um vapor inglez, que assim que bem distinguiu a bandeira e flamula, virou para a terra e foi quasi ao mesmo tempo que nós fun-

dear junto aos mais navios, em frente de uma povoação composta de grande numero de feitorias ou armazens, em dois ou tres dos quaes içaram bandeira portugueza á nossa approximação. Tendo vindo a bordo um official do vapor, e o capitão de um navio americano, soube-se então chamar-se este ponto «Agué», o qual não vem marcado nas cartas, pelo menos n'aquellas de que faziamos uso[1]. Ha ali um grande numero de casas de commercio de diversas nações, e só uma portugueza; mas todas sem distincção içam bandeira igual á de qualquer navio que demanda o fundeadouro, razão por que tinhamos visto içadas maior numero de bandeiras portuguezas.

Passou-se a noite fundeado proximo do vapor inglez, de duas barcas americanas, e de uma franceza: não se tendo de dia communicado com a terra, não só pela desnecessidade de o fazer, como tambem porque não vindo de lá embarcação propria, não havia meio de o effectuar com os pequenos e maus escaleres do navio.

[1] As duas cartas da costa da Mina com que se trabalhava, eram a de Norie 1844, e a de Wilson 1862. Sendo a primeira pertencente á collecção de mappas do arsenal da marinha, e a segunda propriedade particular do commandante. Vê-se portanto, que sendo as cartas que a casa da fazenda no arsenal fornecia para os navios, escolhidas no antigo *monte* d'ellas, que datava das navegações ante-diluvianas, eram quasi sempre (salvo casos especiaes) velhas e muito atrazadas em referencia á hydrographia geral! Servindo-se de taes cartas poderia ir-se, e de certo se ia, á descoberta de terras novas (para o mappa), se os commandantes não comprassem outras mais modernas! Felizmente, devem ter acabado todas estas *economicas velharias* com o actual gabinete hydrographico annexo ao observatorio de marinha, que para satisfazer ao fim da sua creação deverá sempre achar-se fornecido do melhor e mais recentemente publicado n'esse genero. Assim seja.

No dia seguinte, ao romper da alva, continuou-se a navegação para Ajudá, correndo para leste ao longo da terra na distancia de duas milhas proximamente.

Dez milhas a leste do ponto em que ancorámos, vimos novamente dois ou tres barracões na praia, e em posição propria fundeado um outro vapor do cruzeiro inglez, collocado de maneira que do sitio aonde se acha, distingue os mastros dos outros cruzadores, que lhes ficam um a leste e outro a oeste. É assim que os inglezes vigiam toda esta vasta extensão do fundo do golfo de Benim; por fórma tal, que se torna quási impossivel poder escapar-se qualquer navio, que ali vá empregar-se no trafico de escravos. A distancias approximadas de dez milhas, acham-se estacionados vapores, sobre as ancoras, mas sempre promptos a larga-las e irem reconhecer alguma véla que appareça no horisonte, ou que busque a terra. Nos intervallos e um pouco mais ao mar, grandes escaleres ou lanchões armados bordejando constantemente, e tanto estes, como as vigias nos topes dos vapores, empregando sempre a mais activa vigilancia. É um serviço rigoroso e fatigante, não só pelos passeios em embarcações miudas em um mar quasi sempre cavado, e sempre sujeito ás trovoadas ou ás ventanias do sul; mas tambem pelos incommodos, mesmo para os que estão nos vapores surtos junto a uma costa brava, em todo o tempo alerta, quer pelos cuidados inherentes á sua situação, quer por aquelles das tentativas dos negreiros.

Porém o almirantado forçando-os a um serviço penoso, procura quanto póde alliviar-lhes os desgostos da ausencia e os enojos resultantes da falta de distracções. Duas vezes por mez, outros vapores transportes da estação, ou na falta d'elles algum cruzador, corre por todos *os estacionarios*, deixando as correspondencias particulares e officiaes, os jornaes, os viveres, e tudo que possa fazer approximar a sua situação

ao *confortable* do caracter britannico! Retiram por esses transportes as praças molestas ou já fatigadas do clima, recebem outras, conduzem as malas e as noticias com brevidade, e facilitando assim as ordens e o serviço, mostram a todos elles, que por estarem destacados em maus logares nem por isso estão abandonados! É que a previdencia de um governo habil cura de poupar os seus servidores, e de conserva-los no bom humor, tão necessario ao desempenho de commissões custosas. E não se julgue que isto só se faz por haverem grandes meios; com menos e muito menos ainda se poderia fazer alguma cousa! Sem tratarmos de outros pontos senão da correspondencia; —pois seria cousa muito difficil separar na repartição propria as cartas que são dirigidas a uma estação naval, como se faz para qualquer povoação, de maneira que depois do ponto central da estação, fossem enviadas para os diversos navios, e não succedesse, como agora, que ficam depositadas nos correios das colonias, até que o navio regresse com quatro ou cinco mezes de cruzeiro? E se isto não succede com um ou outro official, para quem um amigo tira as cartas e as envia, succede ao menos com os pobres marinheiros, que tambem têem direito a gosar dos beneficios das communicações velozes! Mas deixemos esta questão, que longe nos levaria, e voltemos as assumpto que tratavamos.

É uma poderosa estação a estação ingleza na parte occidental da Africa, e da qual a mais forte divisão faz o cruzeiro no golfo de Guiné. O que ella custa, fica compensado com a pratica que alcançam os seus marinheiros, com a preponderancia que adquire a sua bandeira, exercendo a supremacia ali como em quasi todo o mundo, e ainda lhes resta a gloria de terem, pelo menos n'aquelle sitio, acabado por agora com todos os embarques de captivos.

Pondo de lado todas as considerações, quer verdadeiramente

philanthropicas, quer de interesse proprio, que tenham levado a Inglaterra a tomar tanto a peito o evitar a escravidão, é comtudo forçoso confessar que não recua perante meio algum de tornar effectivo o impedimento á saída dos escravos africanos; pelo menos no que diz respeito aos embarques para o Brazil e para a Havana. Diz-se, e eu não deixarei de o acreditar, que algumas das suas colonias têem ganho com as apprehensões, que os seus cruzadores fizeram de tantos milhares de negros, poisque, quer como escravos, quer como homens livres, são comtudo braços que lá vão trabalhar! Assim será, e pena é que nós não tenhamos podido fazer o mesmo, que não veriamos então algumas das nossas provincias ultramarinas definhando, e perdendo-se á falta de quem as trate! Sem retrogradar das idéas do seculo, e não censurando por fórma alguma, antes louvando toda a prohibição á iniqua venda de carne humana, é comtudo bastante para lamentar, que em parte das nossas terras coloniaes faltem os trabalhadores, quando em outras abundam; sendo aliás tão facil passalos de umas a outras, sem a minima côr de escravatura, ou *corados*, da mesma maneira que o têem feito nações mais avançadas, só por serem mais poderosas.

No entanto, e já que a força dos tratados nos cohibe sequer de em tal pensar, e nos ordena de impedir *toda* a saída de pretos das nossas possessões (não fallo dos dez que acompanhem um colono pela maneira estabelecida nos mesmos tratados), vejamos a fórma por que lhes damos cumprimento.

As nossas estações navaes estão pequenissimas; e a da costa occidental da Africa, que tem a vigiar todo o litoral da provincia de Angola n'uma extensão de dez graus, e que ainda lhe cumpre igual serviço nas ilhas de S. Thomé e do Principe, está reduzida a um estado tão inferior ao que deveria ser, que equivale quasi a zero! Todo o cruzeiro ou bloqueio que não

seja apoiado pelas forças necessarias, não póde considerar-se effectivo. É esta uma proposição de direito maritimo, que hoje não soffre contestação; e muito menos ainda para os audaciosos contrabandistas negreiros, aos quaes o apparato do ganho, aindaque muitas vezes problematico, obrigaria á tentativa de forçar vigorosos bloqueios, quanto mais a procurar uma costa mal defendida e de facil accesso emquanto á navegação.

Em todo o vasto litoral da provincia de Angola, excluindo as cidades de Loanda e Benguella e a villa de Mossamedes, ha só quatro postos militares (Ambriz, Dande, Novo Redondo e Egyto), e que quasi não podem dispor de um soldado para velar n'um ponto suspeito. Bem lhes custa a defender-se das incursões do gentio; e sem entrar na indagação de outras causas, basta a falta de soldados e de fortins ou quarteis aonde os dispor pela costa, para concluir que pouco ou nenhum serviço fazem para evitar o trafico. Medeiam graus entre os mencionados postos, e vão graus d'ahi aos extremos do nosso territorio, e todos esses grandes intervallos não podem com certeza ser vigiados por dois navios de que se componha a estação, nem mesmo por tres ou por quatro.

E não se diga que acabou a escravatura na nossa provincia de Angola! É uma illusão em que muitos laboram, porque ella se não faz hoje com a força com que se fazia ha vinte annos. Mas faz-se, e não se devem acreditar as negativas vulgares entre os habitantes da provincia, de que uma boa parte (salvo honrosas e muitas excepções) são interessados na continuação de um tal negocio, ou podem mesmo ter ainda pendentes interesses de contas antigas. Se assim não fosse, se a não houvesse, como se explicaria o grande numero de presas do cruzeiro inglez, e mesmo a pequena parte, com que, na proporção de suas forças, entrou n'esse serviço a estação portugueza.

São sempre suspeitas como fallaciosas todas as negações, que possam apresentar-se em referencia a deixar de fazer-se o trafico na parte da Africa aonde dominâmos; poisque não é crivel que jamais desprezem os sitios aonde encontram maior facilidade por estarem quasi abandonados, ou pelo menos mal guardados, quando o tentam, mesmo repetidas vezes, até n'aquelles pontos defendidos por uma esquadra imponente.

É notorio que se têem feito alguns embarques por toda a Guiné, e ainda n'este anno um grande vapor pretendeu *recallar* (buscar o logar destinado para a carregação) na costa de Benim, apesar de tantos estacionarios e cruzadores; e só deveu ao seu grande andamento escapar-se d'aquelle cruzeiro. E ainda depois o mesmo, ou outro navio, foi ás proximidades do Zaire tentar fortuna, livrando-se ainda ahi, da activa perseguição que lhe fizeram alguns vapores inglezes e um portuguez.

Não é então permittido duvidar que os negreiros trabalham, e que de algumas vezes a felicidade possa coroar suas audaciosas emprezas.

O meio verdadeiramente proficuo de evitar, que nas nossas possessões se pense no iniquo trafico de homens para o estrangeiro, é desviar os espiritos dos ganhos phantasticos, ou ao menos muito duvidosos de taes especulações, e mostrar-lhes bem perto os productos claros e valiosos da terra que pizam e a que mal lançam os olhos! Fazer-lhes o que tentava um ministro de que a marinha chora a perda, e que os habitantes illustrados das colonias lamentam com tanta rasão, provar-lhes o que o algodão e a canna podem render n'esses torrões ainda incultos, mas tão bellos e tão extensos; anima-los e sustenta-los no principio, protege-los sempre; formar-lhes companhias poderosas de navegação e de commercio, facultar-lhes os meios de adquirirem os trabalhadores precisos, hoje brutos,

mas que depois de uteis aos mais, sabe-lo-hão ser a si e aos seus; e abrindo-lhes os caminhos do interior tão rico da Africa, não os abandonar depois. Estradas, força e communicações rapidas e certas com a metropole; ahi está o progresso da Africa, e não em sonhadas utopias de instituições liberrimas, nem em velleidades pueris de liberdade a quem a não comprehende[1]!

Porém, emquanto os nossos compatriotas da colonia de Angola não quizerem reconhecer todos as multiplicadas riquezas do solo, e os seus verdadeiros interesses na agricultura; emquanto forem necessarios os meios coercitivos para impedir a exportação dos pretos, e mesmo depois para evitar *tentações* de qualquer genero de contrabando, ha só um meio de o levar a effeito, dispendioso sim, mas que não podia falhar. É o estabelecimento de fortins, ou postos armados a distancias regulares por toda a costa, e o augmento da estação naval ao numero de seis ou oito navios, que podem ser pequenos, mas que devem ser todos ou a maior parte a vapor; porque na actualidade um navio sem machina, não póde ser considerado cruzador, e está sujeito a soffrer uma desfeita do menos atre-

[1] Quem espera que o trafico da escravatura para as colonias da America só acabe *quando acabar a escravidão na Africa,* concede-lhe por certo uma duração de seculos; porque nem os estados independentes da Africa, cujo regimen normal é o feudalismo da escravidão, obedecem á voz dos civilisadores; nem na Africa, que nós queremos fazer agricultora, poderá tão cedo haver cultura sem escravos; a escravidão *interna* ha de pois ali prevalecer, mau grado á philanthropia; mas a exportação de escravos ha de ir acabando á proporção que se lhe forem *vedando as saídas,* e que os braços que se exportavam d'antes para irem cultivar terras da America *se forem applicando a extrahir das terras da Africa, o mesmo que a America produz!* (Lopes de Lima—*Ensaios sobre a estatistica de Angola.)*

vido de todos os piratas, mas que disponha de um helice ou de umas palhetas! O mesmo que se diz para Angola, applica-se para as outras colonias; mas principalmente em Angola, o que temos como estação é nada, e nada ou quasi nada se faz.

CAPITULO II

Diversas denominações da costa da Mina—Apparencia d'esta e perigoso banco que a prolonga—Communicações com a terra no ancoradouro de Ajudá—Desembarque do governador de S. Thomé e recepção pelo Xáxá.

Não são talvez para agora todas estas reflexões, quando caminhâmos para leste ao longo da costa da Mina, buscando Ajudá. Passaramos um ponto em que estava fundeado o vapor inglez *Sparrow;* ponto composto de alguns barracões na praia e uma aldeia no interior denominada pelos indigenas o *grande Pópó.* É situado n'uma entrada da estreita mas comprida lagôa, que pela parte de dentro da praia se estende para leste até Ajudá, e para oeste até alem do cabo de S. Paulo. Este nome de *Pópó,* que é tambem commum a um outro logar trinta milhas ao poente, *Pópó pequeno,* faz que esta parte da terra seja tambem chamada costa dos Pópós. É assim que a grande extensão da costa da Mina desde cabo de Palmas até Biafra (rio de Mafra dos antigos escriptores portuguezes—Biafra das cartas inglezas), se acha dividida em porções, que tomam diversas appellações dos logares mais distinctos que encerram, como Pópós, Benim e outros; ficando d'esta fórma verdadeiramente circumscripta a denominação de Mina só á parte comprehendida entre rio S. André e cabo S. Paulo; quasi a meio da qual se acha construido o castello de S. Jorge, antigamente nosso. Porém tudo em geral se denomina costa da Mina, e assim é mais conhecida.

Toda esta costa da Mina, dos Pópós, ou ainda dos Escravos, como a chamavam os nossos antigos navegadores pelo muito commercio que d'elles ali se fazia, é baixa e arenosa, cansando-se a vista a procurar por toda ella algum ponto mais distincto que sirva de marca ou *conhecença;* o que debalde se tenta, pois nem se vê algum sitio mais pittoresco que agrade aos olhos, affectados por tanta aridez, por tão magra vegetação, apenas representada por alguns estiolados arbustos e uma ou outra solitaria arvore, definhada nas seccuras do areial.

De certo, pelo interior d'estas dunas, o aspecto geral do paiz é outro, e bastante differente, como eu proprio depois vi desembarcando em Ajudá; mas a apparencia é esta para quem vem do mar, produzindo no espirito a desagradavel sensação de um deserto nú e condemnado á esterilidade[1]!

Como complemento obrigado a tão feio painel, é toda a costa prolongada por um banco movel de areia, que mais ou menos se approxima da praia em diversas epochas do anno, e aonde vem desdobrar-se altivas as vagas recalcadas para o fundo do *golfo de Benim,* pelas correntes do mar de Guiné, e pelos ventos que n'estas paragens batem quasi sempre de chapa na costa.

A impressão que tudo isto deixa no animo do viajante, é de tristeza e desalento; e admira-se não só a coragem, mas sobretudo a perseverança dos nossos velhos descobridores, que com os poucos ou nenhuns meios que lhes facultava a sciencia do seu tempo, ousavam aventurar-se por todos estes ma-

[1] *Esta costa apresenta um cordão de terras baixas... mas fecundas, verdejantes, bem arborisadas, e de uma apparencia encantadora!* Assim dizem os *Ensaios estatisticos,* e é assim que muitas vezes se escreve curando por informações mentirosas! O illustrado auctor dos *Ensaios* nunca lá tinha ido, e eu posso affirmar que não é *apparencia encantadora,* é realidade desoladora.

res prenhes de mysterios, e lançando-se por entre a brava ressaca das costas, abordar a estas praias torrificadas por um sol a prumo, sem mesmo saberem como seriam recebidos por aquelles que as habitassem.

O nosso sincero cosmographo Pimentel, fallando com aquella sua linguagem simples aos pilotos do seu tempo, curando tambem por informações, mas verdadeiras, diz bem claro: «Do —Ningo— até ao rio —Velho calabar— na extensão de um cento de milhas, não se encontra uma só pedra da grandeza de uma noz (entre estes limites fica Ajudá)», e continua, «de alem do cabo de Palmas até Benim, em uma costa de 1:400 milhas, não ha um só rio navegavel; nem uma bahia ou porto em que possa um navio entrar e ficar abrigado». Á excepção de S. Jorge da Mina e um outro rio de difficil entrada, não ha pois ancoradouro seguro.

Ás tres horas da tarde d'esse mesmo dia, fundeámos junto a um outro vapor inglez o *Antellope,* em frente da povoação de Agra, ou Ajudá, ponto do nosso destino. Tem a mesma apparencia que qualquer dos outros dois logares, que já haviamos visto, na praia alguns barracões, e para o interior distinguindo-se com oculo, casas em distancia e cercadas por alguma fraca arborisação.

As communicações com a terra são muito difficeis, senão de todo impossiveis, quando não sejam effectuadas por meio de embarcações proprias da costa; grandes mas leves canoas de duas prôas, e algumas d'ellas feitas de um só pau. São tripuladas por doze a vinte pretos minas (de S. Jorge da Mina e arredores), que vão remando ou *pagaiando* com pás (pagaias) curtas ao som de monotonos cantos, emquanto um a que chamam *piloto,* vae em pé á prôa espreitando a *sota* em que póde no collo da vaga montar o banco, para então fazer signal ao patrão que governa atrevido sobre a praia, mandando remar

com toda a força. Estes pretos minas fazem ali todo o serviço de embarcações miudas, cargas e descargas de navios, e todas as feitorias na costa têem engajados ao seu serviço *companhas* d'elles, que mandam buscar á Mina, ou S. Jorge. São pretos fortes e conhecedores do banco, aindaque segundo dizem, menos atrevidos que os *krowmen's* (homens de Krow, costa de Krow entre a Liberia e cabo de Palmas), que fazem o serviço nos navios de guerra inglezes. Póde dizer-se que são os cabindas do golfo de Guiné, poisque, como estes em Angola, encontram-se por toda a parte no serviço das embarcações.

Estavam ancorados tambem em Ajudá, alem do vapor inglez, quatro ou cinco mercantes de varias nações, mas nenhum portuguez. Emquanto ali nos demorámos largaram uns e chegaram outros, não havendo nunca numero inferior ao apontado. Largaramos ancora em sete e meia braças de fundo, e este de areia e lodo duro que segurava bem o ferro; marcavam-se os barracões proximamente ao norte da agulha, e distava-se da praia talvez uma e meia milha. Durante a nossa demora receberam-se algumas pipas de agua, que não era de muito boa qualidade, por ser tirada dos poços cavados na praia (cacimbas), e ainda peior por ter sido conduzida em vasilhas que haviam servido a aguardente.

Apesar de tremularem no tope grande e no penol da carangueja bandeiras portuguezas, e de se dizer que ali possuiamos alguma cousa, ninguem se incommodava pela nossa presença; e ficariamos sem communicação com a terra se não aproveitassemos a embarcação do serviço de um dos barcos mercantes, pela qual se mandou no dia 7 uma ordenança com um officio do governador geral, para um irmão do ultimo governador que ali houvera (ou na sua ausencia outro qualquer portuguez), rogando-lhe que desse as precisas providencias para o desembarque do mesmo governador e seu acompanha-

mento, e que fizesse entregar um outro officio que se lhe remettia á principal auctoridade indigena, noticiando-lhe ao que ali se ia. Voltou a ordenança com a resposta, que por causa das participações que eram de necessidade fazer-se ao Avogá, primeiro representante do rei de Dahomé n'aquelle ponto, e dos preparativos que este havia de ordenar para a devida recepção do governador como representante do rei de Portugal, só no dia seguinte se poderia desembarcar, isto se o banco o permittisse! Queria dizer se sobre o banco não houvesse vaga excessivamente alterosa ou rebentando com furor, e por consequencia houvessem probabilidades de se não virarem as canoas, e evitar-se algum sinistro.

Mandava esta resposta o mesmo Francisco Felix de Sousa, a quem se havia officiado, e que por ser descendente de um portuguez que ali teve uma colossal fortuna e grande imperio, conserva ainda uma certa preponderancia no paiz, e mesmo o titulo que a seu pae foi conferido pelo Dahomé de —*Xaxá*—, ou governador dos brancos.

Com effeito, na manhã do dia seguinte 8 de março vieram a bordo duas boas embarcações pertencentes a uma feitoria brazileira, e de que o feitor ou agente João Branco, portuguez, natural da Figueira, graciosamente as offerecêra para este acto; bem como continuou a presta-las para o serviço da escuna, sendo por isso só necessario pagar ás companhas, o que é baratissimo; pois se ajustam por viagens, e por cada uma se lhes pagam duas garrafas de aguardente, e em moeda da terra (busio) o equivalente a 333 réis de Portugal. Diga-se aqui que foi este Branco, que muito se esmerou sempre em nos coadjuvar em tudo; revelando bem o seu patriotismo na alegria que mostrava ao apparecimento de portuguezes em missão de serviço. Portuguez, vindo do Brazil por conta de uma casa commercial d'aquella nação, estava ainda animado

dos patrioticos sentimentos que tão distinctos fazem os nossos irmãos que ali vão buscar fortuna. Este individuo veiu a bordo do deputado pelo *Xáxá* para receber o governador, vistoque aquelle por causa do seu titulo, não póde saír da terra sem licença especial do rei de Dahomé.

Largámos de bordo, o commendador Almeida, seu ajudante, eu e o dito Branco em uma canoa, emquanto na outra iam o alferes, o capellão e alguns officiaes do navio, para tornar mais apparatoso o acompanhamento do governador.

Emquanto a escuna embandeirada nos topes, salvava em honra do mesmo governador, vogavamos para a praia, aonde se viam muitas bandeiras e centenares de negros, disparando petardos e lançando foguetes.

Após talvez vinte minutos de navegação estavamos perto da orla do banco, que me pareceu distar cousa de oitenta ou cem metros da praia, e sobre o qual se viam desenrolar as vagas, que não sendo n'este dia muito altas, comtudo por vezes encobriam a praia, os barracões e os homens. N'esta occasião as embarcações pararam, e emquanto os remadores debruçados sobre as suas pás, esperavam o signal para empregarem toda a sua força e ligeireza em fazerem vencer a passagem difficil, os pilotos em pé na prôa esperavam o momento propicio para o darem, e no entanto pretendendo encarecer o seu merecimento, faziam mil momices e tregeitos, como se o terror os possuisse e considerassem o seu papel superior ás forças humanas; invocavam as potestades maritimas, pedindo-lhes que não fizessem mal aos brancos, e os deixassem desembarcar a salvamento, e depois de aspergirem as ondas com algumas gotas (poucas) de aguardente, que sempre pedem para esse effeito, deram por fim o signal, e aproou-se á praia com toda a velocidade que podiam imprimir á canoa duas duzias de vigorosos braços.

Na praia estavam como disse centenares de negros, que quaes destemidos tritões, se achavam já em posição de se lançarem ao mar quando fosse preciso dar soccorro, e por isso é bem de suppor, que se n'esta occasião alguma embarcação se virasse não houvesse a lamentar caso fatal; comtudo bom foi que não se fizesse a experiencia.

Com todas as momices da invocação perderam-se duas ou tres *sotas* favoraveis, e quando no collo de uma vaga o piloto mandou aproar á praia a canoa em que eu ia, fomos logo seguidos por duas ou tres vagas de bom tamanho, de que uma nos encapellou completamente, fazendo quasi atravessar a embarcação. Ainda esta não tinha alcançado a praia, quando estavamos já cercados por duzias de pretos, que nos agarravam como fardos e sacavam d'ella para fóra.

Achei-me em terra sem saber como, ainda ao collo de tres negros, que na força do enthusiasmo de me tirarem de bordo me haviam trilhado dolorosamente os membros. Estava molhado da cabeça aos pés, não tinha um fio enxuto, e no mesmo gosto se achava ao meu lado o governador[1].

[1] O desembarque na praia de Ajudá é sempre incommodo e perigoso, e tanto que é noticia tradicional entre os europeus ali persistentes, que tendo lá desembarcado não sei em que epocha o principe de Joinville correndo bastante risco, dissera depois ás pessoas do seu sequito «quizera ver se Napoleão n'este caso empallidecia ou tremia?»

Não respondo pela veracidade do dito, que aponto só pelo ter ouvido contar; nem mesmo tenho certeza de que seja verdadeira a ida do principe áquella paragem; sabendo comtudo que a fragata franceza *Belle Poule* do seu commando, andou pelo golfo de Guiné e explorou o rio Gabão, aonde se conservam ainda nomes de cabos e de pontas, que recordam o alto visitante francez, e fizeram riscar das cartas as denominações que haviam sido dadas pelos nossos antigos portuguezes.

Á frente da multidão negra, e cercado por muitos mulatos seus parentes, e alguns residentes europeus, portuguezes e estrangeiros, estava o citado *Xáxá* Francisco Felix de Sousa, tendo junto de si tres umbellas de grandes dimensões feitas de sedas de cores com franjas, sendo uma d'ellas de muita riqueza.

O uso das umbellas é considerado em todo o Dahomé como uma grande distincção, que só póde ser concedida pelo rei, não sendo permittido aos agraciados indigenas nem sequer emprestarem-nas a outros individuos. Comtudo sendo o *Xáxá* para certas cousas considerado estrangeiro (aindaque na maior parte dos casos, como mostrarei, seja olhado como subdito dahomeano) é-lhe permittido fazer as honras da umbella, muito principalmente quando se tratava da recepção de uma elevada categoria. O *Xáxá* póde ter guarda de escravos seus armados, e n'esta occasião estavam presentes talvez oitenta ou cem, vistosamente ataviados de bonitos pannos traçados, e armados todos de soffriveis espingardas, machadinhas ou machetes (espadas curtas) e cingidos de cinturões de couro com bem feitas cartucheiras, quasi todas orladas com enfiadas de busios, que as tornam muito vistosas e engraçadas.

Havia mais quasi outros tantos pretos igualmente armados, e que depois soubemos serem do numero dos escravos ainda existentes e pertencentes ao forte portuguez. Todos estes juntos á grande quantidade d'elles que tocavam businas de chavelho, matracas, tambores e outros muito mais imperfeitos e discordantes instrumentos bellicos, dansavam e cantavam, fazendo uma infernal orchestra, que ainda era acompanhada por bombas, tiros de espingardas, e as descargas de duas pequenas peças de bronze, a que a areia servia de carretas.

O *Xáxá*, homem pardo, de apparencia regular e sympathica

physionomia, é bastante acanhado de maneiras, e um pouco falto de desenvolvimento, talvez resultado da grande força de habito de lidar quasi sempre com pretos. Estava vestido com pouca propriedade, aindaque trazendo ao pescoço pesados grilhões com cruzes de oiro, e nos dedos quantidade de grossos anneis; tinha na mão um cachimbo de avantajadas dimensões, e uma bengala grossa de castão de oiro, que lhe serve de insignia no seu trato com as auctoridades indigenas. Cobria-se com um gorro de velludo verde, com borla e galão de oiro, e que não sei se por capricho seu, ou por costume antigo dos antecedentes *Xáxás*, é hoje tambem considerado como um distinctivo do seu grau na terra, poisque sempre depois vi que andando coberto usualmente com outro boné ou chapéu, punha sempre aquelle quando se tratava de visitar os figurões do paiz. Dos parentes que o seguiam, alguns bem trajados e conversando regularmente, mostravam que haviam recebido educação fóra d'aquelles sitios e em terras mais civilisadas.

Feitas e recebidas as necessarias apresentações, debaixo das umbellas nos dirigimos para um barracão proximo, sob o qual estavam dispostos alguns refrescos e garrafas de vinho do Porto, com que se fizeram as saudes a El-Rei D. Luiz e ao rei de Dahomé, acompanhadas por novos fogos de alegria.

Foi d'ali passado algum tempo, que nos mettemos nas redes ou macas suspensas em que pegam quatro carregadores, e que tomámos o caminho de Ajudá, sempre cercados por aquella multidão, dansando, cantando e dando tiros.

CAPITULO III

Marcha para Ajudá—Comprimentos ao Cacaracu, e saudes com agua—Lagôa interior Recepção pelo Avogá—Grandes do reino—A aguardente e os pretos.

A cidade de Ajudá é situada a tres ou quatro milhas de distancia da praia do desembarque, e d'ella separada pela grande lagôa que atravessámos depois. Logo após de se largarem as dunas da beiramar, começa o paiz a apresentar uma outra vista de menos desolação. Perfeitamente plano e sem a mais pequena eminencia; quasi sempre arenoso, mas tambem em sitios barrento e pantanoso: comtudo já se vê alguma vegetação. Alas vivas de arbustos espinhosos, arvores annosas, e mesmo alguma (pouca) cultura de mandioca e *cará*. A estrada é larga e quasi toda bordada de arvores.

Depressa se teria feito a jornada, se fossemos sempre a caminho da cidade; porém era necessario receber e fazer comprimentos aos grandes das povoações por que se passava, o que levou algumas horas. Durante este tempo os fatos seccaram nos corpos, e só por milagre escapámos de alguma boa febre.

A meia milha da praia encontra-se a primeira aldeia, que se chama «Sumbungi». Fica collocada um pouco á direita do caminho, e tem na frente um largo, a meio do qual está uma grossa arvore. É sob esta arvore denominada da «palavra», e que todas as povoações têem como o seu pelourinho, que os

chefes administram justiça, e fazem pagar a palavra ou multa; poisque, segundo as regras de direito do reino, sempre se paga quer haja ou não haja rasão. Chamar a uma «palavra» é citar em acção de justiça, e desgraçados são aquelles que intentam qualquer questão de direito, ali aonde o direito mais do que n'outra qualquer parte é a força.

Perto d'esta aldeia saltámos das redes, e a pé debaixo das umbellas encaminhámo-nos para a arvore; veiu ao encontro do governador o *Cacaracu,* chefe ou administrador do povoado e vigia do porto, que nos conduziu para debaixo da arvore. Era um velho alto e magro, já com a carapinha e a barba quasi brancas, mas apresentando ainda certo garbo e attitude de um guerreiro. Depois do *Xáxá* lhe ter dito quem eram as pessoas que apresentava, respondeu «que já tinha sido previamente informado pelo «Avogá», e que portanto *consentia* em que passassemos ávante; mas que primeiro queria fazer os seus comprimentos, e mostrar-nos algumas das suas recreações». Em seguida a muitas cortezias e apertos de mãos, mandou vir uma bacia com agua e tendo-a primeiro provado, encheu alguns copos, com que todos tocámos acompanhando-o na saude que fazia pela nossa boa vinda. Fizeram-se depois outras, com um garrafão de genebra. É costume ser o principal brinde sempre com agua, bebendo primeiro para mostrar que não tem veneno e se póde tomar sem receio. Começaram então as dansas e batuques pela gente da aldeia, que como todos os folguedos de pretos se reduziam a lutarem, a qual havia de gritar mais e dar mais saltos.

Feitas as despedidas, e entrando nas macas, seguiu-se a marcha ainda por duas vezes interrompida por scenas identicas.

Chegámos á lagôa, que n'este ponto é vadiavel, e tem de largura talvez quinhentos metros. É toda ella navegavel pelas

canoas do paiz, em que não só os naturaes, mas tambem os europeus fazem viagens, quando querem dirigir-se a qualquer dos pontos da costa, por detrás dos quaes ella passa. Nas epochas de chuvas alarga-se pelos terrenos vizinhos, mas não sobe de nivel, dando sempre vau no logar em que a atravessámos.

Os quatro carregadores, com agua pelos hombros, elevando os braços o que podem, seguram assim aquelle que conduzem livre de tocar no liquido, mas n'uma posição bastante incommoda. Comtudo não offerece perigo de se tomar um banho forçado, salvo se todos os quatro carregadores caíssem ao mesmo tempo, o que é pouco provavel.

Chegados ás proximidades de Ajudá, e debaixo de uma frondosa arvore, tomámos logar em cadeiras que trouxeram escravos do *Xáxá,* junto de uma mesa sobre a qual se achava o beberete que nos offerecia o Avogá, antes da entrada na sua cidade. Era ali que o haviamos de esperar, para vir fazer as honras de *boa vinda* ao governador e seu acompanhamento. A mesa estava coberta de um sem numero de frasquinhos de varios feitios, e em muitos dos quaes ainda se viam as *etiquetas* das aguas de cheiros, ou dos oleos a que tinham servido. Continham liquidos de cores diversas e de nojenta apparencia, fellzmente comboiados por meia duzia de botijas lacradas, nas quaes se reconheciam os sellos da velha Hollanda, que a não ser assim, não poderiamos, apesar de cansados e suados, fazer honra ao festim de recepção.

Logo depois sentiu-se grande vozeria e alarido tal, que sobresaía áquelle que nos acompanhava desde o desembarque, e viu-se do lado da cidade apparecer um grupo immenso de pretos com bandeiras. Parando a distancia o maior numero, avançou um d'elles que apresentou ao governador um pequeno pau curvado n'um dos extremos, e todo cheio de relevos e enfeites de prata. Segundo o que explicou o *Xáxá* é o que elles chamam

«mapô» distinctivo de commando militar, e que tambem se envia quando se quer indicar á pessoa a quem se entrega, qual aquelle que o vae visitar, ou comprimentar. N'este caso serve então como se fosse o *bastão,* bengala particular a cada individuo, e de que sempre se faz uso como signal de reconhecimento. Nunca se envia nem mesmo um recado, segundo os usos do paiz, sem ser acompanhado pelo competente *bastão,* que é conduzido por um dos principaes familiares, que tem a denominação de moço do bastão.

Era pois um official do Avogá (ou Avogã, segundo melhor pronuncia), vindo significar ao governador que aquelle o vinha comprimentar. Respondeu-se-lhe enviando-lhe o *bastão* do *Xáxá,* o que queria dizer «está reconhecido e póde avançar».

Estavamos sentados em semicirculo, o governador no centro, commigo á direita e o *Xáxá* á esquerda; pelos lados todos os mais officiaes, e na retaguarda toda a multidão que nos acompanhava. Da direita avançava o cortejo, que successivamente nos ia passando pela frente.

Vinham primeiro um bom numero de musicos, soprando, tocando e tangendo grande variedade de instrumentos, mas todos de sons horripilantes, e fazendo infernal barulho. Seguiam-se os porta-bandeiras, trazendo nos extremos de paus bocados de sedas e algodões diversos, de que me não foi possivel colher a explicação, se é que a tinham. Atrás d'estes caminhava um grupo de guerreiros bem armados, e no seu centro um que conduzia o «Ungã», tambor de honra do Avogá, insignia de chefe que tem direito a convocar para a guerra, unicas occasiões em que o manda tocar. Logo após alguns portadores de pequenas umbellas, e depois como no logar de honra «o mercador grande» do rei, precedendo o «Avogá». Na retaguarda marchava um grande numero de soldados fin-

dando o cortejo, a que precedia, seguia e cercava uma grande quantidade de povo. O mercador grande e o Avogá montavam machinhos, que pareciam comprehender a importancia do seu papel e tomavam um ar de gravidade carregando com tão respeitaveis personagens. Qualquer d'elles, era acompanhado por um preto com uma grande umbella, rodeado por outros que com muitos tregeitos e visagens agitavam cabaças ôcas e enfeitadas com enfiadas de bocadinhos de madeira, que produziam um ruido cavo e estranho; mas que parecia ser muito agradavel tanto aos magnates, como ás orelhudas alimarias, que sacudiam a cabeça ao compasso de tal musica. Por detrás de cada um dos *grandes senhores* um escravo conduzia a sua cadeira de honra, especie de largo X de madeira ordinaria.

As tropas pararam um pouco á direita, e o Avogá com todos que o precediam, fez duas vezes a volta da arvore, á sombra da qual assistiamos sentados a esta especie de marcha em continencia.

Depois apeando-se, veiu com o seu sequito tomar logar junto de nós, para se fazerem as precisas apresentações. Recebemo-los de pé. Houve muitos apertos de mãos acompanhados de repetidas cortezias, trocaram-se variados comprimentos em homenagem dos soberanos ali representados, e com agua (de que primeiro provou), o Avogá elevou a saude «a El-Rei de Portugal, que se não esquecia dos seus verdadeiros amigos de Dahomé». Foi correspondida com uma outra, que o governador dirigiu «ao poderoso rei de Dahomé, digno alliado de Portugal». Depois d'estas mentiras officiaes, seguiram-se alguns brindes particulares, que nós acompanhavamos com genebra, emquanto os pretos bebiam com delicia os nojosos philtros que continham os frasquinhos. Note-se que n'estas saudes tantas vezes feitas, havia para não nos embriagar-

mos felizmente o uso do paiz, que permitte que depois de ter feito menção de levar o copo aos labios, se possa passar intacto a qualquer dos pretos proximos, que com prazer se encarregam de o despejar. Sentaram-se todos e começaram as conversações e observações particulares, emquanto pela frente da arvore passavam em continencia, ao som dos batuques e gritaria, todos os soldados que acompanhavam o Avogá. Pareciam regularmente armados como os do *Xáxá,* e tanto estes como todos os que vi emquanto estive em Ajudá, eram pretos possantes, ageis e mostrando um todo marcial e atrevido; ao passarem entoavam canções guerreiras, a que os outros faziam coro com gritos, e todos elevavam as espingardas por cima da cabeça, dando-lhes movimentos rotatorios como a maças, ou achas de armas que pretendessem arremessar. Á marcha seguiu-se uma scena de corridas e de pugilato, que me foi explicado ser a representação de uma caça aos escravos ou perseguição aos vencidos após um combate. Fosse o que fosse deram-se galopes da força de um *pur sang* nas corridas de Derby ou Vincennes, e despediram-se soccos que fariam inveja ao mais perfeito *boxeur.*

Emquanto duraram estes divertimentos, os dois dignitarios dahomeanos conservavam-se serios e altivos, approvando com leves movimentos de cabeça, o que lhes parecia mais digno de attenção nos manejos das tropas, e só se distrahindo de as examinarem para dirigirem a palavra para o nosso lado, a fazerem alguma pergunta ou responderem áquellas que lhes mandavamos fazer. Nas conversações officiaes foi sempre o *Xáxá* quem serviu de interprete n'estas e em outras occasiões em que concorremos com os pretos; mas para os dialogos particulares, servia de lingua qualquer dos mulatos descendentes de portuguezes, e que todos fallam o idioma da terra, melhor que o portuguez.

O Avogá é governador da provincia maritima do reino de Dahomé, que pouco avança para o interior, mas que pela costa abrange o espaço de vinte leguas comprehendido entre Agué a oeste e Porto-novo a leste, como limites do reino. É por via d'elle que correm todos os negocios dos estrangeiros estabelecidos pelo litoral, e o seu poder é grande. Este cargo, como todos os outros, não tem duração ou tempo marcado, ou accesso estabelecido, é exercido por aquelle que o rei entender nomear, e dura emquanto elle o quizer. Comtudo o actual occupa-o desde 1839, por ter sido sempre muito bem visto pelo defunto rei, pae do que hoje reina.

É o Avogá um homem que parece ter perto de setenta annos, de beiços caídos e olhos desmedidamente abertos, dando-lhe á physionomia um tal ou qual ar de espantado, mas que comtudo não revela falta de intelligencia.

É excessivamente alto e bastante grosso; de modos pausados e demonstrando custar-lhe já a poder com o peso dos annos; quando falla demora as palavras e separa-as por exclamações interrogativas, como se logo depois de cada uma quizesse saber a opinião formada. Antes de responder a qualquer pergunta, fecha os olhos e encosta-se com um modo reflexivo, dando depois as respostas com um tom demorado, mas com a intimativa de quem diz cousas que não soffrem contradicta. Foi assim que disse em explicação á minha pergunta sobre as saudes com agua «que nem todas se deviam fazer com agua, mas só a primeira e mais graduada, em consideração de ser esta a primeira bebida que Deus apresenta para as necessidades do homem, que sem as outras póde passar, mas não sem esta». Vinha magestosamente embrulhado n'um panno entrançado de algodão e sedas de côr, dos que chamam pannos ricos da costa, e que de sobre o hombro esquerdo lhe passava a baixo do braço direito, e dando voltas ao corpo o cobria até

ao meio das pernas nuas e de pés descalços. Trazia ao pescoço um grilhão de prata e outros de cordão preto com enfiadas de *feitiços* de ossos e coraes; nos dedos das mãos e dos pés, anneis de prata, nos pulsos e nas canellas grandes argolões tambem de prata e de pedra. Sobre a cabeça um enorme chapéu de pello de seda, com copa alta e abas de dois palmos de largura, e no qual ondeava uma immensa pluma de pennas brancas. Tinha na mão o *mapô*, que empunhava como um sceptro.

Assim trajado, e tendo majestosamente recostado no banco aquelle asselvajado corpanzil, parecia uma pesada molle de granito preto, sobre a qual se lançasse um panno e um chapéu.

O *mercador grande* do rei de Dahomé, que fez parte do cortejo, é o mordomo mór da casa do rei, e seu principal comprador. É cargo de inteira confiança, porque trata de todos os negocios particulares do rei. Quasi sempre duas vezes por anno vem da côrte a Ajudá, visitar as feitorias dos brancos, e escolher o que lhe faz conta; ajustando sempre, mas deixando conta aberta, que depois só tarde ou nunca é paga. Os pobres vendedores lamentam-se, mas não reagem contra este procedimento, temendo maiores vexações, a que todos os estrangeiros estão sujeitos, mesmo os inglezes, apesar da proximidade de colonias suas, e da permanencia de seus navios na costa: comtudo é forçoso dizer-se que são os que menos padecem. Era n'um d'estes seus giros que elle então se achava em Ajudá.

Este *mercador grande* é um preto muito pequeno, mas extraordinariamente gordo e de ventre proeminente. Vestido da mesma fórma que o Avogá, só com a differença de ter negra a pluma do chapéu, era um verdadeiro paliteiro ambulante. Já idoso mas ainda fresco de maneiras, ligeiro apesar da sua pesada massa, olhos miudinhos e vivos, bôca de beiços gros-

sos mas franzidos respirando malicia, e um todo tal de velhacaria encapotada com maneiras affaveis, que não prevenia a seu favor.

Foram pois estes os primeiros *grandes* que vimos do reino de Dahomé. Todos os altos funccionarios, os capitães, os validos do soberano, os ricos, e em geral todos os homens de distincção são conhecidos pelo nome de *cabeceiras*, e formam a nobreza do reino; mas em particular só se diz *grande* aquelle, que é o primeiro, ou dos primeiros na sua classe.

Terminados os festejos da recepção, mettemo-nos nas redes e entrando na cidade, fomos para casa do citado Francisco Felix de Sousa o *Xáxá*, por quem sempre fomos hospitaleira e cavalheirosamente recebidos.

Até ahi nos acompanharam o *Avogá* com todos os do seu cortejo, e só se retiraram depois de novos comprimentos, e tendo recebido o Avogá, apesar da sua grandeza, tres garrafões de almude com aguardente, que lhe offereceu o Xáxá, *para os seus escravos!*

A aguardente, é a mola real para resolver todos os negocios na Africa. Nada se faz sem ella, e os pretos que facilmente se sustentam de banana e mandioca, que não conhecem nenhuma das necessidades que acarreta a civilisação, que sobre uma esteira, ou mesmo sobre o duro chão, dormem somnos que inveja o rico europeu recostado em fofas pennas, que nas suas acanhadas pucilgas, ou mesmo nas covas das rochas, vivem satisfeitos em podendo estender-se indolentemente ao pé da fogueira, os pretos que, o que mais aborrecem é o trabalho, tornam-se espertos, diligentes, activos, *e fazem mesmo bom serviço*, só na esperança de alcançarem aguardente!

É que tambem a natureza do clima convida essencialmente á indolencia, e são precisos os reagentes fortes para darem ao corpo a elasticidade perdida pelos copiosos suores; e que

até aos europeus, apesar da força, do vigor e da viveza que imprimem os nossos climas temperados, é mister usar do mesmo meio para readquirirem o que ali perdem d'essas qualidades; e se não passassem tantas vezes alem dos limites marcados por uma sabia hygiene, quanto menos teriam a temer da inclemencia da Africa!

Não são pois os pretos tão culpados, como a zona em que nasceram em não resistirem ao potente engodo da aguardente; mas é um facto incontestavel, que seja qual for a condição em que se achem, a sua corda sensivel é a bebida alcoolisada.

CAPITULO IV

A cidade de Ajudá—Immundicie geral, e meio extraordinario de conseguir alguma limpeza Costumes dos indigenas—Parte que n'elles tomam os mulatos portuguezes—Superstições e crenças—Religião da cobra

Ajudá é uma cidade grande, sita a mais de tres milhas do desabrigado porto de Agra ou Ajudá; e d'elle separado alem das dunas de areia pela lagôa de que fallei, e por dois charcos de agua infecta, que mesmo no tempo das chuvas não passa da altura dos joelhos. São vastos lamaçaes, e focos permanentes de miasmas putridos, que pelos ventos do mar são acarretados para cima da cidade, que assim tornam insalubre e pestilencial.

A cidade contém, segundo dizem os residentes, talvez de 18:000 a 20:000 habitantes, entrando n'este numero os soldados das tropas do Avogá. Tomou o nome do reino independente a que pertencia, e que no começo do seculo XVIII, ou fins do XVII foi conquistado pelo rei de Dahomé, e desde essa epocha faz parte dos seus dominios.

As casas dos pretos são todas baixas, de tecto de colmo, e muralhas de barro amassado com calhaus ferruginosos, porque a pedra falta absolutamente em todo o territorio. São quasi todas cercadas alem d'isso por um elevado muro, encerrando tambem pateos immundos, onde estão abertos os poços de que tiram a agua para se alimentarem, pela maior parte má e salobra, havendo comtudo alguns que a têem excellente.

Os mais miseraveis habitantes, que não podem occupar vastos terrenos com as suas edificações, e que só possuem acanhadas choupanas, buscam a agua lodosa dos charcos proximos, e bebem assim d'aquella sementeira de febres paludosas[1].

É a agua a principal falta de todo o reino de Dahomé, e que se junta ás constantes guerras e todas as outras causas de destruição, para darem em resultado a pequena população do paiz. É tambem pela raridade da agua, ou pela difficuldade em a obter, que se toma como signal de boa hospitalidade o apresentarem-na em primeiro logar.

As casas são todas separadas por largas e espaçosas ruas, que pelo seu chão plano e batido, offerecem um excellente piso, mas que se tornam n'um lameiro logo depois da mais pequena chuva; em alguns sitios porém da povoação a agglomeração das cabanas é grande, e forma estreitas viellas ainda obstruidas pelas immundicies.

A falta de limpeza é extraordinaria! Os naturaes são extremamente sujos, e os despejos fazem-se para qualquer lado, sem attenção ás vias do transito. Os encarregados de desobstruirem os caminhos e de aceiarem as ruas são uns repugnantes lagartos de cabeça encarnada, e umas aves de presa grandes (úrúbús) de cabeça pellada, pennas pretas, e quasi com a fórma de perus, que gostosos se encarregam d'essa tarefa, de que dão boa conta, alimentando-se dos restos immundos. É prohibido maltratar qualquer d'estes animaes, que conhecendo a protecção de que gosam, andam descaradamente por toda a parte, chegando a tornar-se incommodos, e sendo

[1] O clima de Ajudá participa da insalubridade de toda a costa de Guiné: as estações são quasi as mesmas que nas ilhas de S. Thomé e Principe.—*Lopes de Lima.*

sempre nojentos. É na verdade uma boa medida hygienica esta prohibição, porque de outra maneira poderia resultar uma epidemia.

Ha tambem uma immensa quantidade de cães, pequenos e muito feios, que não ladram como os da Europa, e uivam como lobos, com os quaes se associam á noite e correm as ruas em todos os sentidos, procurando o que tenha sido deixado pelos passaros e pelos lagartos. Os lobos são tambem de raça pequena, e não são perigosos, por serem excessivamente cobardes.

Nenhum natural subdito dahomeano póde ter casa elevada, ou de portas largas; não lhe é permittido chegarem mesmo á altura da casa ou palacio do rei em Abomé: ora como os muros d'esta só têem perto de dez pés de altura, as dos subditos ficam acachapadas choças, mais proprias para cães do que para homens. Comtudo esta lei não se estende aos estrangeiros, nem aos filhos do paiz descendentes d'esses, que muitos têem casas altas com sobrado, e algumas mesmo soffrivelmente construidas, e muito decentes, como aquella em que estive alojado com o governador de S. Thomé, e que é uma das pertencentes á familia Sousa.

Ha doze ou quatorze annos, quando o trafico dos escravos era em mais força, e que portanto havia em Ajudá mais residentes europeus e algumas fortes casas de commercio, o numero d'estes predios com sobrado e boa apparencia era maior; porém na actualidade quasi todos cáem em ruinas.

Os costumes dos indigenas resentem-se da barbaridade e selvageria das leis em que vivem. A vida de um homem é ali cousa muito pouco respeitada, para que se lhe ligue grande apreço e consideração. Assim, quasi todos são valentes e destemidos, formando optimos soldados para a guerra, mas tambem cidadãos muito turbulentos na paz. As desordens

entre elles são frequentes, as queixas repetidas perante as auctoridades, com o que estas têem grande satisfação, porque réus e queixosos todos pagam a *palavra!*

O vestuario, como já fiz notar, é o mesmo que geralmente usam em todas as partes da Africa, os negros a quem o contacto da civilisação não tem aperfeiçoado o gosto e feito nascer a decencia. Qualquer panno mais ou menos rico, e dando uma ou duas voltas em torno da cintura descendo até aos joelhos e subindo quando muito até aos peitos, é considerado sufficiente para supprir todos os nossos trajes; e mesmo nas classes inferiores e mais pobres, um palmo de trapo pendurado adiante é seguro por um fio em volta dos rins, serve da primitiva folha da videira, e faz que, como as estatuas dos nossos jardins, tenham satisfeito ás leis do pudor.

A moralidade é palavra e idéa a que se não liga sentido. As mulheres emquanto solteiras podem dar-se a quem quizerem, sem que isso lhes acarrete macula; mas tambem os paes, tutores, ou senhores se são escravas, não se esquecem depois de pedir a *palavra!*

A cada homem é licito ter tantas mulheres quantas podér sustentar, mas tambem pouco ciumentos para com os estrangeiros, é raro que tenham difficuldade em lh'as facultar, quando n'isso interessem. Os paes podem escolher os filhos a quem quizerem deixar a sua herança, e a esses fica, tirada a parte do dizimo, que volta ao soberano.

Não se entenda que o tal dizimo, seja forçosamente o decimo; é uma parte talhada a capricho, mas dizimo para a designar, e dizimeiro para mostrar o encarregado de a receber, são termos portuguezes de que usam (pelo menos em Ajudá), como muitos outros já adulterados, mas reconhecidamente de origem portugueza, e que bem claramente commemoram o imperio, ou a convivencia que tivemos por estes lados do mundo.

Os filhos desherdados ficam a cargo dos contemplados, para quem trabalham, e de quem são os primeiros escravos.

Os casamentos são actos de formalidades simples, como em quasi todos os paizes de leis pouco complicadas. Contratada, com os paes ou donos, a rapariga de quem um homem gostou, paga o preço ajustado, leva-a para sua casa, e se tem meios e vontade de o fazer, dá festejos e batuques; se não passa sem elles, e o enlace não é por isso menos authentico. Não lhe é porém permittido, ou pelo menos não está em uso o repudio da mulher que tomou, principalmente se esta houver filhos. Note-se que os descendentes de portuguezes, que ali existem em grande numero, vivem n'estes costumes do paiz, talvez pelo facto do abandono em que quasi sempre tem estado a igreja do nosso forte, e elles despidos da protecção da metropole e do jugo das nossas leis.

Os enterros são, ao contrario do que algumas vezes succede com os casamentos, sempre occasião de grandes banquetes e de extraordinarias pompas, tanto maiores, quanto o são a qualidade do finado e os meios da familia.

Durante os tempos em que o rei de Dahomé está em guerra não se podem sepultar os cadaveres, que por isso são depositados na propria casa, em caixões bem fechados e cercados de perfumes. Passam assim portanto dias e ainda semanas, e n'este tempo todo é constante a reunião das pessoas de familia e de amisade, e de grande numero de carpideiras chorando e berrando em côro. Nos intervallos, e principalmente á noite, com a casa mal illuminada, passam-se scenas da mais nojenta crapula e da mais infame devassidão.

Não ha propriamente religião estabelecida no paiz, e poucos são os individuos que formem uma idéa regular da existencia de um ser supremo. Acreditam no poder de um espirito do bem e de outro do mal, e sobre este thema variam as

crenças nos toscos idolos que fazem á similhança do animal, sobre que querem representar o espirito em que têem fé, ou que pretendem tornar propicio aos seus intentos. Para esse effeito construem de barro ou de madeira uma especie de figura, d'aquillo em que crêem, ou seja um reptil, um mammifero, ou um ente disforme; plantam-no em frente da sua habitação, ou mesmo a meio de uma rua, põe-lhe ao lado os votos ou dons que lhes fazem dentro de tigelinhas de barro, cercam tudo de um certo numero de paus a prumo sobre os quaes lançam esteiras, e assim que está construida esta cabana-templo, onde vão prostrar-se em adoração, todos a respeitam por maneira tal, que passam de largo, porque temem se as destruirem ou lhes tocarem, que aquelle espirito se torne para elles no espirito do mal. Este receio é geral não só nos pretos, mas mesmo nos mulatos naturaes de Ajudá; e um dos principaes membros da mais conhecida e preponderante familia que ali existe, homem que já tinha viajado e que até fôra capitão de navios negreiros, tornava-se caricato pelo medo que tinha de lhes tocar; não pela consideração de offender as idéas dos pretos, mas por acreditar piamente que lhe resultaria fatalidade.

Tanto podem as crenças arreigadas da infancia!

É d'estes *pagodes* africanos que se acham cheias as ruas de Ajudá, que sobre serem incommodos ao transito e feios á vista, são demais prejudiciaes á salubridade publica; poisque, como todos têem fé nos sacrificios cruentos, é vulgar degolarem aves ou quadrupedes, embrulhando-os em seguida em esteiras, que vão depositar junto aos idolos aonde ficam a apodrecer, até que as rondas nocturnas dos lobos se tenham encarregado de os consumir.

Alem de todos estes cultos particulares, ha em Ajudá uma seita seguida e mesmo obrigativa, que é a adoração das co-

bras. Estes reptis repellentes e antipathicos são objecto de grande veneração religiosa. Conservam-nos em cabanas aceiadas construidas de barro caiado, e cobertas de colmo. São estas redondas com portas e janellas sempre abertas, e tendo no interior vigas a prumo para as cobras se enroscarem e fazerem os ninhos em cestos pendurados ao longo dos paus.

Os sacerdotes usam os rins cingidos com pannos brancos e trazem na cabeça turbantes tambem brancos; não vi que fizessem ceremonias do culto, ou então não as fazem na presença de estranhos. Occupam-se em dar o sustento ás cobras e em as educar por fórma, que estão perfeitamente domesticadas. Pegam-lhes, sacodem-nas, tiram-nas dos cestos, e ellas não se mostram descontentes, antes se lhes enroscam nos braços ou no pescoço, com certas ondulações engraçadas, que parecem indicar meiguice. Estão tão mansas que até os estranhos as tomam, sem que ellas façam algum mal, comtantoque se lhes pegue com delicadeza, e sem as maguar.

Quando têem vontade de passear tomando o sol, sáem das casas sem que aos sacerdotes isso importe, e arrastam-se pelos terrenos relvosos, que circumdam os templos, encontrando-se por vezes a mais de quatrocentos metros, como vi.

Quando lhes parece voltam, ou qualquer preto as conduz respeitosamente ao templo.

Todos são obrigados a adora-las e respeita-las de maneira, que quando uma cobra em passeio atravessa um caminho e é vista por alguem, deve esse prostrar-se de joelhos ou ao menos fazer menção de ajoelhar emquanto ella passa, e depois beijar o sitio que pisou, antes de seguir seu caminho. Cumprem isto regularmente, e desgraçado d'aquelle que mesmo por descuido tivesse a infelicidade de as pisar, de lhes tocar com alguma pedra ou de as maltratar fosse como fosse.

Os que o vissem gritavam logo, reunia-se povo, e começava sobre elle a mais feroz perseguição, atirando-lhe pedras e dando-lhe pauladas até que se seguisse a morte, porém que esta não fosse resultado de ferimento de ferro; e só póde escapar-se, se na sua fuga encontrar uma grande peça de agua aonde possa mergulhar, porque depois d'esta ablução está purificado. Se não sendo perseguido for accusado e convencido de irreverencia para com as cobras, é condemnado a morrer queimado ligado a um poste; mas resta-lhe o mesmo recurso de fugir e procurar um banho, se o fogo lhe consumir as cordas, antes que esteja asphyxiado.

N'esta seita é considerado o porco como animal immundo, e aquelle que passar pela frente dos templos ou por um sitio em que a cobra ande, é infallivelmente morto ás pauladas.

Parecem as cobras costumadas a todos estes acatamentos. Têem uma certa gravidade e socego na sua marcha, e era cousa curiosa, quando nós os estrangeiros as encontravamos em passeio e paravamos a contempla-las, vê-las levantar as cabeças e olharem fito, como admiradas de se lhes não fazerem *salamaleks*.

Acima de todas estas cobras vulgares, que são esbranquiçadas na barriga com o lombo malhado de preto, de um metro de comprido e quasi da grossura do pulso de um homem, ha a cobra grande, o verdadeiro deus, que se não mostra aos estranhos e tem logar occulto no templo. É passeada pela cidade em dias especiaes dentro de um grande caixão, aos hombros dos sacerdotes, e estes dias annunciam-se com antecedencia para que todos fechem portas e janellas e não sáiam ás ruas, durante as horas da procissão, sob pena de serem considerados irreverentes e soffrerem a condemnação do fogo. Os europeus e mulatos que habitam Ajudá são os primeiros a sujeitarem-se áquella ordem, porque o menos que

lhes succederia, alem dos insultos, seria terem de pagar uma grande multa.

São fanaticos pela adoração d'este deus cobra; porém não nos constou que em Ajudá lhe fizessem sacrificios humanos, pois não podem considerar-se taes as penas de fogueira soffridas por não cumprimento da lei religiosa, nem mesmo os actos barbaros e indesculpaveis das matanças praticadas por occasião talvez de faltas de attenção. Comtudo para o interior em Abomé, na côrte do rei, sacrificam-se homens, quasi sempre prisoneiros feitos nas guerras, ou escravos já incapazes de serviço. Praticam esses actos revoltantes com a mais incrivel barbaridade, entregando-se com delicias ás mais ferozes scenas de carnificina; as victimas são lançadas ao povo do alto de um estrado aonde se acha o rei, isto depois de lhe ser cortada a cabeça, e ao corpo são feitos pela multidão todos os possiveis insultos; até que reduzido a uma massa medonha e informe, são deixados á margem como pasto a animaes carniceiros.

Parece até que alguns mais fanaticos, levam o canibalismo a comerem as carnes dos sacrificados, e a este respeito lê-se em um jornal francez[1] que em 7 de fevereiro de 1864, foram na ilha de Haïti, judiciariamente sentenceados á morte muitos negros de varios paizes, por anthropophagia, e que estes negros eram adoradores da cobra. Dá depois explicações sobre a seita religiosa da cobra, ou deus *vódú*, que nada adiantam senão em dizer que a cobra não é ciosa, e permitte a adoração cumulativa de outros deuses, comtantoque sacrifiquem seres humanos, bebendo-lhes o sangue e comendo-lhes a carne.

A tanto não chegaram as noticias que colhi sobre os logares, mas tudo é possivel admittir da parte de brutos fanatisados.

[1] *Monde illustré*, n.º 365. 9 avril 1864.

CAPITULO V

Da fórma de governo do reino de Dahomé — As mulheres do rei e os castrados; erros publicados a este respeito — O exercito dahomeano — Leis barbaras e egoistas — Funeraes dos reis — O rei Guezó e o actual rei Guelélé — O commodore Wilmot e a paciencia britannica!

A fórma do governo do reino de Dahomé é absoluta e despotica, e está em concordancia com o estado de rudeza em que ainda vivem estes povos. O rei é tudo, e á sua vontade nada resiste. A sua residencia principal é em Abomé; o seu palacio é uma casa grande e terrea encerrada dentro de um pateo, tendo á direita as habitações de suas muitas mulheres, e á esquerda os quartos da côrte e da recepção. No fundo estão os vastos edificios em que são encerrados os immensos thesouros das heranças reaes. Geralmente quando na côrte recebe estrangeiros, é no vasto pateo do centro do palacio, cercado por toda a sua côrte e mulheres, todos debaixo das reaes umbellas em grande numero.

Os seus principaes delegados no regio poder são os tres ministros, do interior, da justiça, e das relações estrangeiras. O primeiro, cujo cargo é chamado «Méú», trata do recebimento dos tributos, da venda dos escravos, do aprovisionamento geral, e de tudo mais que diga respeito á administração. O segundo «Mingá» governa os exercitos, e é o encarregado de fazer justiça. Tem demais como honra ser o primeiro carrasco, e a obrigação de decapitar os *cabeceiras* que tenham delinquido, quando o rei não os queira honrar, cortando-lhes

as cabeças por suas proprias mãos. Os calabouços e prisões do estado são mesmo em sua casa, e é sempre motivo de terror ser chamado a casa do ministro da justiça. O terceiro ministro é o «Avogá», que habita em Ajudá como governador da provincia, mas que está encarregado das relações com os estrangeiros. Ha porém na côrte um individuo que ali representa o Avogá, e por isso talvez alguns estrangeiros[1] o têem alcunhado de terceiro ministro, pondo o Avogá em quarto logar. Não é assim, segundo o proprio Avogá me informou; poisque todos os apontamentos que apresento, me foram fornecidos por elle, nas occasiões das muitas visitas que lhe fiz com o governador de S. Thomé, e em que depois de tratados os negocios, elle e os do seu sequito nos faziam muitas perguntas sobre os usos de Portugal, mas respondiam tambem com muito agrado a tudo que desejavamos saber. Alem d'isso tudo, bastaria como informador de todo o credito, o proprio interprete Francisco Felix de Sousa, que tem perfeito conhecimento dos costumes do paiz e organisação da côrte, aonde todos os annos passa algumas semanas.

Depois d'estes na ordem hierarchica seguem-se o «feiticeiro mór», consultado e ouvido sobre todas as medidas do governo, os chefes militares, o «mercador grande», e muitos outros dignitarios.

O rei tem centos de mulheres legitimas, e alem d'isso milhares de concubinas, que são as amazonas do seu exercito. Para a guarda particular do gyneceo das mulheres legitimas denominado «Ahoníê», para o exercicio dos cargos de espias junto das auctoridades, e em summa para todos os logares de inteira confiança, como validos do rei, existem os «ahocís» homens castrados, que só ao rei pertencem, e lhe são inteiramente dedicados.

[1] *Moniteur de la flotte,* mars 1857.

Lopes de Lima, nos *Ensaios estatisticos,* diz que esta especie de eunucos são homens sem defeito, e que na mais tenra infancia os preparam para o seu lastimoso estado de incapacidade, dando-lhes uma beberagem que os invalida de serem verdadeiramente homens! Isto não é assim, segundo as melhores informações que pude colher, e mesmo segundo o testemunho do proprio Sousa, que havia assistido a algumas d'essas preparações. Seja qual for a idade do escravo do rei a quem este queira fazer *essa honra,* é o feliz escolhido mettido em uma buraca, aonde bem entalado lhe fica meio corpo para cada banda, e assim posto praticam-lhe brutamente a horrorosa amputação, mutilando os miseraveis, de maneira que escapa um por cento de operados!!! E ficam dedicados ao rei!!

Assim que escapos de tal combate fazem parte dos «ahocís», são desde logo sujeitos de muita consideração, como *mignons* do soberano. Sob as penas as mais severas é prohibido que qualquer lhes lembre a sua precaria situação, e ainda mais severamente prohibido, que se lhes toque com a mão em qualquer parte do corpo. Em uma das nossas visitas a casa do «Avogá» aonde havia um «ahoci», quando estavam reunidos os *cabeceiras* para nos receberem e ouvirem, houve grandes gritos e espantos, levantaram-se todos soltando exclamações, porque eu segurei pelo hombro aquelle desgraçado, dirigindo-lhe a palavra.

Advertiram-me que estava perdoado por ser um *grande do rei de Portugal,* mas que nunca mais praticasse similhante cousa.

Todos estes infelizes são honrados com o titulo de mulheres do rei, e o principal d'elles que existe no palacio, é denominado «mulher grande». Que ironia!

Junto a cada um dos altos funccionarios ha sempre um d'elles exercendo as funcções de espião, para relatar ou fazer

relatar ao rei qualquer desconfiança de prevaricação. É assim que ha um com o «Méú», outro com o «Mingá», outro com o «Avogá».

Estas auctoridades não podem resolver o mais simples negocio, sem que esteja presente o «ahocí», e ainda mais um outro cabeceira, que é o supplente ao cargo. São ouvidos e consultados sempre como representantes do rei, e portanto os mais simples casos decididos em conselho de tres, cujos interesses oppostos é difficil combinarem-se. Quando os «ahocís» estão exercendo estes empregos de confiança regia junto a qualquer ministro, têem tambem as honras de «mulheres grandes».

Não será este facto que deu logar a dizer-se em um escripto estrangeiro[1], que no Dahomé havia tambem tres ministros femeas, das pastas do reino, justiça e estrangeiros? Parece-me provavel: e mesmo nunca lá ouvi fallar de outras *mulheres* occupando empregos *masculinos*, a não serem as amazonas soldados.

O exercito dahomeano é forte, e em uma grande parte composto de mulheres, ás quaes desde creanças são ensinados os exercicios militares. Tornam-se excellentes guerreiros, e nos ferozes combates, e nas terriveis carnificinas d'aquelles povos barbaros, disputam a primazia aos soldados homens. É-lhes prohibido o casamento, e só o rei as tem á sua disposição. Formam a sua guarda particular que o segue sempre, e deposita n'ellas inteira confiança.

Todo o exercito dos dois sexos é dividido em tres classes distinctas, pela maneira por que são armadas. Ha com fusis, com frechas, e com massas e machados. Os *mapôs*, paus curvos de que já fallei, conforme o seu feitio particular, designam em que classe é o commando.

[1] *Moniteur de la flotte*, já citado.

O respeito á pessoa do rei é immenso. Quando d'elle se falla todos ajoelham. Depois antes de se levantarem beijam o terreno, e lançam terra por cima da cabeça. Esta vileza e abaixamento, como lhe chamou o commodore Wilmot, que a viu praticar na presença do rei, faz-se mesmo na ausencia d'este, e só na presença do seu *bastão* conduzido por um official da sua casa, como eu e o governador de S. Thomé vimos, quando se recebiam recados do rei em casa do Avogá. Quando o recadeiro (outra palavra de origem portugueza), segue por qualquer rua, vão em grande distancia na frente alguns corredores annunciando «que vae passar o bastão do rei», e todos se desviam d'aquelle caminho, ou quando já não têem tempo voltam a cara para a parede, a fim de não profanarem com seus olhares o *bastão* do rei, que o recadeiro leva alçado na mão direita, mas coberto com um lenço de seda.

Só o rei póde usar chapéu de sol na mão á moda europea. A qualquer subdito a quem quer conceder a mercê de andar resguardado dos raios solares, consente-lhes o uso de uma umbella, mais ou menos rica, mas que ha de ser transportada por um escravo.

Elle só póde dormir em cama fofa, que é formada por grande quantidade de pannos de cores variadas, tecidos mesmo na Africa (pannos da costa) e sobrepostos uns aos outros. Todos os subditos dormem sobre esteiras, ou se já são pessoas elevadas, juntam a estas alguns pannos. Já se vê que todas estas leis de desenfreado egoismo, são mais vexatorias aos funccionarios de posição elevada, que têem ao pé de si perennemente os espiões.

Quando o rei está em guerra não se fazem funeraes, não se concedem caminhos, e não se devem dar tiros. Não conceder caminhos é não permittir licença para seguir pelas estradas, e aos proprios estrangeiros que habitam Ajudá é-lhes muito

difficultoso obterem, que se lhes consinta fazerem as suas viagens aos pontos da costa, e alcançam-n'o só á força de presentes.

As guerras fazem-se quasi sempre em janeiro e fevereiro, que é a estação secca, e após a guerra, quer desse ou não bom resultado, seguem-se os *costumes* na côrte. Consistem estes nas revistas e paradas que o rei passa ás suas tropas, e nos sacrificios que se fazem, para applacar ou agradecer aos deuses. São semanas continuadas de carnificina, porque aos sacrificios de grande numero de animaes diversos, seguem-se os de victimas humanas, as quaes são as mais *agradecidas* pelos deuses!

Se durante esta epocha quaesquer estrangeiros apparecem na côrte, são forçados a assistir até ao final dos festejos; como succedeu em 1852 ao tenente *Bouët,* representante da França, e em 1863 ao commodore *Wilmot,* representando a Inglaterra.

Quando chega o tempo dos *costumes* são mandados avisar todos os estrangeiros estabelecidos pela costa para que se dirijam á côrte, ou para que ahi se façam representar. Este ponto não é importante, uma vez que lá appareçam os presentes, e que estes sejam de valor; e sem se sujeitarem a estas condições não podem ter socego, nem deixar de soffrer maiores vexações.

Quando morre o soberano abre-se uma grande cova no meio de uma das suas casas, dando-lhe a fórma de cisterna só com uma pequena communicação para o exterior. No centro da cova deita-se o cadaver sobre uma pilha de coxins, e collocam-se-lhe á roda todas as mulheres entoando canções funebres, e chorando de certo verdadeiras lagrimas, porque estão condemnadas a nunca mais verem a luz do dia.

Mesmo assim por uma regra de humanidade, que parece

pouco propria de tão dannados selvagens, propina-se a estas desgraçadas o veneno, a fim de que não tenham a soffrer tanto, quanto soffreriam dos horrores da fome; mas vae a dóse graduada de maneira, que vão morrendo umas após outras, e que não existe nenhuma depois de vinte e quatro horas. Quando este acto está consummado começam a deitar-se para a cova os homens que hão de ir servir o grande rei na eternidade; mas com estes por serem fortes como homens, já não ha o dó, e portanto não ha a applicação do veneno. As mulheres amavam o seu rei e marido, e por isso não ha medo que d'elle fujam durante a vida eterna; mas os homens, que são escravos e podem querer abandonar seu senhor, quebram-lhes as pernas e os braços antes de se deitarem n'aquella caverna de horrores. Todos os dias, ás vezes durante mezes, se estão lançando n'aquella hecatombe, os escravos que as diversas terras, e os varios nobres, enviam para o serviço de seu defunto soberano. Todos vão para a cova com os membros quebrados, mas se são felizes e cáem em dia que o herdeiro do throno está de bom humor, levam tambem a cabeça partida para acabarem mais depressa. Aquelle medonho antro, que todos os dias se fecha e abre, bastava, quando sempre aberto, para empestar o mundo.

Isto é horrivel de se contar, e parece incrivel; mas é facto testemunhado por todos os individuos europeus, ou descendentes d'estes, antigos no paiz. Muitos d'elles foram obrigados a assistir aos funeraes do rei *Guezó*, o qual falleceu em 1859; e foi assim que seu filho o rei actual mandou matar acima de 2:000 pessoas.

O rei Guezó, que subira ao throno em 1817, pertencia ao ramo segundo da familia então reinante, e foi elevado ao poder por uma revolução para que muito concorreu o millionario Sousa, que deu origem em Ajudá á grande familia do seu

nome. Era este rei de caracter meigo e bondoso (relativamente), muito amigo dos estrangeiros, e evitando, ao que dizem, tanto quanto podia os usos sanguinarios do paiz. O seu nome designa «senhor do fogo».

Ao contrario (segundo as opiniões que d'elle formam os europeus e mestiços de Ajudá) o rei actual seu filho é uma fera sequiosa de sangue, exercendo por prazer e satisfação propria o mister de carrasco, nos sacrificios por occasião dos *costumes*, que elle tem feito mais barbaros, mais sanguinolentos e com muito maior numero de victimas. Os seus deleites são a guerra e as carnificinas. Subindo ao throno tomou os nomes de «Guelélé, Manhosé, Quini Quini Quini», que se traduzem «Senhor poderoso, sem igual, tres vezes leão» — e leão é na ferocidade, que não na generosidade.

Comtudo, embrutecendo elle mais os seus subditos com o seu jugo ferreo e sanguisedento, animando por seu exemplo os gostos da carnificina, excedendo no mal os seus antecessores, diz d'elle o commodore Wilmot[1] que o achou muito bem disposto a acabar *docemente* com sacrificios, e outros usos barbaros, que *a elle proprio* envergonhavam!

Quando recebe visitas officiaes, cercado da sua côrte e tendo junto de si o «Mingá» com o cutelo desembainhado, recosta-se sobre o «ungã» (tambor de honra) que é todo cercado de caveiras, e senta-se n'um escabello formado de ossos humanos, e são estes os trophéus que mais aprecia, e que com orgulho mostra, porque são craneos e tibias de inimigos que matou por sua mão!

Consente-se que visitem Abomé, e são apresentados ao rei todos os brancos, que lá querem ir, comtantoque levem

[1] Relatorio ao almirantado da visita ao Dahomé em 1863, traducção franceza do *Journal pour tous*.

bons presentes. Depois de lá estarem já não podem retirar-se sem licença especial d'elle, que só a concede depois de ter mostrado todas as suas grandezas, e quando já está satisfeito da presença *dos seus amigos,* a quem por lhes ter muita *amisade* obriga a soffrer todas as vexações e vilanias, determinadas na etiqueta humilhante da sua côrte, ou suggeridas pelo seu real capricho!

Tudo aquillo dura por semanas de aturado martyrio; e a um capitão de navios hollandezes, que visitára o rei e a algumas outras pessoas, ouvi dizer, que toda a vida corariam das baixezas que haviam praticado, forçados pela necessidade de se verem livres d'aquelle *paraizo.*

O proprio commodore Wilmot diz no seu relatorio, tratando da visita de recepção official: «Avançámos com toda a etiqueta requerida para o recinto onde se achava o rei, e ao chegar perto d'elle passámos *por todas as formalidades devidas ao poder soberano,* do que nos mostrou a sua satisfação *inclinando-se e saudando-nos com a mão!!!*» Pena é que o *honorable* representante da soberba Albion, não nos conte quaes foram *todas as formalidades devidas ao poder soberano* por que passaram elle e seu acompanhamento? Como supportou o orgulhoso bretão aquelle simples aceno de um negro inculto e rude, depois de todas as taes formalidades que se não atreve a contar? Mas não é preciso, porque todos conhecem a maleabilidade do caracter inglez, quando o seu interesse politico está em jogo; porém d'esta vez nada conseguiu, porque indo renovar as propostas de indemnisações monetarias, para acabarem com o trafico de escravos, foi-lhe respondido positivamente que não queriam findar tal commercio, uso do paiz, embora n'isso tivesse a Inglaterra muito prazer. E para isto alcançar esteve cinco semanas retido em Abomé, como elle proprio confessa.

Outro tanto não succedeu ao capitaine de vaisseau Desvaux,

commandante da fragata *Armorique,* e chefe do estado maior do almirante Lafond, que indo a Abomé em 1864, para se entender amigavelmente (ao que parece) com o rei, sobre o facto de invasão e extorsões praticadas por uma força de Dahomé, n'um ponto da costa sob o protectorado francez, e não querendo sujeitar-se a todas as formalidades da etiqueta dahomeana, teve que abandonar repentinamente a côrte, vindo a marchas forçadas até embarcar em Ajudá. Para obrigarem os carregadores das maccas a correrem, elles e os seus companheiros fizeram uso dos *revolvers* [1].

De tudo isto se conclue que o reino de Dahomé é um paiz selvagem, sem civilisação alguma, entregue ás praticas mais deshumanas, sem indicios de progresso proximo, e que parece que ainda tem retrogradado sob o governo do actual rei.

---

[1] Esta informação foi dada por Mr. L'Abbé-Piel, capellão da fragata *Armorique* e capellão mór da estação franceza na costa de Africa.

CAPITULO VI

Relações de Portugal com Dahomé—Primeiros que ali aportaram—Provas da convivencia antiga e seguida com os portuguezes—A familia Sousa e seu ascendente o primeiro Xáxá —Relações d'esta familia com o rei do paiz

Não são grandes as relações politicas que Portugal tenha entretido com o Dahomé, e mesmo não me consta que ultimamente tenha sido alguem officialmente enviado áquella côrte. Verdade é que todos os annos por occasião dos *costumes*, eram os commandantes do forte, ou directores do estabelecimento portuguez, obrigados a lá comparecerem; porém esta visita, longe de ter caracter algum diplomatico, ou sequer official, era a mesma a que pelas circumstancias são forçados os feitores e negociantes da costa, que vão levar presentes. É tradição constante em Ajudá, que nos primeiros annos d'este seculo houve uma embaixada do rei de Portugal ao Dahomé, que foi correspondida por uma outra d'este soberano, de que o enviado embarcára em Ajudá n'um navio portuguez, no qual passára á côrte de Lisboa, e que voltando contava maravilhas!

É provavel que, se houve tal embaixada, o enviado dahomeano não visse Lisboa, mas sim o Rio de Janeiro, onde então era a séde do governo; e mesmo pela maior facilidade de encontrar conducção para aquelle ponto, poisque n'essa epocha havia muita navegação entre o Brazil e a costa da Mina.

Comtudo é ainda possivel, e a isto mais me inclino, que pela proximidade das datas, seja confusão com identico facto,

pela fórma seguinte citado em um dos nossos distinctos historiadores[1].

«Vicente Ferreira Pires, natural da Bahia, partiu d'esta cidade a 29 de dezembro de 1796, como enviado de Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, em companhia de *D. João Carlos de Bragança, embaixador ethiope do rei de Dahomé*. Foi a Dahomé e voltou á Bahia, onde chegou a 5 de fevereiro de 1798. Escreveu e offereceu ao principe regente em 1800 a *Viagem da Africa no reino de Dahomé*, manuscripto em 4.° que pára na real bibliotheca da Ajuda.»

É a este manuscripto do padre Vicente Ferreira Pires que se refere Lopes de Lima, e de que extracta tudo que nos conta a respeito de Ajudá e Dahomé, dizendo comtudo que o padre tem *estylo tosco, nimiamente familiar, narrativa prolixa e linguagem incorrecta*. Eu direi mais que me parece mentiroso; porque diz ter visto uma fera a que chama Zoó, com corpo de cão, cabeça de macaco, unhas de onça e *cantando como um passaro!* Houve demasiada credulidade ou muita vontade de encher papel, em quem isto copiou! Em Ajudá, entre muita gente antiga do paiz, ninguem conhecia, nem jamais ouvira fallar de fera com taes signaes! E outras cousas assim diz o bom do padre.

Porém á falta de seguidas relações politicas, que tão proficuas poderiam ser para estabelecer em solidas bases o nosso commercio; á falta das relações religiosas, que sempre ou muito ha que temos descuidado, e que civilisando pouco a pouco aquelles povos nos dariam talvez igual resultado, têem comtudo aturado constantemente as relações commerciaes, porque os interesses do negocio ali têem sempre levado portuguezes.

[1] Fr. Francisco de S. Luiz (cardeal Saraiva), *Resumo historico das descobertas e conquistas dos portuguezes.*

Desde que em 1469 João de Santarem e Pedro de Escobar descobrindo por conta de Fernam Gomes, que depois foi o da Mina, e a quem então andava arrendado o commercio de Guiné[1], aportaram pela primeira vez áquellas plagas, sempre apesar da construcção do castello de S. Jorge da Mina, e das feitorias de Benin e Lagos, o porto de Agra foi frequentado para o *resgate* do oiro e para o trafico dos escravos. Foi muito depois da descoberta que ali se construiu o forte, de que depois trataremos; mas com essa edificação, e como consequencia d'ella o estabelecimento permanente de muitos portuguezes, resultou para Portugal uma especie de supremacia e de poderio, de que não é permittido duvidar.

As provas abundam, no grande numero de mulatos descendentes de portuguezes (milhares) que lá existem, e na immensidade de palavras da nossa lingua, que sem mudança, ou com ella quasi nulla, passaram insensivelmente a formar parte do vocabulario do paiz. A lingua portugueza é ali muito conhecida e fallada, mas mesmo na linguagem propriamente dahomeana, encontram-se a cada phrase, termos portuguezes ou de origem portugueza; costumes, recadeiro, moço, bastão, piloto, capitão, escrivão (nas canoas dos Minas) e muitos outros, estão já admittidos como vocabulos dahomeanos, mas não deixam hesitação sobre a sua verdadeira nacionalidade.

Ninguem hoje póde duvidar de boa fé da prioridade das nossas descobertas, mas quando duvidassem da antiguidade e duração da nossa occupação, bastaria para os convencer a existencia dos factos apontados.

Pela força da verdade sou comtudo levado a confessar, que nos rufos dos ungãs (tambores) dos pretos, e nos desacordes sons de seus variados instrumentos, não me foi possivel achar

[1] Saraiva, *Indice chronologico.*

nenhuma reminiscencia das nossas musicas nacionaes antigas ou modernas, nem mesmo (talvez defeito de ouvido) reconhecer notas quaesquer de harmonia. Falta portanto esta prova, que com tanta felicidade encontrou a seu favor um escriptor francez (Villaud-Bellefond), a quem tão completamente refutaram os eruditos, Fr. Francisco, Santarem e Sá da Bandeira. O caso é, que ha por ali e sempre tem havido casas de negocio de varias nações, mas só a nossa lingua é geralmente conhecida, só ella tem deixado raizes na linguagem do paiz. Se isto não accusa um longo e antigo trato, se não revela a preponderancia que adquiriramos n'aquelles sitios, então é que os grammaticos e classicos portuguezes foram roubar aos dahomeanos muitas das suas palavras, que introduziram no nosso idioma vernaculo; e era certamente este o oiro e o marfim e os escravos que d'ali traziam as nossas caravelas, quando ainda as outras nações não sabiam que os navios podiam lutar vantajosamente contra a corrente do golfo de Guiné [1]!

Depois d'este passeio através do reino de Dahomé, e de ter ascendido á gloriosa epocha das nossas descobertas e conquistas, vou tornar prosaicamente para a casa de Ajudá, aonde fomos alojados, o governador com seu ajudante, e eu. Era uma casa vasta, regularmente construida, com primeiro andar e armazens; soffrivelmente pintada no interior, e mobilada com poucos, mas custosos trastes de ebano, marchetados de marfim e de vinhatico, e que nas suas fórmas pesadas e maciças, mostravam bem a sua origem flamenga. São os hollandezes, que mais que nenhuma outra nação se encarregam de fornecer aos residentes de Ajudá quasi todos os objectos de que necessitam os usos da Europa. A forte construcção d'esta

[1] Visconde de Santarem, *Memoria sobre a prioridade das descobertas portuguezas.*

casa, e o ser coberta de telha, bem como a sua posição mais isolada, livraram-na de soffrer do medonho incendio, que diziam ter assolado Ajudá, havia dois annos. Tendo começado o fogo nas proximidades do forte portuguez, a leste da povoação, por causa da ventania d'esse lado, em breve cobriu de chammas toda a parte da cidade que fica a oeste, e que por ser toda de casas cobertas de colmo, ficou reduzida ás muralhas. Os Sousas perderam muito, e de todos os seus predios só aquelle escapou incolume.

Esta familia Sousa tão conhecida e fallada pelas grandes riquezas que possuiu, deve a sua origem a um Francisco Felix de Sousa, portuguez filho do Brazil, que no começo d'este seculo foi nomeado para exercer um pequeno emprego no forte portuguez d'aquelle ponto. Tendo morrido, ou tendo-se retirado as auctoridades superiores do estabelecimento, e tendo este ficado em quasi completo abandono e olvido da metropole, talvez pelas guerras em que por esse tempo andavamos envolvidos, veiu elle a ficar considerado como governador, director, fiscal e tudo; e julgando-se independente ou abandonado da patria, principiou, ao que parece, a receber só para si os rendimentos do estabelecimento, e lançou as bases á colossal fortuna que depois amontoou.

Em pouco tempo fez-se o mais poderoso traficante de negros de toda a costa de Africa, e tanto pela sua fortuna, como pelas suas relações, chegou a ser o fornecedor exclusivo de todos os negreiros que vinham procurar carregações ao golfo de Guiné. O reino de Dahomé pelas suas constantes guerras, e grande numero de prisioneiros que n'ellas se fazem, tem sido sempre um forte reservatorio de escravaria, e praça constantemente fornecida d'este genero, que fez que os nossos antigos denominassem esta parte, a costa dos Escravos: ora de toda a venda tinha conseguido Sousa ser o monopolista,

e em 1820 e tantos, chegava a ter de vez, no porto de Agra, ou Ajudá, *dezesete* navios á carga[1], o que implica a idéa de exportação continua de milhares de captivos, representando um valioso capital.

Ainda antes d'esta epocha, mas sendo poderosamente rico, teve a influencia bastante no paiz, para, sabendo aproveitar-se de uma revolução intestina, fazer elevar ao throno um homem, com o qual se achava intimamenie ligado, e em quem tinha todo o poder. Foi este o rei Guezó acclamado em 1817, o qual empunhando o sceptro, e grato aos favores recebidos, foi o seu primeiro cuidado conferir a Sousa o titulo e os poderes de *Xáxá*, ou governador de todos os brancos. A este titulo e grandeza, achava-se reunida auctoridade quasi absoluta sobre os brancos que se estabelecessem no litoral do reino de Dahomé, e durante toda a sua vida conservou o *Xáxá* uma extraordinaria preponderancia sobre o espirito de Guezó, por fórma que sempre fez o que teve na vontade.

Com taes meios no governo, quer do forte, quer do reino, facil lhe foi alcançar não só riqueza fabulosa, mas uma posição tão elevada, quanto podia ambicionar. Affeito aos usos da terra, e não podendo já tróca-los por aquelles civilisados, vivia feliz no fastigio das suas barbaras grandezas, cercado pelo seu serralho e pelos numerosos parasitas que gostosos soffriam os seus caprichos, pelo interesse que d'ahi tiravam. No meio de negros e negreiros, recebendo em sua casa quantos aventureiros os acasos da vida arrastavam áquelles sitios, assentado a uma mesa faustosa, que chegava a satisfazer taes appetites de Gargantua, despendendo ás mãos cheias o oiro que pouco lhe custava a ganhar, e que lhe dava os gosos a que só estava costumado; assim vivia separado do mundo

[1] Capitaine Canot, *La vie d'un négrier.*

europeu, aonde o muito que possuia lhe teria procurado as delicias e variados prazeres que a fortuna póde dar no centro da civilisação. Nada lamentava, e nada mais queria! Que admira? O selvagem pelle vermelha é feliz no seu *carbet*, no seu *wigwam*, longe dos prazeres das cidades, mas tambem livre das precisões que trazem comsigo!

Na sua casa elevada e cercada de immensas cabanas, reluziam por toda a parte o oiro e os brilhantes; seus numerosos hospedes só se levantavam da faustosa mesa, para se acercarem das bancas de jogo, aonde os pesos e as peças rolavam sem conto; retirava-se elle d'ali para os quartos das suas muitas mulheres, ou para sair em vistoso e adornado palanquim, em que pegavam quatro negros, circumdados por outros que tocavam charamellas e tambores! Era a sua vida![1]

É porém voz constante, que mesmo no auge do seu poderio, nunca deixou de proteger e defender todos os portuguezes e brazileiros que por ali appareciam abandonados, ou sujeitos ás terriveis leis do paiz; e esta lembrança da patria ou patrias que conhecia, desvanece e desculpa bastantes erros. Não foi propriamente elle quem abandonou a sua nação, foi Portugal que, desde longes epochas, não mais quiz saber do forte de Ajudá, e dos subditos que ali tinha, e que o deixou entregue aos seus haveres e á sua politica.

D'isto resultou que bem pouco se importava com os interesses da corôa de Portugal, só curando da sua propria segurança e engrandecimento. Se por ventura se recordava de Portugal como da nação de que fôra subdito, e que primeiro o empregára, tambem amava o Brazil, como a terra aonde nascêra, e diz-se mesmo (não afianço), que quando foi da independencia d'este lhe mandára offerecer o senhorio do forte,

[1] Capitaine Canot, *La vie d'un négrier*.

ao que aquelle imperio não deu importancia. O caso provado porém é que, ora dizendo-se cidadão portuguez, ora intitulando-se brazileiro, içava indifferentemente qualquer das bandeiras, com que, quando lhe fazia conta, se acobertava como estrangeiro em Dahomé. O forte portuguez estava quasi abandonado e sem auctoridades, a não ser Sousa, e não sei se elle se correspondia com o governo da metropole, mas o que é certo, é que se considerava independente, e que parece que as suas inclinações pendiam mais para o *ramo de café,* do que para o pendão das quinas! Ha em Ajudá o uso de se denominar forte qualquer casa de construcção mais solida, e a que mesmo se põem algumas setteiras nas muralhas para defeza: é assim que ainda hoje, fallando da antiga casa do *Xáxá,* se diz «o forte brazileiro», o que bem indica, que a maior parte das vezes se coroava com essa bandeira.

Gosando porém das honras de dignitario dahomeano, tinha tambem sua bandeira particular ou insignia de *Xáxá,* com a qual usofruia certas isenções e regalias. Era consultado sobre todas as medidas do governo do rei Guezó e fazia justiça a seu capricho, aos brancos que lhe estavam sujeitos; mas tambem era obrigado constantemente a enviar presentes para ir com os costumes; era forçado a arregimentar escravos seus armados, e manda-los ás guerras do Dahomé; e a concorrer a abrilhantar os festejos.

Tudo isto ainda fazem os seus herdeiros, e quando estive em Ajudá, andava na guerra com o rei de Dahomé um grande numero de escravos d'esta familia.

Todos os annos em dezembro ha uma grande festa que consiste principalmente em estender um cordão de atiradores desde Abomé até á pra'a (proximamente 30 leguas)[1], e da-

[1] Á primeira vista, parece isto uma exageração; porém considere-se, que se os atiradores estiverem distanciados 250 metros, uns dos

rem descargas em fogo de alegria, começando de um lado acabando no outro, e assim seguidamente durante dias. Junto de Ajudá é o cordão formado por gente do *Xáxá,* e como o gasto da polvora d'essa gente é a expensas da familia Sousa, vê-se que lhe não sáe barata a festa. Em troca e como signal de satisfação, é-lhe sempre enviada pelo rei como presente, uma escrava nova, que pelas leis da etiqueta creada para este antigo festejo, não deve pôr pé em terra, e é por isso conduzida em braços pelos atiradores, de uns para outros, até Ajudá.

Se durante o tempo em que viveu aquelle Xáxá, que tão poderosa influencia tinha na governação do reino, se lembrassem de occupar verdadeiramente o forte, e estabelecer em bases fixas os nossos interesses, é de suppor que facilmente se tivesse conseguido, tudo que hoje difficil será, porque perdemos a occasião.

Morreu Francisco Felix de Sousa, em 1847 ou 1848, e deixou reconhecidos cincoenta e tres filhos, que alem de outros muitos houvera das numerosas mulheres com que vivia, mulatas e negras. Os netos são innumeraveis, e toda esta familia, com seus dependentes, formam em grande parte a população de Ajudá. Seguem em tudo os habitos do paiz; não conhecem (o maior numero) em nada as leis europeas; *reunem-se* á moda da terra, casam, herdam e testam como os povos com quem vivem, e de que só se distinguem pela côr!

Logo após a morte do Xáxá seguiram-se as dissenções en-

outros, no espaço de 30 leguas, ou 150 kilometros (proximamente) só serão empregados n'este serviço 600 homens.

Não sei quantos se empregam, nem qual a distancia que os separa; mas que o facto se dá todos os annos, affirmam-no os residentes de Ajudá.

tre os filhos, de que alguns, mais ambiciosos, pretendiam ser investidos nas honras e dignidades que gosára o pae. A fortuna paterna, avultando ainda em grosso cabedal, estava comtudo muito reduzida pelas perdas no trafico de escravos, pois-que só o cruzeiro inglez lhe havia tomado *trinta e nove* navios carregados de captivos, entre 1830 e 1840[1]. Alguns dos filhos já estabelecidos guerrearam-se; e querendo pôr pelos seus interesses o rei Guezó, que por elles não tinha a consideração que tivera para com o pae, tantos presentes enviaram, e por tal maneira delapidaram a herança, que hoje, segundo elles dizem, é cousa de pouca monta. Comtudo não é tão pouco, que não avaliem em perto de doze mil os escravos dependentes da familia; e que se nem todos fazem serviço como taes, são comtudo uma especie de servos dos antigos feudos, que alem do preito e homenagem que devem a seus senhores, concorrem com uma quota do que podem agenciar! Tirado isto, de pouco lhes serve tanta negraria, porque, ou nunca ou difficilmente conseguirão embarca-los para alem mar.

De entre todos os filhos passou a ter o titulo, aquelle que pelo pae fôra indigitado, por nome Izidoro Felix de Sousa, e que tendo sido educado no Brazil e na Inglaterra, era homem de alguma instrucção e perfeitamente civilisado. Foi este que o governador da provincia de S. Thomé, José Maria Marques, emontrou em Ajudá, na visita que ali fez em 1852; e ao qual nomeára pouco antes governador civil e militar do estabelecimento, juiz de paz, e tenente coronel commandante da companhia de milicias que ali creou. Falleceu em 8 de maio de 1858; ficando novamente sem governo o forte, falto de auctoridades e sujeito por consequencia aos caprichos e despotismos dos governantes do paiz.

[1] Foi-me contado pelo actual *Xaxá*, lamentando as suas desgraças.

Vi o retrato de Izidoro em Ajudá. Era um homem branco, de fronte elevada, olhar vivo e um todo denotando intelligencia, o que bem provou durante o tempo em que se achou investido do poder. Se não gosava da influencia que o pae tinha tido, soubera ao menos alcançar a precisa para se fazer respeitar a si e aos que governava pelas auctoridades dahomeanas; e aos portuguezes administrava justiça muito regularmente e seguindo as nossas leis, como ainda em parte se vê n'um dos livros que se encontraram no forte, e aonde entre autos e outros documentos, eram transcriptas as sessões do juizo a que presidia semanalmente, e em que accommodava as questões commerciaes e outras que se davam entre elles.

Por sua morte foi feito Xaxá pelo rei de Dahomé, o actual Francisco Felix de Sousa (tambem filho do primeiro d'este nome), que passou a ter as honras e encargos do logar, mas que não tendo nomeação alguma do governo portuguez, alem da de alferes da companhia de milicias que nunca chegára a reunir-se completamente, entendeu que não podia (ao que elle diz) influir em cousa alguma na administração dos negocios de Portugal. Comtudo não foi talvez esta a principal rasão, mas sim a sua falta de energia, ou a extraordinaria bondade que lhe apontam, e alem de tudo, o ser mais dahomeano que portuguez, por se achar de todo afeito aos usos do paiz de que nunca saiu!

Todos os membros d'esta familia, aindaque tendo parte d'elles viajado ou sido mesmo educados na Europa, olham-se em tudo como subditos de Dahomé, gosam alguns de grandes honras como principes d'esse reino; vivem á moda da terra *em tudo;* reconhecem como chefe o *Xaxá,* aindaque sendo um dos irmãos mais novos, mas só porque foi nomeado pelo rei do paiz; enviam a este escravos armados para as guerras, e quando fallam da sua pessoa, dizem sempre «o nosso rei».

D'aqui se conclue que serão tudo quanto quizerem, mas que difficilmente poderão ser considerados como verdadeiros portuguezes; e tirados os muitos descendentes de Sousa, poucos mais ha em Ajudá que não estejam no mesmo caso.

CAPITULO VII

Commercio de Ajudá — Moeda do paiz — Desembarque dos generos — Vexações das auctoridades — Casas de commercio e fortes estrangeiros — Os saramés — O forte portuguez.

Ajudá perdeu muita da sua importancia e riqueza desde que se pozeram obstaculos á livre exportação dos escravos. Era isto que fazia o principal, e póde mesmo dizer-se unico ramo de commercio das fortes casas que houve na costa, distinguindo-se entre todas a de Sousa. Porém se está extincto, o trafico não se julgue por isso, que se deve considerar como nullo todo onegocio n'aquelle paiz.

No porto de Agra ou Ajudá estão sempre fundeados bastantes navios, que importam varios objectos para uso dos europeus e mestiços ali existentes, mas de que a base da carregação, principalmente dos que vão do Brazil, é sempre o tabaco e a aguardente para consumo dos indigenas. Recebem em troca, pipas com azeite de palma, que lhes embarcam os seus consignatarios de Ajudá; os quaes nas suas casas o vão juntando, ás pequenas porções que os negros lhes cedem, permutando-as com tabaco e aguardente.

Quando chega um navio mercante com carga ao porto, o seu capitão ou o consignatario participam-no ao Avogá pedindo licença para traficar, a qual é concedida logoque se tenham pago os direitos estabelecidos. São estes arbitrados n'um certo numero de *onças*, conforme a armação do navio, e sem

dependencia da quantidade de carga que possa conduzir. Chama-se *onça*, a unidade comparativa da medida de qualquer genero; por exemplo, em tabaco, a onça é o *amarrado* de tabaco, que pesa pouco mais ou menos uma arroba; em aguardente, *onça* é a ancoreta de cinco galões (cada galão proximamente tres garrafas); em fazendas, onça é uma peça de algodão riscado, etc. Um navio de tres mastros que queira commerciar, paga oitenta e uma onças, sendo cincoenta de aguardente e trinta e uma de tabaco; um de dois mastros paga cincoenta e uma, sendo trinta do primeiro genero e vinte e uma do segundo. Isto feito dá-se ordem ao *dizimeiro*, fiscal ou recebedor collocado junto á lagôa, que deixe desembarcar e embarcar o que quizerem. Se porém a embarcação não traz carga para deixar, e só quer receber pipas (ali chamadas ponches) de azeite de palma, paga então por cada uma que metter a bordo, dois *pesos de buzios* (direi o que é); e não se pense que seja possivel illudir estas leis aduaneiras! A vigilancia é activa, e não se faz um movimento sobre a praia de que não seja logo informado o *dizimeiro* pelos seus muitos espiões.

A maneira usual de negociar com os indigenas, é por meio da livre troca de uns por outros generos; mas tambem muitas vezes se fazem os negocios empregando a moeda do paiz, É esta uma especie particular de *buzio* pequeno e liso, importado geralmente em navios inglezes, que o transportam da costa de Zanzibar [1] (Africa oriental), e que admittido no paiz,

[1] Em uma nota que acompanha o livro 3.º dos *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas no ultramar*, pelo conselheiro Lopes de Lima, encontra-se o seguinte: O *zimbo*, especie de buzio cinzento, quasi da fórma do cauri, que corria e ainda hoje corre, como moeda, não só no reino de Congo, mas em todos os do golfo

toma uma certa estimativa por elles arbitrada em referencia ás suas cousas; mas a que os portuguezes em epochas remotas designaram um valor em relação com a nossa maneira de contar em réis. Hoje está reconhecida essa avaliação, e as casas commerciaes, que ali existem, inglezas, francezas, hollandezas e brazileiras, bem como as portuguezas e as gentes do paiz, recebem os buzios por esses preços. Dois buzios representam um real fraco, e dois mil buzios é o que se chama um peso de buzios ou mil réis da terra. Ora valendo o real fraco a terça parte do real forte ou de Portugal, segue-se, que seis mil buzios, é que são considerados como mil réis portuguezes; ou o equivalente a um peso de prata (duro ou pataca, mexicana, columnaria, hespanhola ou brazileira). Todas as mais peças de moeda de oiro ou prata de qualquer nação, têem valor relativo a este dos pesos de prata, nas transacções das casas de commercio umas com as outras.

Para as compras por miudo com os indigenas emprega-se indifferentemente o buzio, ou as pequenas moedas de prata, que todos conhecem e recebem; mas torna-se difficil entende-los nos trocos pelas denominações particulares que dão a certas porções de dinheiro. 100 réis fracos ou duzentos busios, chama-se «uma gallinha»; um peso de busios, 1$000 réis fracos, diz-se «uma cabeça»; e outros muitos nomes de que me não recordo.

Este systema de réis, inteiramente portuguez e ali vulgarisado e seguido por uma maneira indestructivel, é tambem

de Guiné, e no interior da Africa, só se apanhava n'aquelle tempo *(o da conquista de Angola)* na ilha de Loanda que era de el-rei do Congo, o qual percebia grandissimo lucro d'este monopolio: achou-se depois um buzio similhante nas praias da Bahia de Todos os Santos, e d'ali ia muito para Ajudá.

uma importante prova do nosso dominio e importancia n'aquellas paragens, e talvez mesmo do exclusivismo das nossas relações com taes povos!

É valioso o commercio que ali se faz, porém exposto a difficuldades e contingencias, que o tornam até perigoso. Já apontei as principaes, que são o mau e arriscado desembarque que offerece a brava ressaca da praia e do banco, e em seguida as mil vexações, a que estão sujeitos em terra os agentes de qualquer negocio, ou encarregados dos armazens para a troca.

Para effectuar a descarga de um navio, como seja a maior parte das vezes impossivel, que as canoas dos minas conduzam á praia volumes pesados, são quasi sempre os generos introduzidos em grandes pipas (ponches), as quaes se estancam e calafetam, e que depois de bordo das canoas lançam ao mar á approximação do banco, ou que até ahi rebocam, deixando então ás vagas o cuidado de as arremessar aos areiaes. Já se vê, que por esta fórma se muitas cousas não levam descaminho, são pelo menos expostas a grossas avarias. Em terra até Ajudá faz-se a conducção empregando pretos carregadores, que se ajustam barato; mas depois de armazenadas as fazendas começam as exigencias por parte das auctoridades, que só se satisfazem com presentes, e as encommendas por conta do rei, sempre de duvidoso pagamento, e a que não se póde faltar. Ali todos estão sujeitos ás extorsões e vilanias de um jugo ferreo e estupido, e não ha protecção a esperar senão de si mesmo, ou da maneira por que saiba contentar a voracidade dos executores. Um homem qualquer recem-desembarcado, e que não tenha quem o inicie nos usos estranhos com que tem de viver, só com muita paciencia e finura conseguirá um bom resultado; comtudo apesar de tantos contras, nada d'isto intimida o commercio, que se faz constantemente e em

não pequena escala, o que mostra que os lucros compensam bem todas as contrariedades.

Como consequencia da navegação seguida que ha para aquelle ponto, poucas cousas faltam em Ajudá para as necessidades principaes da vida europea; e emquanto ao abastecimento preciso de viveres, para consumo, faz-se facilmente nos dois mercados que ha diariamente na cidade. N'estes mercados estabelecidos em duas vastas praças arborisadas, apparece de tudo em abundancia, desde a lata de biscoitos, até ao bolo de farinha de mandioca; desde o vitello vivo, até ao rato secco ao fumeiro: acepipe este de que os negros, como os chinas, são muito glotões.

Não me parece que os nossos mercantes devam dar de mão, como ultimamente têem feito, a toda a negociação com este porto. Se ali apparece algum navio portuguez é por conta de casas da Bahia, emquanto que lá estão sempre os americanos e os hollandezes, que de certo não vão para sua perda. Deve ser um bom ponto de saída, para a aguardente que produzirem os engenhos da provincia de Angola, pois é de suppor que com os poucos custos da viagem, possa ir fazer vantajosa concorrencia á brazileira. Confesso-me porém menos sabedor em materias commerciaes, e conseguintemente é só uma opinião que avento com todos os resguardos precisos. Filha da impressão que me causaram o movimento e animação mercantil que presenciei, deve esperar a confirmação de mais seguro juiz.

Ha, como disse, casas de negocio de differentes nações; portuguezas só a de Sousa, e a de um Maciel, que se achava ausente; duas outras brazileiras; varias inglezas; e a feitoria franceza.

Esta ultima acha-se estabelecida no chamado forte francez, que é uma vasta casa circumdada de elevadas muralhas settei-

radas, com algumas pequenas peças, mas nem um soldado. O feitor francez tem as honras de agente consular da sua nação, ou pelo menos como tal officiou ao governador de S. Thomé, a quem eu acompanhava. Os negociantes inglezes e a sua principal feitoria, são em diversos sitios da cidade, em quanto que o seu forte (casa tambem cercada de muros para artilheria) acha-se entregue a um missionario protestante, que ali tem uma escola: está todo desmantelado e em mau estado. Nas cercanias d'este forte, encontra-se grossa artilheria encravada, e toda deteriorada de ferrugem; e a este respeito conta o commodore Wilmot, no seu relatorio já citado, que em meados do seculo passado o rei de Dahomé lhe mandára encravar as peças e arrasar os fossos! Devemos acredita-lo, quando elle proprio nos conta esta prova *do animo soffredor* da soberba Inglaterra.

Ambos estes fortes são cercados de grande numero de cubatas aonde habitam negros descendentes de antigos escravos, e que estão sujeitos ainda a seu dominio. É a estas especies de bairros, reconhecendo senhores particulares, que em linguagem da terra se chama «sarames».

O forte portuguez está collocado mais a leste do que os outros, e n'uma pequena elevação do terreno. Na actualidade compõe-se de uma velha casa de primeiro andar e coberta de palha, a que pelos lados se ligam as muralhas de barro amaçado, que constituem propriamente o forte com seus baluartes derrocados (encerrando uma ermida e alguns pardieiros) e tudo cercado de uma valla ou fosso geral, em que crescem em abundancia os arbustos parasitas, sobre as escarpas resvaladas e já quasi sem declive. Ao lado esquerdo do edificio, que forma a maior parte da frontaria do forte, acha-se o portão da entrada principal, dando para um corredor que communica com a praça ou parada geral. A quatro pés de altura

por cima da verga do portão, estão cravadas na parede, umas antigas armas reaes de Portugal, feitas de madeira em relevo e hoje caiadas. Dizia-se que este padrão da nossa posse, havia sido arrancado pelos francezes, o que é falso, poisque lá se acha ainda no local em que certamente foi posto pelos fundadores, mas actualmente n'um estado tal de vetustez, que ameaça proxima ruina.

CAPITULO VIII

Fundação do forte de Ajudá – Pretensões sobre antiguidade dos estabelecimentos – Guarnição do forte – Este não era mais que uma feitoria sem dominação no paiz – Desprezo em que jazeu por annos – Triste posição dos officiaes para ali enviados – A ermida do forte e seus capellães – Visita do governador de S. Thomé, José Maria Marques.

Quando no seculo XVII, nos foram tomadas pelos hollandezes com a formidavel esquadra do famoso corsario *Pé de pau*[1], as colonias de Angola e S. Thomé (1641), e pouco antes (1637)[2] conquistadas ou arrasadas com a fortaleza e cidade de S. Jorge da Mina, as nossas feitorias armadas de Lagos, de Benin, do Gabão, de cabo Lopes, e tantas outras que possuiramos em toda a Guiné, pensou-se seriamente não só em reconquistar o que perdêramos, o que desgraçadamente a nossa fraqueza d'então não permittiu totalmente; mas mesmo á falta de parte d'aquelles pontos estabelecer novos mercados, aonde podesse effectuar-se o *resgate* do oiro, a compra do marfim, e o trafico dos escravos necessarios para o Brazil, e até para o reino.

Foi n'este sentido que ainda durante a regencia d'aquelle que depois foi rei D. Pedro II, se determinou ao governador da ilha de S. Thomé, que tratasse do estabelecimento de um forte, ou feitoria armada no porto de Agra, na costa dos Escravos, porto celebre pelo abastecido mercado de captivos, e

[1] S. Luiz, *Resumo historico*.

[2] Quintella, *Annaes de marinha*.

ainda tambem por ali correr muito oiro de *Acará*, e muito marfim de todo o interior de Africa.

Deu-se esta incumbencia ao capitão general, Bernardim Freire de Andrade, que retirava do governo de S. Thomé aonde alcançára um bom nome, e que auxiliado pelo seu successor Jacintho de Figueiredo de Abreu, ali se dirigiu em 1680[1] com a nau que o conduzia, e ao mais que lhe era necessario para a fundação que intentava.

Chegou no mez de março, e tendo-se entendido, ao que parece, amigavelmente com os possuidores do paiz, escolheu aquella pequena eminencia na aldeia de *Grégué*, e começou a edificação das muralhas de defeza e das precisas habitações, o que tudo concluido, em outubro se retirou. Ainda hoje se chama *Grégué* o ponto em que se acha o forte, mas longe de ser só uma aldeia isolada, faz parte da cidade de Ajudá, que se estendeu para leste até ali.

Contam alguns francezes que vivem em Ajudá (missionarios e outros), que a origem do seu forte é de mais antiga data que o portuguez, e assim o têem feito persuadir, mesmo aos descendentes de portuguezes, a alguns dos quaes o ouvi. Isto é dito sem fundamento algum, e julgo provado o contrario com as lembranças que indiquei, e que ainda estão presentes entre os indigenas. Não julgo provavel, e é talvez absurdo pensar, que vindo nós depois, conseguissemos supplanta-los de maneira, que vivam memorias nossas na linguagem do paiz, e que elles fossem completamente esquecidos[2].

Interrogando o *Avogá* sobre o que lhe constava a tal respeito, foi-me respondido «que a tradição fiel não se pronunciava sobre qual tinha sido o primeiro; porém que, o que ella

[1] Lopes Lima, *Ensaios estatisticos*.

[2] Veja-se a nota no fim do volume.

dizia é que só os portuguezes tiveram licença para fazer um forte, e que aos outros só se consentiram casas-fortes». Esta distincção subtil, talvez para fazer valer mais a concessão que se nos fizera, não me parece propria do espirito de um negro quasi inculto (aindaque, aliás, cheio de reflexão); e quem sabe se fôra suggerida por alguem a quem n'outro tempo conviesse, quando quizessem levantar fortalezas? O caso é, que esta foi a traducção que fez o proprio *Xáxá,* á resposta que elle deu.

Construido o forte de março a outubro, na estação das chuvas e dos *tornados,* deve avaliar-se o que seria a obra emquanto a solidez; e como nem no forte nem nas proximidades se encontram vestigios alguns de cantaria ou alvenaria que n'elle fosse empregada, deve suppor-se, que era então pouco mais ou menos o que hoje é; uma obra de fortificação singela, feita de barro amassado e terra batida, e que, se se tem conservado até agora, é que, excepto n'estes ultimos annos, sempre houve o cuidado de levantar o que as chuvas torrenciaes derrocavam.

Diz a historia que o famoso castello de S. Jorge da Mina fôra construido n'um anno; mas Diogo de Azambuja, encarregado d'esta empreza, levava comsigo dez caravelas com seiscentos homens, dos quaes trezentos operarios, e duas ou tres *urcas* com todos os materiaes precisos e viveres[1].

Qual a maneira por que foi guarnecido e armado o forte de Ajudá, não me consta; mas ainda agora se encontraram em diversos sitios do mesmo, bastantes peças de ferro de varios calibres, muito antigas e de todo deterioradas; e vê-se n'um livro velho e roido do *salalé,* que ali tambem se achou, que no fim do seculo passado tinha um capitão director geral e

[1] Fr. Francisco S. Luiz, e Santarem, referindo-se a Azurara, Couto e outros.

governador, um outro official «almoxarife», um escrivão e tabellião, e cincoenta e tres soldados!

Não póde restar duvida alguma que esta casa armada, era simplesmente um ponto estabelecido para a compra do oiro e do marfim por conta da corôa, ou dos arrendatarios d'este commercio, e que se mesmo não o era para o trafico dos escravos, servia ao menos para receber os direitos que pagassem os nossos navios que os carregavam. Fortaleza indicando dominação e senhorio do paiz, é que com certeza não era; porque jamais ali levantámos, ou impozemos tributos aos naturaes, e só governavamos, como ainda hoje o podemos fazer, os escravos pertencentes ao forte, e que á roda do mesmo agglomeravam as suas cabanas.

Sempre tem havido na cidade o *Avogá,* sob a auctoridade e dependencia do qual se têem achado os estrangeiros; e, segundo dizem os antigos do paiz, sempre o governador do forte foi forçado a ir todos os annos á côrte na epocha dos *costumes,* conduzir um presente no valor de 400$000 réis, o que vergonhosamente equivalia a uma especie de feudo!![1] E demais se nos foi *consentida* a construcção de um forte, tambem se fizeram identicas concessões aos francezes e aos inglezes!

Não era pois mais do que um estabelecimento commercial e um posto para a recepção da percentagem em que se tributavam as carregações de pretos em navios nossos, e só tinhamos dentro dos muros e nos terrenos que nos tinham sido cedidos o poder e auctoridade, que qualquer particular tem na sua propriedade. É o mesmo que ainda hoje temos, como qualquer dos feitores ou negociantes por ali estabelecidos, e a quem são concedidos logares para os seus armazens.

[1] Nas occasiões dos costumes, o presente que offerecia o nosso governador era avaliado em 400$000 réis de cada vez —*Lopes de Lima.*

Possuia o forte bastantes escravos, que eram olhados como propriedade da corôa de Portugal, e d'esses com suas familias, ainda actualmente existem perto de seiscentos, que reunidos em cabanas agrupadas em torno do forte, constituem o que se chama o *sarame* portuguez. Respeitam e não negam a auctoridade que tem sobre elles qualquer governador, e orgulham-se de serem reconhecidos como portuguezes. Não ha recenseamento d'esta gente, que tem estado entregue a si propria, dependendo unicamente de dois anciãos a quem obedece, e que são tratados por *grandes do sarame*.

Durante o seculo passado e ainda no principio d'este estivera o forte guarnecido como se disse; e no livro que ali se encontrou, vê-se que a 15 de abril de 1797 era governador e director geral da fortaleza *cezaria* de S. João Baptista de Ajudá, o capitão de infanteria de linha, Manuel Bastos Varella Pinto Pacheco, cavalleiro professo na ordem de S. Thiago da Espada. Era almoxarife o alferes Ignacio Ferreira de Araujo, e escrivão do almoxarifado Manuel Camillo de Lelis e Almeida.

Consta aquelle livro encadernado em capa de couro, de muitas relações de mostra ou assentos de pagamentos á guarnição, que então se compunha de cincoenta e tres soldados, todos indigenas, ao que se vê dos nomes escriptos nas relações, e é de suppor que fossem escravos do sarame portuguez.

Na primeira folha está um termo de abertura dizendo a que o livro vae servir, e em que se faz menção de terem sido enviados para a Bahia, por morte do antecedente governador, Francisco Antonio da Fonseca Aragão, todos os outros que tratavam das contas da receita do forte, e assentos de sua guarnição. N'um outro volume servindo para termos e procurações, encontra-se pela primeira vez nomeado o que depois foi tão conhecido, Francisco Felix de Sousa, assignando como escrivão do almoxarifado e *tabellião* do forte, uma procuração

datada de setembro de 1803, em que um official quer mandar receber os seus soldos na côrte, e deixar de os perceber em Ajudá.

D'estes termos citados póde concluir-se que o forte era posto subalterno, sujeito á capitania da Bahia, e que com ella tinha seguidas communicações.

A despeza com a guarnição era pequena, ao menos com os soldados; poisque o encerramento de uma das relações diz: «Pagamento de tres mezes a cincoenta e tres soldados importando em cento e vinte e nove cabeças, e onze gallinhas de busios, ou a rasão de 2$560 réis por cabeça, vem a ser réis 331$648». É certo que os buzios tinham mais alto preço, como se vê da reducção das cabeças a réis, mas em todo o caso vencia cada praça mensalmente a quantia de 2$085 réis da terra, o que é uma miseria!

Foi depois d'esta epocha que talvez em consequencia das guerras em que Portugal se achou envolvido, houve completo desprezo do que tinhamos em Ajudá, e deixou-se o forte abandonado sem auctoridade, nem força, ficando só ali o escrivão Sousa, que sendo então almoxarife, passou a ser governador e tudo, mas olhando mais por seus interesses, que pelos da corôa. Seguiu-se a independencia do Brazil, a um dos governos do qual parece que o forte estava ligado; mas apesar de ficar tido como portuguez, nem por isso houve maior cuidado.

Pela nova divisão do territorio nacional foi aggregado á provincia de S. Thomé e Principe; mas só depois da restauração do reino, é que a um ou outro dos governadores d'essa provincia, lembrava de vez em quando, que havia um *bocadinho* na costa da Mina. Comtudo se essa lembrança occorria era para enviarem para lá, *por correcção,* algum official, que assim ia deportado para um ponto inteiramente em abandono, aindaque marchasse revestido com o pomposo titulo de

governador. Outras vezes lembrava tambem, mas para se desfazerem de algum desmoralisado padre preto, que nomeavam indifferentemente cura da freguezia de S. João Baptista, ou capellão da fortaleza; por fórma que se não sabe se a ermida do forte era considerada como freguezia suffraganea do capitular de S. Thomé, se como simples capella da guarnição que não existia.

Os officiaes assim castigados com a nomeação de governadores ou commandantes, iam para ali passar fome e soffrer miserias, dando um vergonhoso diploma da incuria das nossas cousas. O *Xaxá* Sousa, ria-se d'aquelles commandos de nada, confiava-lhes as chaves do forte, para que habitassem a casa, fazia-lhes a esmola de os receber á sua mesa se com elles sympathisava, e os infelizes por ali esperavam penando, que fossem novamente chamados para S. Thomé. Não resultava vantagem alguma da presença de taes officiaes em Ajudá, e só faziam um serviço negativo, mostrando aos residentes o pouco caso que se tinha nas nossas cousas, e obrigando os negros a perderem o prestigio na grandeza dos capitães brancos, a quem viam sem recursos, pedindo de porta em porta, ou picando tabaco e fazendo cigarros para terem de que comer! (Historico!!) Bonita posição e invejavel sorte para homens que se diziam officiaes! Se algum d'elles se tornava indigno da banda que se lhe concedêra, exautorassem-n'o com infamia, mas não forçassem Portugal a dar de si tão miseravel opinião.

Não estou fazendo poesia piégas, o que conto é rigorosamente historico! Ainda vivem muitos individuos que sabem d'estes factos, que demais são notorios não só em Ajudá, mas mesmo na ilha de S. Thomé. Foi assim, ou com pequenas variantes, que por ali viveram em 1844, o tenente de infanteria, Libano; em 1849, o tenente de milicias, Quaresma; em 1851, o alferes, Elerperch, e depois o alferes Justino.

No livro de termos já citado, após uma lacuna de mais de quarenta annos, em que se lhe não lançára uma letra, apparecem termos ou noticias assignadas pelo tenente, José Joaquim Libano, e copias de officios que o mesmo dirigiu ao governador da ilha do Principe, relatando, como sem despeza da fazenda, fazia algumas obras no forte empregando a gente do sarame, e em que com palavras sentidas lamentava o estado de miseria a que estava reduzido, vivendo das caridades de Sousa, e sem receber soldos, nem ter noticias!

Aos padres que se enviavam, succedia-lhes o mesmo. Escolhidos quasi sempre d'entre os peiores, em vez de para lá irem fazer amar e respeitar a religião do crucificado, exercer o mister de cura de almas chamando ao seio da igreja todos aquelles infelizes descendentes de portuguezes, que vivem como verdadeiros idolatras; iam occupar-se em trabalhos indignos de si, da nação e da religião que representavam! Ainda mais; alguns foram verdadeiros criminosos, extraviando, destruindo e roubando as riquezas da ermida.

Consta que aquella ermida bem adornada, como é natural do respeito religioso de nossos maiores, enriquecida com os presentes dos devotos, e ainda ultimamente com as muitas liberalidades de um tal Domingos da Silva, negociante brazileiro que ali viveu, era rica bastante em variados abjectos do culto, todos feitos de prata, oiro e enfeites preciosos. Hoje, exceptuando alguns pobres paramentos, nada d'isso ha, e é constante que os padres que ali existiram se apoderaram do que falta. Mesmo alguma nota escripta se encontrou, que não constituindo prova juridica, reunida ao que se diz, póde bem convencer da honradez de um d'elles, que foi encontrado a fugir de Ajudá levando comsigo um tabernaculo de prata e outros objectos que actualmente não apparecem! De certo queria livra-los das profanações d'aquelles hereticos, e se não

conseguiu então o seu piedoso intento, é de suppor que o alcançasse depois.

Má e prejudicial como era a presença d'estes officiaes e padres no forte, ainda assim felizmente não era continuada, passavam-se longos intervallos em que lá não havia nenhum portuguez, e em que portanto ficava inteiramente entregue ao *Xixá*.

Morrendo aquelle, e sendo substituido por seu filho Izidoro, pensou este em informar de tudo ao governador que então era da provincia de S. Thomé e Principe, o conselheiro José Maria Marques, que em resposta lhe mandou em outubro de 1851, a nomeação de tenente coronel de milicias da provincia e governador subalterno do forte e estabelecimento de S. João Baptista d'Ajudá. Deve notar-se que durante as duas epochas do illustrado governo do conselheiro Marques, foi quando mais seguida communicação houve com aquelle ponto, e quando mais por elle se olhou, enviando-lhe por vezes alguns dos navios de guerra de que podia dispor. Elle proprio ali foi em 1852, conduzido pela corveta *Oito de Julho* do commando do capitão de mar e guerra, Silva Cordeiro.

Chegando a 4 de abril e tendo desembarcado, demorou-se até 15, e durante este tempo examinando o estado em que tudo se achava e o pouco que se poderia fazer sem recursos, tentou apesar d'isso dar vida e alma áquelle corpo morto. Confirmou as nomeações de Izidoro, e auctorisou-o mais a funccionar como juiz de paz e ordinario (sujeito á comarca de S. Thomé) nas questões dos portuguezes ali moradores, entre os quaes havia então maior numero de europeus; e deu-lhe para este effeito como escrivão, José Pinheiro de Sousa, a quem tambem nomeou tabellião.

Querendo crear uma força militar permanente para guarnição do forte, ordenou a formação de uma companhia de mili-

cias, sob a inspecção e auctoridade do governador, e da qual foram feitos capitão e subalternos, outros irmãos Sousas. O quadro das praças de pret, devia ser preenchido com outros portuguezes, e escravos do sarame, e a todos eram votados uns pequenos vencimentos, quando fizessem serviço. Tendo assim determinado estas cousas retirou-se, e é voz constante em Ajudá, que comsigo levou todos os livros do forte. Que os do seculo passado tinham sido mandados para a Bahia, viu-se da menção feita no velho volume de assentos de pagamentos, mas não se explica que livros o governador Marques podesse levar, e que deviam dizer respeito a um periodo quasi sem administração, e ainda menos, como tendo-o feito deixára os dois de que tratámos.

Em todo o caso, do que houvesse sobre tal ponto deve existir noticia na secretaria de S. Thomé.

Tudo aquillo que por essa occasião foi disposto, teria sido muito bom e devia certamente dar um proficuo resultado, se não tivesse ficado sómente no papel. Nunca se enviaram armamentos para os futuros milicianos, não consta que jamais se remettesse quantia alguma para pagamento de pret ás praças, ou soldos de empregados, e sómente como seguimento d'estas medidas foi mandado um alferes para instructor dos recrutas, e depois ainda um tambor para tocar a recolher aos soldados ausentes! Com a saída ou acabamento do governo do conselheiro Marques, tinha sido extincta toda a lembrança de Ajudá. Só passados annos lá foi mandada a escuna *Cabo Verde*, a transportar um padre, e a receber o solitario tambor, a quem se deu por finda a commissão de tocar a alvorada aos corvos e lagartos!

CAPITULO IX

Novo abandono do forte – Isolamento do escrivão Pinheiro e valiosos apontamentos por este deixados—Vexações soffridas por todos os europeus em Ajudá—Entrada dos missionarios francezes para o forte.

Com o fallecimento de Isidoro, em 8 de maio de 1858, acabou ainda a especie de administração a que se sujeitavam os portuguezes, e não tendo tomado conta do governo o outro irmão Sousa, como já expliquei, ficou tudo mais que nunca ao abandono. O pobre escrivão Pinheiro, conhecido pelo *Itaparica,* lá foi vivendo isolado no forte, sem saber a quem devia obediencia, nem o que devia fazer; querendo sempre reconhecer o novo *Xáxá* como herdeiro de toda a auctoridade do irmão; este recusando-se algumas vezes, n'outras deliberando como se estivesse legalmente investido dos poderes de governador, e tudo n'um tal desleixo e desorganisação, que bem indicavam a falta de um chefe.

Nas horas amarguradas e ociosas que lhe fazia o isolamento em que estava, entretinha-se o desgraçado *Itaparica* em escrever para desafogar as suas maguas. N'um grosso e pesado livro de folio grande, que primeiramente servira aos registos das nomeações feitas pelo governador Marques, mais tarde ás notas do tabellionato, e ainda á copia official das actas das sessões do juizo ordinario, fez elle a collecção das suas lucubrações litterarias e officiaes.

Um espirituoso escriptor moderno[1], conta n'uma das suas obras como fôra achado o volume dos registos de uma freguezia de Paris na idade media, e no qual o honrado cura entremeava com assentos dos baptismos e obitos, a nota das salchichas com que o presenteára alguma devota, e a maneira por que se fizera a digestão das mesmas! Pois Pinheiro fez quasi a mesma cousa! São longas lamentações sobre o estado de miseria e abandono em que se acha, e começando e findando com as formulas consagradas aos autos de noticia; são copias de officios que diz remettidos aos ministros da marinha e dos estrangeiros, por via de Inglaterra, ou do Brazil, ou ainda de outros dirigidos aos governadores de S. Thomé, e em todos relatando as vexações e violencias a que as auctoridades do Dahomé o forçam a elle e aos mais residentes; são termos e escripturas sobre o mais simples acontecimento que se desse na cidade, ou no forte; e em summa um amalgama de cousas differentes e muitas vezes sem nexo! Ao menos o infeliz tinha a boça descriptiva, e antevia a chronica, porque n'aquelle montão de factos diversos, sobram as noticias d'este periodo de desprezo e de incuria em que jazeu o estabelecimento portuguez de Ajudá.

Foi n'esta epocha que ali appareceu a *Cabo Verde*, e eis como o pouco grammatico, mas verdadeiro informador, nos relata este caso tão espantoso e raro nos annaes do forte, mostrar-se um navio de guerra portuguez em Ajudá!

«Folhas 95 v. —Relatorio dos acontecimentos n'este porto.»

«Em 17 de maio de 1859. —Fundeou n'este porto, a escuna navio de guerra *Cabo Verde*, seu commandante o ill.^{mo} sr. Francisco de Assis e Silva, segundo tenente da armada real, não veiu a terra no mesmo dia pelo mau banco, e a 18 do

[1] Henri Martin.

corrente veiu para terra o mesmo commandante da escuna portugueza de guerra, trazendo em sua companhia o reverendo padre Claudio Furtado de Lencastre e uma ordenança do mesmo commandante, e teve logo a infelicidade da canoa virar-se no banco; e os minas desampararem a referida canoa, e tendo o ill.^{mo} commandante segurado no piloto da canoa para lhe salvar, o dito piloto teve a confiança de dar um pontapé no mesmo commandante: e nem os mesmos minas tratavam de salvar pessoa alguma; vendo eu esta infame desobediencia prendi os mesmos minas á ordem do rei de Dahomé, do que fiz constar ao Avogá por um bastão que se costuma mandar, em o mesmo dia 18 do corrente officiei ao rei de Dahomé respeito á infamia do acto praticado. José Pinheiro de Sousa, escrivão e tabellião do forte e districto de S. João Baptista de Ajudá.»

Segue-se o officio ao Dahomé, quasi nos mesmos termos, mas depois nada se encontra que diga a resposta que este deu, que já se vê não foi nenhuma!

Pela mesma escuna foram officios do governador de S. Thomé, que se acham por copia, e em que se pergunta pelo estado de prosperidade do estabelecimento, e se o Dahomé respeitava o forte e os portuguezes! Tanto póde a ignorancia e a incuria das nossas cousas.

Quer pelo relatorio do commandante do navio, quer pelos officios que Pinheiro não faltou a dirigir, devia então *necessariamente* saber-se a verdade sobre tudo aquillo; mas foi como se de nada tivesse havido noticia. A resposta áquellas perguntas, que revelam a mais completa ignorancia, lá se acha estampada nas paginas d'aquelle curioso archivo. Lá se lê a folhas 102 v. um officio relatando (como outros muitos) as violencias e extorsões praticadas pelo governo do paiz, e notoriamente a infamia (textual) de violarem a casa do negociante

portuguez Joaquim Fernandes de Carvalho, levando preso, descalço e manietado o seu caixeiro Ricardo, subdito brazileiro. Lê-se as folhas 110 a noticia da prisão do portuguez Faustino Ramos de Carvalho, por mais de tres mezes nos calabouços do Avogá! e falla-se na outra tambem demorada de um Francisco de Sousa Maciel! A folhas 108, um termo da falta de respeito da gente do sarame, que só quer respeitar o Avogá.

E não se julgue que cousas d'estas só se davam ou dão com os portuguezes! Felizmente que estas vergonhas são ali soffridas tambem, por mais poderosos que nós. É uma consolação na desgraça quando se padece de companhia, e ainda mais quando, a ter de supportar um flagello, se vê que elle ataca sem distincção de pessoas ou de nacionalidades! Este é o caso.

Lê-se no mesmo livro, a folhas 103 v., a relação da ordem de chamada do Avogá, para communicar que aos funeraes do rei Guezó, quer o rei Guelélé que compareçam *todos os brancos*, senão que mandará o *Mingá* tomar as casas!

Por esta occasião faz o escrivão um termo de lamentações, dizendo que se podesse, fugiria com os livros e o sêllo do forte.

A folhas 109 v., termo da vinda de tropa para o Avogá, e chamada d'este para o participar aos estrangeiros, a fim de estarem quietos! E finalmente o mais curioso de todos, a folhas 125, em que se lê o relatorio do sinistro de fogo posto por um raio na casa do forte portuguez em 31 de março de 1863; motivo por que em 2 de abril foi perante o Avogá o padre superior da missão franceza, Francisco Borghérô, accusado de ter chamado o raio! Foi-lhe tirado á força o chapéu da cabeça, e arrancando-lhe da mão o guarda sol, prenderam-no n'um calabouço pequeno com muitos maus tratos! Que vendo

tudo isto, o feitor consul francez, disse então que estava prompto a pagar *palavra* (multa) e pagou 110 pesos de busios, 24 peças de fazenda e 13 garrafões de aguardente!!!

É no mesmo livro, a folhas 123, que se acha o unico documento escripto sobre a *cedencia* do forte portuguez, aos padres francezes da missão apostolica no reino de Dahomé. Se não vivesse ainda n'essa epocha o infeliz e desprezado escrivão, nada se poderia saber com precisão em referencia a esse acto, porque aquelles que para tal concorreram e que actualmente vivem, pretendem descarregar-se de toda a responsabilidade, e fogem com evasivas a dar respostas precisas.

Diz-nos pois Pinheiro no termo que lavrou por essa occasião, que em principios de 1863, fôra pelo Avogá chamado o actual *Xáxá*, Francisco Felix de Sousa, para lhe communicar que o rei de Dahomé pretendia ceder o forte portuguez, que estava abandonado, aos padres francezes; que Sousa havia concordado, e que mandára alojar no forte e entregar a ermida aos ditos padres, do que tudo elle escrivão entendêra dever lavrar termo, para a todo o tempo constar.

Deve notar-se que Sousa, só n'isto mandasse, poisque jamais quizera considerar-se funccionario portuguez, visto que d'este caso, como do da morte de seu irmão e outros, nunca entendeu dever fazer participações ás auctoridades de S. Thomé ou da metropole, nem por qualquer fórma corresponder-se com ellas. No verso da folha, está a copia de um officio dirigido ao ministro do ultramar, e que nos diz remettido por via de Inglaterra. É de suppor que este, como os outros, nunca alcançou ao seu destino, pois julgo que nada se sabia, até que constando o facto extra-officialmente e muito adulterado ao governador de S. Thomé, Xavier de Almeida, este o participou competentemente, e recebeu a ordem de visitar o estabelecimento e de n'elle collocar guarnição.

CAPITULO X

Visita official a casa do Avogá — Notas trocadas com os francezes sobre a tomada de posse do forte — Questões sobre direitos dos missionarios ao governo espiritual — Serviços relevantes dos missionarios.

No cumprimento d'esta commissão estavamos pois em Ajudá, fazendo-se o quartel do governador n'uma casa de Sousa, e tendo já recebido e retribuido todas as cortezias do estylo, para com os estrangeiros ali residentes, e que primeiro vieram apresentar seus respeitos a um representante de Portugal. N'este numero porém não entraram nem o agente consular francez, nem os padres d'esta nação; aindaque o fez o reverendo mr. Bernesko, ministro protestante, agente inglez e unico habitador, (com a sua familia) do forte britannico, bem como o commandante do vapor *Antelope,* logo na nossa chegada ao porto. Havia-se divulgado porém qual o fim principal da presença da auctoridade portugueza; e foi certamente o despeito de reconhecerem, que se veriam obrigados a deixar o que lhes não pertencia, que os levou a afastarem-se por esta vez da reconhecida delicadeza dos seus compatriotas.

Tomando-se como visita official do Avogá, segundo o uso, o recebimento que nos fizera á entrada da cidade; fomos no dia seguinte o governador, commigo e seu ajudante, corresponder áquelle acto, visitando-o em sua casa. Iamos com os nossos uniformes, e acompanhados pelo *Xáxá;* todos debaixo de umbellas, com um rumeroso sequito de brancos, de mu-

latos e de pretos, levando alguns d'estes ultimos as cadeiras em que deviamos sentar-nos.

A habitação do Avogá, aindaque vasta, e encerrada n'um quadrilatero de muralhas com seis ou sete pés de altura, e por cima das quaes surdem as ramagens de bonitas arvores, dando-lhe a apparencia de um parque ou quinta de recreio, não é mais, transposto o portão, do que um aggregado de baixos e enfumaçados telheiros, de choças immundas, separadas por infectos pateos, todos cheios de restos animaes e vegetaes de que, como em toda a parte da cidade, fazem seu pasto os corvos e os lagartos. Em frente da entrada principal fica o quartel da tropa, aonde sempre depois vi numerosos soldados, com bom typo marcial, e que nos intervallos do serviço dormiam ou jogavam; assimilhando-se n'isto mais do que no vestuario (um unico panno em volta dos rins) aos soldados da Europa. Dentro dos pateos a scena era a mesma, montões de negros, entregues ás delicias da ociosidade.

Curvando-nos para passar sob os telheiros e as portas baixas, atravessámos aquelles depositos de *guano*, e chegámos junto do Avogá, que n'um pequeno pateo interior, nos esperava de pé cercado pelos seus conselheiros e familiares. Para esta recepção tinha deixado o enorme chapéo de ceremonia, e os pannos ricos, e estava sómente envolto n'uma coberta de algodão riscado.

Trocados os sorrisos e apertos de mãos, bebida a indispensavel gota de agua, e feitas algumas saudes com genebra, seguiu-se sermos novamente apresentados pelo *Xáxá*, que designou cada um em particular, explicando como podia a correspondencia das funcções com outras taes da côrte dahomeana. A mim coube-me a sorte de ser classificado o *primeiro grande do mar*, o que deu logar a muitas saudações, mas tambem a certos olhares e troca de palavras, de que só mais

tarde tive a explicação. Era esta, que estando elles persuadidos que são os grandes do mar, os que se oppõem unicamente ao trafico livre dos escravos, empenho constante d'estes povos, consideravam a occasião propicia, para exigirem de mim que mudasse de intenções!

Como n'esta primeira entrevista se não devessem tratar negocios officiaes, passou-se em praticas variadas, sempre por meio de interpretes, mas conhecendo-se bem que a maior parte dos pretos, nos entendiam sem dependencia d'estes. Os nossos chapéus armados, eram o objecto principal da sua admiração, e tendo feito de mão em mão a volta do circulo e sido examinados por alguns em todos os modos e posições, foram-nos entregues, expressando o Avogá a opinião geral, que *não tinhamos juizo* em usar uma cousa com dois bicos que não resguardavam do sol, emquanto que os pretos na sua sabedoria tinham escolhido para os *grandes*, chapéus de abas largas e caídas, para que o sol não esquentasse as cabeças que precisam governar!

Quando nos retirámos fomos acompanhados pelo Avogá, até meia distancia da casa do *Xáxá*, indo o governador commigo e o ajudante, debaixo da sua umbella. Era para nos fazer esta honra, que elle saia comnosco, visto que pelas leis do paiz não a podia emprestar. Na passagem do Avogá, a guarda não fazia continencias militares, mas os soldados como todos os outros pretos prostravam-se de joelhos em terra, e batiam com as palmas das mãos uma na outra a compasso, dando por intervallos *estalinhos* com o pollegar e o index. Se não fosse estar em paiz de negros boçaes e na rua em pleno dia, julgar-me-ia transportado para o interior de algum templo de certas sociedades, e ouvindo saudações por triplice bateria!

Não me cansarei a descrever as outras visitas que se fizeram

ao Avogá, e que todas foram quasi pela mesma fórma, se exceptuarmos que não nos acompanhava o povo, porque em vez de apparecermos de uniformes e com chapéus armados, íamos trajados á vontade; porém sempre elle nos recebia no mesmo pateo, tendo junto de si os indispensaveis conselheiros, espiões, o seu substituto, e o *ahoci* (castrado) mulher grande dó rei.

Como os francezes continuassem a não dar signal algum de saberem da nossa presença, decidiu-se o governador ao terceiro dia a mandar participar ao superior dos padres existentes no forte, que tendo vindo a Ajudá, para collocar um commandante militar com alguns soldados no mesmo forte, e deixar um padre portuguez para celebrar os officios divinos na respectiva ermida, para a elles assistirem não só os portuguezes, mas todos os catholicos, que o desejassem, preciso se fazia que os senhores missionarios deixassem a habitação a que não tinham direito, e de que haviam tomado abusiva posse, sem previa concessão do governo de Sua Magestade Fidelissima!

Respondeu em officio a esta participação o feitor da feitoria franceza, na qualidade de agente consular da sua nação (qualificação esta de que *officialmente* nada se sabia), que não ignorava que o forte, actualmente habitação dos padres missionarios, havia sido portuguez; porém que quando chegára a missão apostolica, de que era superior o padre Francisco Borghérô, lhe fôra elle cedido pelas auctoridades do rei de Dahomé, unico senhor do paiz!

Perguntado o *Xáxá* Sousa a respeito da maneira por que fôra feita aquella cessão, respondeu que nada tinha sabido, mais do que da entrada dos missionarios no forte, de que haviam tomado conta, celebrando missas na ermida, habitando na casa, fazendo obras, e considerando-se em tudo como

proprietarios; mas que nunca soubera que tivessem içado bandeira franceza! Esta ignorancia não concorda com o que depois se viu a folhas 123 do livro citado, no termo feito por Pinheiro, mas de que não se conhecia então a existencia!

Sousa pretendia assim eximir-se á responsabilidade que podesse caber-lhe; aindaque esta só podesse ser, de não ter communicado tal acontecimento pela primeira opportunidade ao governo da metropole, poisque em quanto a não fazer opposição, como a faria elle na dependencia e receio constante em que vivem do Dahomé, e precisando de andar o mais amigavelmente possivel!

Enviou-se um bastão ao Avogá a preveni-lo de nova visita, e n'esta o interrogou o governador sobre o objecto em questão; ao que disse: «Que bem se sabia que o forte era dos portuguezes e de ninguem mais, poisque dera um rei do paiz o direito de fazer um forte, emquanto aos outros brancos só se consentira que fizessem casas fortes; que tendo a nossa nação parecido abandonar aquelle ponto, *pois se não lembrava de mandar para ali pessoa alguma,* que então o rei de Dahomé deixára que os padres francezes para elle fossem, vistoque *faziam muito bem;* mas que era nosso, que *ninguem o podia negar,* e que fossemos para lá quando quizessemos!»

Encaminhado assim este litigio com a prudencia e segurança precisas, para não dar logar a alguma duvida, retorquiu o governador ao consul francez: «Que sendo reconhecida a posse de Portugal áquelle forte, e não valendo o subterfugio de que o Dahomé o cedêra depois, poisque elle não podia ceder, o que *reconhecidamente* não era já seu, e que caindo mesmo a questão da cedencia provisoria, na presença dos legitimos donos, se fazia absolutamente necessario e exigia que d'elle saíssem, como primeiro tinha declarado».

O consul francez, um pouco abrandado pela firmeza e ener-

gia com que, apesar da delicadeza e prudencia, se conduzia este negocio, ainda replicou que *não negando o direito que Portugal tinha ao forte* julgava porém, que os missionarios não deveriam ser forçados a saír antes de um mez; que mesmo tendo aquelles padres achado tudo em ruinas e feito valiosas obras, era do seu dever lembrar que lhes eram precisas indemnisações, as quaes avaliava em *sessenta a setenta mil francos,* e que sendo tudo isto uma grave pendencia internacional, se reservava a dar parte d'ella ao governo do imperador!

Com muito tacto e finura tornou porém a responder o governador Xavier de Almeida, que não sendo contestado o nosso direito, e alojando-se no forte os individuos que para elle mandava o governo portuguez, podiam apesar d'isso os senhores missionarios continuar a viver ali *provisoriamente,* até que tivessem mudado todos os seus effeitos, e escolhido habitação propria; que emquanto á indemnisação, não se achava habilitado a responder, mas que de tudo daria ampla noticia ao governo de Sua Magestade Fidelissima, que resolveria como fosse de justiça, e de certo a bem dos interesses de uma nação amiga, e que demais pela sua parte faria avaliar conscienciosamente, por peritos, todas as obras que os padres houvessem effectuado; que n'esta intelligencia, e resolvidas assim todas as controversias, marcava o dia 13 para tomar definitiva e novamente posse do forte, içar a bandeira portugueza com todas as solemnidades, e devendo por essa occasião celebrar uma missa o novo capellão!

Trocadas estas notas, quasi todas por escripto, alem de muitas outras particulares e de viva voz, podia e devia certamente olhar-se como extincta toda a rabulice, e findas de vez todas as questiunculas a que ía dando causa a posse clandestina do forte portuguez, de que a origem não devemos nega-lo fôra o desprezo em que e haviamos deixado, o de que só contra

nós mesmos tinhamos a queixar-nos. Porém ainda não succedeu assim, e tambem por esta vez de certo os culpados eramos nós, que tão pouco olhâmos pelas nossas cousas, descuidando-nos de direitos adquiridos, e que na occasião nos parecem de pouca monta ou bagatelas; mas de que outros mais cautelosos ou previdentes se vão apoderando lentamente, de maneira que corridos os annos tudo d'elles depende.

Achava-se ausente, por ter ido a Roma, o padre superior, Francisco Borghérô, e na sua falta governava a missão o vice-superior, padre Cordioux. Ainda joven e de agradavel physionomia, é este missionario homem de elevada intelligencia, variada instrucção, e demais, o que é necessario em Ajudá, fallando e entendendo a lingua portugueza muito correntemente. Era elle a alma de todo o enredo, e para quem o conversára longamente, era facil reconhecer as suas proprias idéas e palavras nas notas apresentadas. Foi ainda elle, que acabada a duvida primeira, veiu, por intermedio do consul, apresentar uma outra, declarando que, em vista das ordens que haviam sido outorgadas pelo Summo Pontifice ao superior da missão que representava, não era permittido ao padre que transportavamos, celebrar sacramentos e fazer de cura de almas, sem previo consentimento seu, após detidos exames! Era isto comprovado pela copia dos competentes periodos do breve pontificio, que creando um vicariato apostolico no paiz de Dahomé, entregava a jurisdicção do mesmo ao superior da missão franceza, interdizia qualquer outro de se ingerir nos negocios do catholicismo em toda a extensão do vicariato, e em que ao mesmo tempo determinava, que se não concedesse a *nenhum padre* catholico o exercicio de suas funcções, sem que primeiro o superior se convencesse de que era digno, por seu porte e qualidades, de impor os sacramentos e celebrar os sacrificios.

Não póde restar duvida (pelo menos a mim) que estas clausulas impostas á pratica do ministerio de qualquer clerigo catholico romano, dissessem particular e notoriamente respeito aos padres portuguezes que ali apparecessem, unicos, que era de suppor procurassem aquellas regiões! É portanto mais uma vergonha que nos pretende impor a curia com esta tutella, que demais nos esbulha de direitos antigos e muitas vezes sanccionados;[1] mas é forçoso confessar que é bem fundamentada no comportamento irregular e improprio que ali têem tido os padres pretos que para lá temos enviado, sem excepção, que eu saiba, ignorantes, immoraes[2] ou perversos, e todos incapazes de serem sachristães de aldeia, quanto mais de irem prégar e advogar a religião do Christo, entre catholicos de fé frouxa e dubia, ou de crearem proselytos no meio de negros çafaros e rudes! Ao desleixo geral em que temos deixado as missões, á má escolha nos poucos que para ali se tem mandado, ao pouco caso que d'esses mesmos se tem feito, deixando-os chegar ao estado mais degradante de inopia e de baixeza, é que devemos mais esta violação de direitos incontestaveis.

Desfez-se mais este inconveniente, entendendo-se amigavelmente o padre Barbosa Neto, com o vice-superior, a fim

[1] Bulla de creação do bispado de S. Thomé pelo papa Paulo III, em 3 de novembro de 1534, comprehendendo no bispado os reinos de Angola e Congo. Separação d'estes em 1597, ficando o de S. Thomé limitado na terra firme ás missões do Gabão, Benin, Oére, Dahomé e Accará. Lopes de Lima, *Ensaios estatisticos*, tomo 2.º, capitulo 7.º

[2] ... praticas abusivas e ridiculas, introduzidas pela ignorancia, coroadas pela negligencia, ou talvez cumplicidade de um clero corrompido *ab initio*. Lopes de Lima, tratando do estado ecclesiastico da provincia de S. Thomé, a que pertence Ajudá, e d'onde têem saído os padres que para ali se hão mandado.

que este lhe permittisse dizer missas, e celebrar portanto a primeira no dia indicado, ao que accedeu o missionario, negando-lhe porém os mais poderes ecclesiasticos, até que entendesse dever fazer o contrario. Respondendo com toda a dignidade, reservou o governador a questão de direito canonico, para que o governo de Portugal a podesse resolver.

É o momento de dizer, que ao contrario do que havia succedido com os nossos padres, tinham os missionarios francezes alcançado um bom nome, fazendo-se dignos de toda a consideração. Todos elles homens de educação e discernimento, sabiam procurar a maneira de fazer-se estimados, tornando-se uteis e mesmo necessarios á população. Alem dos sagrados deveres do culto, que celebravam regularmente e com religiosidade, estando sempre promptos para todos os afazeres do seu ministerio, praticavam a caridade bem entendida e methodicamente, animando e soccorrendo os indigentes, dando e administrando remedios aos enfermos, recebendo na sua escola gratuita todas as creancinhas que lhes enviavam! É assim que estabeleciam (e estabelecem de certo ainda) a sua propaganda, e que vão creando raizes vivazes entre aquellas gerações novas.

Um d'elles com conhecimentos medico-cirurgicos prestava-se sempre a tratar os doentes, e a distribuir-lhes gratuitamente medicamentos da sua bem fornecida pharmacia; o proprio padre Cordioux, com um outro (hespanhol), dirigiam e ensinavam na escola, até mesmo um pouco de portuguez: em summa todos buscavam ser bem vistos, e conseguiam-n'o.

Os mesmos poucos portuguezes verdadeiros que ali existem, e que não os amavam, ao que diziam, porque os consideravam intrusos, não podiam negar-lhes o seu prestimo, nem deixar de confessar que faziam serviços, que era de lamentar

não fossem feitos por padres portuguezes pelo que ganhavam no espirito do povo.

Esta missão porém, apesar de composta de cinco ou seis padres, não soffria a miseria a que foram sujeitos os nossos clerigos! Nada lhes faltava, e para que nada podesse faltar, tinham um deposito (que vi) de montões de buzios, moeda do paiz, que representava de certo alguns contos de réis! Bem alojados, bem nutridos, e mesmo, apesar da *igualdade evangelica*, servidos por numerosos escravos seus!

CAPITULO XI

Entrada solemne no forte—Missa na ermida—Nomeação de Sousa como governador—Termo de avaliação das obras feitas pelos padres.

Era conveniente que a nossa entrada no forte se fizesse com a pompa compativel com as circumstancias, não só para augmentar o prestigio que o nome portuguez ainda conserva, mas mesmo para satisfazer os desejos que manifestavam os poucos dos nossos que ali habitam, e que pretendiam mostrar aos indigenas, que a sua nação ainda tinha alguma força.

N'este sentido, em concordancia com o governador, e apesar das difficuldades do banco e outras (como talvez a opposição que pretendia fazer o Avogá e de que a custo cedeu), mandei desembarcar uma boa parte da guarnição da escuna, que sob o commando de um official devia servir de guarda de honra ao governador n'aquelle solemne acto!

No dia 13, ás onze horas da manhã, saiu do quartel general o cortejo que se dirigiu ao forte portuguez, para d'elle tomar conta formal e definitivamente.

Na frente, debaixo da umbella honorifica do *Xáxá*, marchava o governador com seu ajudante, o *Xáxá* e eu; e sob outra os officiaes da escuna e o alferes que devia commandar a praça, cercados por brancos e mulatos portuguezes, todos em trages de gala. Fechava a marcha a guarda de marinhagem seguida dos poucos soldados que eram destinados a formar o nucleo

da futura guarnição. A marinhagem, bem vestida e armada, marchando ao som da corneta, e manobrando com regularidade, era um caso nunca visto na terra, e que produzia sobre o povo uma impressão favoravel em nossa consideração; e como resultado immediato eramos precedidos e seguidos por milhares de pretos expressando a sua satisfação, pelo uso bem conhecido de desentoados gritos.

Antes de chegarmos ao forte tinhamos de atravessar o sarame portuguez, que o circumda n'um raio de quinhentos metros. Assim que ahi chegámos achámos reunidas as familias dos escravos que ainda lhe pertencem, e que soltando vivas, dando palmas e outros signaes de applauso nos conduziram até ás portas, apertando-nos e quasi que magoando-nos no seu enthusiasmo.

Os missionarios conservavam ainda moradia no forte; mas tinham já despejado a casa principal, que passava a ser habitada pela nossa gente, e tratavam da sua mudança, que affirmavam dever achar-se finda em duas semanas, indo fixar a sua residencia para a feitoria franceza (forte).

Entrada a porta grande avançámos na mesma ordem para a ermida aonde, junto do altar, esperava o nosso padre já revestido e paramentado, e que logo começou a celebração de uma missa em acção de graças pela chegada de portuguezes áquelle templo, filho da piedade e prova da ardente fé que animava nossos avós em toda a parte aonde os arrastava a sua vida aventureira.

A pequena igreja é uma singela casa de paredes caiadas, e hoje despidas de quadros, nuas de paramentos, faltas de adornos, mas que na sua propria simplicidade impunha á grandeza do sacrificio! Fazia curvar os mais rebeldes e scepticos, ao lembrarem-se que immensos espaços os separavam da patria, de que a magestade e gloria de outro tempo fôra ganha por

guerreiros heroes, que tambem se preparavam ouvindo missa, para commetterem as proezas e galhardias que tão celebres os faziam, até aos confins do mundo quasi desconhecido então! Quão longe estamos d'esse tempo!

Consummou-se o sacrificio no meio do religioso silencio dos assistentes, que respeitosamente ouviram depois a leitura da portaria do governador da provincia de S. Thomé e Principe, que concedia a Francisco Felix de Sousa as honras de tenente coronel de milicias da provincia, e o nomeava governador do estabelecimento de Ajudá; e tendo este subido junto ao altar, o capellão lhe tomou então o devido juramento sobre os santos evangelhos!

Finda a missa, e formada a guarda de honra na parada da fortaleza, fizeram-se as continencias á praça e ao seu novo governador, e em seguida o governador geral de S. Thomé levantou os vivas a El-Rei D. Luiz, á familia real e á nação portugueza, que foram clamorosa e enthusiasticamente repetidos por todos os portuguezes presentes, e acompanhados com tres boas descargas de fuzilaria dadas pelos marinheiros.

Logo de madrugada se mandára içar no forte a bandeira das quinas, para á sombra d'ella fazermos a nossa entrada, vistoque devia suppor-se que nunca ali deixára de tremular; mas depois d'estes vivas ao reinante e á nação, seguia-se a saudação da bandeira que os representa, a qual se arriou para ser novamente elevada ao som de uma salva de vinte e um tiros, que pela marinhagem foram dados com umas pequenas caronadas que pertenciam a Sousa, porque os velhos canhões do forte acharam-se completamente inutilisados e desmontados.

Subiu-se depois ao salão da casa principal para se lavrar auto de todo o acontecimento, e bem assim fazer-se o inventario de todos os objectos que por esta occasião foram entregues, como pertenças do forte ou da ermida.

Dos padres missionarios nenhum quizera assistir á missa nem comparecer no acto das continencias, talvez desejando ainda mostrar algum despeito; comtudo para presencear o acto do inventario, e mesmo assignar nos termos, julgou o governador conveniente mandar convidar o vice-superior Cordioux, e este appareceu immediatamente.

Funccionando como escrivão, o proprio escrivão encarregado da escuna, lavrou termo do que se fizera, e da maneira por que novamente se tomára posse do forte; mencionando-se no mesmo termo qual o estado em que, segundo o dizer das testemunhas presentes, se achava tudo quando entraram os missionarios, as differenças que se encontravam, e bem assim a avaliação por peritos (proprietarios estabelecidos ha annos no paiz, e alguns mesmo naturaes) das obras que os francezes haviam feito.

Os individuos residentes de Ajudá então presentes declaravam que todas as muralhas da fortaleza, bem como as casas se achavam em perfeito estado de conservação, quando os padres para ali haviam entrado, e que não pensavam que os melhoramentos depois feitos, como o arranjo de uma casa velha, o começo de uma nova, as coberturas de telhas em alguns muros e a abertura de um novo poço, podessem conscienciosamente ser orçadas em mais de um conto e tantos mil réis, dinheiro de Portugal. O padre Cordioux, assistindo a estas deliberações, e vendo o modo insuspeito como tudo se passava, objectava «que tinha gasto muito mais, principalmente com a reedificação da casa principal que fôra incendiada por um raio»: a isto retorquiram as testemunhas, que não era verdade terem n'essa obra gasto os francezes cousa alguma, pois que fôra a casa levantada e coberta de colmo como outr'ora, tudo pelas esmolas dos portuguezes, trabalhando como operarios os escravos do sarame, de que demais os missiona-

rios se serviram sempre nos seus trabalhos! Após esta pequena discussão concordaram os louvados com o padre Cordioux, em que se avaliassem as obras francezas em 1:500$000 réis. Quanto vae longe d'esta quantia aos 70:000 francos que primeiro exigiam as requisições *desinteressadas* do agente consular!

Passou-se a inventariar os objectos de uso da ermida que os padres entregaram, e é mister confessar que n'isto provaram honradez e andaram de muito boa fé, poisque quando lhe haviam aberto as portas deixaram-nos tomar conta de tudo sem nada lhes entregar por inventario. O padre Cordioux apresentou varios paramentos de igreja, alguns vasos sagrados e poucos objectos preciosos, declarando que nada mais achára quando occupára o forte, do que o que mostrava, e dois calices ricos que mandára a França concertar, e por que se responsabilisava (conforme assignou no auto). Verdade ou mentira nada existia escripto com que se podesse contestar o que affirmava, e do grande descuido que Sousa tivera, não inventariando cousa alguma, via-se então o resultado não se sabendo o que devia existir.

Alguns dos sujeitos presentes sorriam-se ironicamente quando Cordioux dizia não ter recebido ou encontrado mais nada: mas como todos elles são concordes em stigmatisar o procedimento indecoroso que *sempre* lá tiveram os padres portuguezes, quero inclinar-me a acreditar que os menos honrados foram os nossos!

Entregou mais o padre os livros que já citei, e que faziam parte do espolio do escrivão Itaparica, bem como o sêllo do forte (sêllo em latão com as armas reaes de Portugal cercadas do distico «Forte de S. João Baptista de Ajudá na costa da Mina»).

O pobre escrivão Pinheiro após uma vida de tantas miserias,

fallecêra havia mezes na casa do forte por que tanto pugnava nos seus termos e officios, mas abandonado da patria e dos seus, e só ajudado a bem morrer pelos missionarios, que o haviam tambem sustentado e animado nos ultimos periodos da sua desditosa carreira.

Lavrados os termos e assignados por muitos dos presentes, entrando n'este numero o citado missionario, deu-se por finalisado todo a acto da nova posse, e ficaram residindo finalmente dentro d'aquellas muralhas portuguezas um padre, um alferes commandante e cinco soldados; como se viu o official que ali ficou, apesar de commandar a praça e os soldados, não é comtudo a primeira auctoridade portugueza, porque o governador de S. Thomé nomeou Sousa tenente coronel governador subalterno de Ajudá. Segundo o que entendo foi este um caso de boa politica, esquecendo os erros passados d'aquelle homem para com a bandeira nacional, de que elle tão pouco parecia recordar-se, influi-lo, pelo apparato das honras e do poder de que já algum dos seus gosára, a empregar o prestigio que ainda ali conserva em ser util aos desgraçados que lá ficaram abandonados!

Se lhe ferissem o seu melindre ou mostrassem despreza-lo, quem sabe o que poderia succeder!?

Como ultima medida de governo para o estabelecimento formou o governador uma commissão de fazenda, composta de Sousa, do alferes e do padre, para administração de fundos, para pagamento de soldos e prets, e bem assim devendo encarregar-se de proceder ao arrolamento da gente do sarame.

Deixaram-se a esta commissão alguns centos de mil réis com que só poderá custear as despezas por poucos mezes! O governador não levava mais dinheiro nem a mais ia auctorisado pela junta de fazenda da provincia! Sempre no meio das nossas cousas ha de introduzir-se o elemento «miseria!»

E aqui talvez a occasião mais propria para dizer que facil se torna estabelecer correspondencia periodica com Ajudá, e enviar áquelle ponto todos os fundos necessarios. Verdade é que d'ali não ha hoje communicação alguma com a ilha de S. Thomé (capital da provincia) pela falta absoluta de navegação commercial, que se acha extincta; mas ha ainda navegação bastante do Brazil, e *raras vezes* um ou outro navio da praça de Lisboa. Porém sem dependencia mesmo dos navios mercantes, para se não ficar sujeito ás contingencias das demoras do negocio, póde e deve aproveitar-se a communicação directa com a metropole, pelos paquetes da carreira entre a Inglaterra e a ilha de Fernão do Pó; os quaes se não fazem escala por Ajudá, fazem-na comtudo em pontos proximos, d'onde pelas embarcações da lagôa tudo para ali se envia. Assim é que as casas inglezas de Ajudá recebem cartas e jornaes em prasos certos, e difficil não é certamente, que a agencia financial portugueza em Londres, se entenda com a direcção d'aquella companhia de paquetes, para aproveitar a malla, e mandar officios e letras de credito; devendo porém advertir-se que a denominação ingleza de Ajudá é *Whydá*.

Mas seja qual for o alvitre de que se lance mão, Deus permitta que antes de acabar-se o pequeno soccorro que foi deixado áquelles desgraçados, não sejam elles de todo esquecidos, chegando a faltar-lhes o preciso para viver[1].

---

[1] Passou-se um anno já depois que ali ficaram os pobres deportados, e, com pezar o digo, não consta que se lhes tenha mandado alguma cousa, ao menos para o seu sustento! De que, e como terão vivido aquelles infelizes?

Março de 1866.

CAPITULO XII

Entrega dos presentes para o rei de Dahomé—Critica posição dos estrangeiros perante as exigencias de um rei despotico—Partida—Conclusão.

Passadas estas scenas que deixaram viva memoria em quem as presenceou, pouco mais restava a fazer n'aquelle paiz, que não póde deixar saudades a filhos do nosso ditoso Portugal, que tudo ali vão achar de encontro aos usos recebidos desde a infancia. Sente-se a vida pesada sob aquelle jugo ferreo e despotico, despede-se a alegria no meio dos constantes receios em que se passam os dias, sempre temendo ferir as susceptibilidades barbaras das auctoridades ignorantes; e emquanto o moral affectado não permitte o repouso do espirito, o corpo padece pelas causas geraes dos climas de Africa, e ainda mais das particulares da terra. Sua-se sangue debaixo d'aquella temperatura abrasadora; não se enchem os pulmões com aquella atmosphera sempre carregada de electricidade e de vapores; respiram-se as exhalações mephyticas dos paues e dos focos de immundicie; e quando as chuvas diluvianas ameaçam *desfazer* as casas de barro, não se póde sair, porque as ruas se tornam perfeitos lameiros!

Faltava entregar os presentes para o rei de Dahomé, o que se podia fazer sem mais incommodo deixando-os ao Avogá. Não era possivel a viagem á côrte, não só porque acarretava despezas, para que se não ia prevenido, mas como porque a es-

tação das chuvas já começadas tornava os caminhos extremamente difficeis. Alem d'isso o rei achava-se na guerra, e esta ausencia seguindo-se-lhe depois a epocha dos costumes annuaes, apresentava a probabilidade, quasi certeza de uma demora forçada, talvez de muitas semanas. Já disse que uma vez entrado na côrte do soberano, só se póde saír quando elle o quer, e não costuma dar essa licença sem *estar farto dos brancos,* e sem ter recebido valiosos brindes de cada um dos individuos! Sempre assim tem succedido com todos que lá têem ido, e ainda ultimamente o commodore Wilmot, tencionando fazer toda a commissão de viagem e estada em quinze dias, foi detido *só na côrte* cinco semanas, e despendeu grossas quantias em continuas lembranças, como tudo elle proprio confessa no seu relatorio.

Á vista d'isto e no sentido de nos retirarmos com brevidade, entendeu o governador dever entregar tudo ao Avogá, para que este o fizesse chegar á presença do rei.

Quando fomos fazer esta entrega, já prevenido o Avogá, achava-se este cercado de um grande numero de cabeceiras, que todos queriam assistir á recepção dos presentes para o seu rei.

Estavam estes encerrados em tres caixas, que de Lisboa tinham vindo fechadas e pregadas; mas tendo Sousa explicado que todos as queriam ver abertas, para ir em concordancia com os usos do paiz, a fim de se não mandar occulto algum feitiço para o rei, mandaram-se arrombar, e fizeram-se patentes os objectos que continham.

Eram uma carabina *revolver* de bom e moderno systema, duas peças de seda forte vermelha, e duas outras de rico velludo carmesim. Íam-se-lhes os olhos a todos na contemplação de tão bellos pannos, e na força da sua satisfação exclamaram que tudo era lindo e bom, e que nunca, mesmo os inglezes,

haviam lá levado tão bonitos presentes, como os seus amigos portuguezes!

Quizeram ver como se trabalhava com a carabina, e fez-se-lhes a vontade; mas quando sentiram o pequeno estampido de um tiro dado para o ar, fizeram caretas, dizendo que era para matar passarinhos!

Deram-se então alguns tiros a uma tábua grossa de uma pollegada, e que estava a vinte metros de distancia encostada a um muro, e como as balas depois de atravessarem a madeira, ou se cravassem pela muralha, ou recochetassem para bem longe, concluiram que era muito boa arma, e que nas mãos do seu rei havia de matar muitos inimigos! Despedimo-nos bons amigos, annunciando a nossa partida de Ajudá, e para lhes satisfazer os seus desejos promettiamos voltar em breve auctorisados então a consentir em que se fizessem escravos, que é esta a grande concessão que elles querem sempre exigir dos estrangeiros, e para onde inclinam sempre a conversa, de que fugiamos quanto possivel.

Animado o Avogá com os nossos bons modos, e não farto com as caixas de genebra com que o haviamos presenteado, pediu então que quando voltassemos com a missão do nosso rei, não nos esquecessemos de lhe levar, cem peças de chitas francezas, dois chapéus grandes para seu uso, e ainda uma farda como as nossas para elle dar ao Dahomé! Promettia-se-lhes tudo quanto queriam, e pela minha parte fui prodigo em promessas, que não tenho desejo algum de ser outra vez collocado em posição de ir cumprir.

Quando no outro dia estavamos promptos a partir, appareceu um *bastão do Avogá,* pedindo a nossa comparencia para ouvir a *ordem* que nos trazia um *recadeiro* do rei. Fomos, e entre os cabeceiras do sequito do Avogá, notámos um robusto e bonito preto, que tinha na mão um objecto envolto

n'uma cobertura de seda. Era um capitão das guardas do monarcha, que vinha em missão especial por nossa causa, e trazendo o seu *bastão*.

Desembrulhado este com todos os signaes de respeito pelo *recadeiro* (unico que se conservava de pé como representante do rei, emquanto que os outros se prostravam beijando a poeira), viu-se uma chibatinha de castão dourado, que foi entregue ao governador, para a ter na mão emquanto ouvia a mensagem. Traduzida esta soube-se que o rei Guelélé, a quem fôra immediatamente participada a nossa chegada, *mandava* que fossemos sem demora espera-lo para a sua côrte, até que elle acabasse a guerra, poisque tinha muito gosto em receber o embaixador de Portugal: a isto ajuntou o Avogá, que nos resignassemos, porque não havia fugir a satisfazer os desejos do soberano.

O governador respondeu com muita prudencia, que já tinha exposto as rasões por que o não podia fazer, e que portanto tencionava retirar-se; porém não havia rasões e palavras prudentes que lutassem com a teima absurda d'aquelles negros, que a tudo respondiam que o seu rei *nos dava a ordem,* e que era preciso obedecer! Modos suaves, maneiras delicadas, rasões politicas, a nada os barbaros se moviam e encerravam-se na resposta «é ordem, ha de fazer-se!»

Não era talvez prudente lutar abertamente com aquelles fanaticos do poder do seu despota, porque nos sujeitavamos a soffrer alguma desfeita, ali aonde de parte alguma tinhamos a esperar auxilio ou protecção, e mesmo porque se tentassemos embarcar como *fugidos,* não o conseguiriamos, porque em o Avogá dando ordem para nos serem fechados os caminhos ninguem nos conduziria a bordo!

A posição era critica, mas tambem não convinha de fórma alguma *ceder sem combate,* ou mostrar que os temiamos. Era

portanto necessario fallar-lhes com energia, e só consentir quando violentados! Deve notar-se que uma ida á côrte importava, alem de muita demora, incommodos, talvez mesmo doenças, e ainda em cima grossas despezas para que não íamos habilitados. Na viagem empregam-se muitos guardas e carregadores, e é mister sustenta-los a todos, e quando lá chegados seria preciso presentear todos aquelles dignitarios repetidas vezes (segundo o que tinhamos colhido de informações fidedignas): alem d'isso a escuna, só com grande dispendio se poderia vitualhar n'aquelle ponto para poder esperar, e tudo isto eram inconvenientes que não permittiam pensar em emprehender a jornada.

Fallou portanto o governador com tom muito determinado, «que não ía á côrte, porque não podia; que quanto á ordem do rei de Dahomé, só tal era para seus subditos e não para portuguezes, e que demais quando o quizessem obrigar, que El-Rei de Portugal saberia bem tomar satisfação d'esse insulto». A isto ajuntei eu tambem algumas cousas, talvez mesmo com demasiado amargor; poisque tendo até então todos os pretos fallado na sua lingua, que o interprete Xáxá traduzia, n'esta occasião se levantou um d'elles respondendo-me em portuguez muito intelligivel «que o rei de Dahomé era nosso amigo, e por isso nos queria ver, e não para nos mostrar ao seu povo como manequins, conforme tinha dito o *senhor grande do mar,* e que portanto não havia rasão para nos escandalisarmos».

Teve bom fructo o atrevimento e teima da nossa parte, porque tendo ido todos para um canto do pateo deliberar em voz baixa, durante alguns minutos, vieram por fim declarar-nos que se mandaria dizer ao rei, que o embaixador portuguez não podia lá ir d'esta vez, mas que promettia que viria outra embaixada de Portugal, e que para prova se lhe remet-

tia o *papel fechado,* que o embaixador trouxera, em que dizia isso mesmo. Era o officio que o governador enviára logo á chegada e ainda de bordo, participando ao que vinha, e que aquelles parvos tinham guardado, lacrado como fôra entregue.

Rimo-nos d'esta prova de illustração, e tendo-se-lhes respondido que havia de lá ir outra embaixada, ficaram muito satisfeitos e fizeram-nos muitos e amigaveis adeuses, pedindo que para a outra vez tornassem os *mesmos grandes,* que eram muito bons brancos! Podem elles deseja-lo e estimarem-nos muito, que em quanto a mim, nem que me dourassem desejaria tornar a ver-me no meio de tão civilisados cidadãos.

Na manhã seguinte dispoz-se tudo para a partida, e tendo atravessado em macas a lagôa, como da outra vez se fizera, dirigimo-nos á praia, sendo acompanhados em todo o caminho por quantos portuguezes e mulatos descendentes d'estes havia na terra. Todos os membros principaes da familia Sousa se haviam esmerado sempre em nos obsequiar, e notoriamente ao chefe de familia, Francisco Felix de Sousa, actual governador subalterno do estabelecimento, somos todos devedores do mais affavel acolhimento.

Ao meio dia tinhamos atravessado o banco sem novidade d'esta vez; e ás duas horas da tarde largámos as vélas da escuna, e afastámo-nos sem pezares d'aquella terra safara e de costumes barbaros, d'aquella costa inhospita e desabrigada, d'aquelles ares prenhes de trovoadas.

Bordo da escuna *Napier,* em Angola, junho de 1865.

CONCLUSÃO

Viu-se no que acaba de ler-se o que é na actualidade o chamado estabelecimento portuguez, ou forte de S. João Baptista de Ajudá na costa da Mina! É uma illusão o pensar que com a posse d'aquellas quatro paredes de barro, conservâmos dominação ou poder no paiz que as cerca. Sei bem que nos antigos tempos das nossas descobertas e conquistas, só com a simples edificação de uma fortaleza, mesmo com a plantação de um padrão commemorativo, nos consideravamos senhores do territorio, e obrando como taes dispunhamos e talhavamos a Africa e a Asia, cobravamos tributos, apoderavamo-nos do commercio, e nada resistia á força do braço de nossos avós! Mas os tempos mudaram, e em vez de assoberbarmos o mundo, estamos pequenos e tão reduzidos que até nos contestam os terrenos em que sempre tivemos direitos bem estabelecidos e seguros[1], quanto mais os pontos sobre que jamais houvemos dominio, e aonde sómente eramos consentidos ou tolerados! Quem irá hoje persuadir a qualquer das nações da Europa, que Portugal seja ou possa ser senhor do litoral do reino de Dahomé? A uma nação poderosa como a

[1] Contestações sobre os territorios ao norte de Loanda

Inglaterra, que tem hoje senhorio seguro nos pontos extremos da costa como Cabo Corso (Cape-Coast), Quita, Onim e Lagos, ainda não é facil tentar tal empreza; quanto mais a quem lhe faltam as forças, e que quando as tivesse para o primeiro impeto, poderiam sempre faltar-lhe depois, para a segurança da nova colonia; porque ali o primeiro e o mais potente inimigo com que se havia de lutar, era a vaga do banco! Não ha ancoradouro capaz, não ha porto, não ha ponto de desembarque, mesmo soffrivel, nem ha talvez obras hydraulicas nas mais potentes concepções dos engenheiros de Plymouth ou Cherbourg, que chegassem a completar um bom desembarcadouro na praia d'Ajudá. O que ali possuissemos pois, estaria sempre abandonado, porque é a natureza a primeira a não permittir que lá se tenha um ponto isolado! E demais o que fizessemos seria conquistar, e não *restabelecer* poderes que nunca tivemos.

O forte de S. João Baptista, construido reconhecidamente em fins do seculo XVII com o fim de substituir, no resgate do oiro e no mercado dos escravos, os muitos pontos que haviamos perdido por todo o vasto litoral de Guiné, não foi jamais senão uma feitoria armada, como tantas outras que tivemos antes e depois em cabo Lopes, no Gabão, no Corisco, no rio de El-Rei (Calabar) e tantas outras de que não conservâmos memoria. Poderia ter, e tinha de certo importancia quando a fazenda real era a primeira interessada no commercio dos escravos[1] de que ali se fazia compra lucrativa, e mesmo quando cedia a posse á companhia de *Bissau* e *Cabo Verde*,

[1] ... no reinado de D. Pedro II ter-se ali (territorio de Guiné) fundado uma companhia *exclusiva* para o commercio dos escravos, em que a fazenda real era accionista... Lopes Lima, introducção aos *Ensaios estatisticos*.

que corria com todas as despezas do forte, e nomeava os directores, como fez desde 1690 até ao começo d'este seculo[1]; mas tudo isso não indicava dominio, nem senhorio, indicava sómente que nos consentiam, porque lhes convinha, e mesmo porque para isso lhes pagavam[2]! Mas desde que esse negocio acabou pelas nossas leis, desde que o rei e o estado ou nação não são os primeiros negociantes, a sua importancia baqueou, e nada significa!

Não podemos conserva-lo como um padrão de gloria, porque não revela uma conquista, não indica uma acção de força, e só mostra a lembrança do tempo em que um trafico infame era permittido!

Poder não o temos; quem para ali for, embora tenhamos um forte guarnecido, ha de estar sempre sujeito ás vilanias da soberania de um negro rude!

Porém não se pense por isto que eu entenda que devâmos dar de mão, e deixar de vez, um ponto de que ainda podemos tirar algum interesse, embora não sendo senhores absolutos. É verdade que não é terra nossa, não podemos levantar tributos, não podemos fazer a lei, não podemos talvez mesmo governar os descendentes dos nossos que por ali nascerem; mas podemos e devemos fazer o mesmo *que outros mais poderosos*, que por ali estão nas mesmas circumstancias!

Os inglezes e francezes não têem por emquanto em Ajudá mais do que nós; e já que lá possuimos um *cantinho* que é reconhecido como nosso, e que não indicando cousa de maior vulto, mostra ao menos que não podem fechar-nos aquella porta ao nosso commercio, vamo-lo conservando, vamos con-

[1] Lopes de Lima, introducção aos *Ensaios estatisticos*.

[2] O *presente* que nos costumes levava o nosso governador, era de 400$000 réis.

temporisando, até que possamos cede-lo a qualquer companhia que se forme na nossa terra, e que entenda que lhe convem n'aquella costa uma feitoria para negocio. Não é só o trafico de escravos que por ali póde dar lucros; acabado este começou a busca do azeite de palma, que apesar de parar muito nas mãos dos inglezes, ainda deixa a quantos lá apparecem ganho certo e firme, poisque continuam.

Não desprezemos pois o estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá, com a idéa no futuro do commercio; mas não julguemos que como é presentemente mereça a pena de grandes despezas da fazenda nacional.

E sobre tudo nada de apparato de forças que iria caír no ridiculo.

Bordo da escuna Napier, junho de 1865.

ADDITAMENTO

Depois de escripto este opusculo, de que os apontamentos foram todos colhidos nos proprios logares, inquirindo dos portuguezes ali residentes ha tempos, e das auctoridades indigenas o que era possivel, foi-me facultado pelo meu amigo, Antonio de Mello Varejão, então secretario geral do governo de Angola, o segundo volume dos *Annaes do conselho ultramarino,* em que se encontra um curioso relatorio a respeito de Ajudá.

É facil de avaliar a difficuldade com que consegui reunir todas as observações que apresento, tendo sómente para me guiar no conhecimento da verdade os contos, mais ou menos exagerados, dos informadores da localidade!

Nada, ou quasi nada conhecia publicado sobre o assumpto, e afóra a pequena parte que lhe é consagrada nos *Ensaios de Lopes Lima,* muito cheia de erros; o *Relatorio de Wilmot,* e uma ou outra pequena, vaga e deficiente noticia do *Moniteur de la Flotte,* nada mais havia visto de que me ajudasse.

Foi pois com satisfação que li o officio que, em 1853, dirigira ao conselho ultramarino, o deputado ás côrtes, Jacinto

Pereira Carneiro, o qual em quasi todos os pontos, pelo menos nos principaes, concorda com a exposição por mim feita, segundo as notas que tomei. Atrevo-me portanto a junta-lo á minha obra, a que servirá de complemento e prova; e por esta ultima rasão espero que se me perdoará a transcripção d'elle, que faço dos annaes do conselho.

O deputado Pereira Carneiro tinha largo conhecimento de Ajudá, para onde em tempos fizera seguido commercio, e competentissimo portanto na materia que tratava, deve a sua opinião attestar que no pouco tempo que me foi dado ali estar, procurei ver bem, e apreciar as cousas e os factos, como são e foram, despido de illusões, e livre sobretudo de pretensões e de interesses.

O lado mais notavel em que os nossos escriptos divergem, é na idéa que formâmos do homem que n'essa epocha governava o estabelecimento, homem já hoje fallecido; e essa differença nasce de certo de que o deputado Carneiro encarava aquelle empregado, como lh'o apresentavam noticiadores talvez feridos nos interesses do momento, isto é, escrevia na occasião, e eu escrevo annos depois da morte de um e outro, olhando-o como m'o mostram os seus trabalhos de juiz, que vi no livro dos termos, e a boa opinião que d'elle tinha o illustrado governador de S. Thomé, José Maria Marques, que o nomeára e agraciára! Em quasi tudo mais encontrâmo-nos, e n'isso tenho prazer.

Fecho este escripto, conscio de ter fallado a verdade, e de ter apreciado as cousas como me pareceram mais rasoaveis, e pelo que diz respeito aos costumes barbaros d'aquella gente reporto-me ás informações que pude colher, e que confirmam os poucos artigos dispersos em alguns jornaes francezes.

Não fiz uma obra de valor, adornada de vistosas galas e de pompas litterarias que não possuo, mas quero crer que

terá alguma utilidade para fazer conhecer um canto da Africa, sobre que muito se tem dito, e do qual, quer particular, quer officialmente, tinhamos entre nós só resumido ou nenhum conhecimento[1].

Lisboa, 31 de março de 1866.

[1] O deputado Carneiro no seu relatorio escreveu sempre «Agomé» o nome do reino a que pertence Ajudá; mas eu escrevendo Dahomé sigo o que escreveram os nossos antigos, e vou em analogia com o que fazem os francezes, inglezes, etc., os quaes dizem e escrevem «Dahoméi».

DOCUMENTOS

INFORMAÇÃO DADA AO CONSELHO ULTRAMARINO

SOBRE O ESTADO DO ESTABELECIMENTO DE AJUDÁ E O COMMERCIO D'AQUELLA COSTA

Pelo sr. JACINTO PEREIRA CARNEIRO

(Extracto do 2.º volume dos Annaes do conselho ultramarino)

Ill.mo e ex.mo sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do officio de v. ex.ª, de 14 do mez passado, debaixo do n.º 241 do livro 1.º da 2.ª repartição, no qual v. ex.ª exige de mim algumas informações ácerca do commercio do nosso estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá, a cuja exigencia vou satisfazer como melhor podér e souber.

Este estabelecimento, que no tempo do resgate de escravos na costa da Mina era de summa importancia para o commercio portuguez, deixou de lhe ser proveitoso depois da separação do reino do Brazil; porque outro qualquer negocio que não fosse o trafico da escravatura era feito em pequenissima escala, limitando-se apenas a algumas pipas de azeite de palma, pannos de algodão riscado fabricado no paiz, limo ou sebo vegetal (especie de pommada com que os negros se untam), grandes cuias, balaios ou cestos, esteiras finas, e finalmente, certas especies aromaticas e picantes (pezelecum e lelecum) para condimento da comida feita com azeite de palma; mas todos estes generos só tinham consumo especial na provincia da Bahia, por serem quasi exclusivamente do golfo de Benin os escravos para ali transportados. Da avidez porém do commercio de escravatura resultou o desenvolvimento do commercio licito; a essa avidez se deve o estado consideravel em que agora se acha o fabrico do azeite de palma; porque,

chegando a ser a procura de negros muito superior á quantidade que podia fornecer o mercado, a accumulação de generos, e sua deterioração por falta de consumo, fez procurar-lhes uma saída, que não podia ser outra senão a compra do azeite de palma, a procura do qual desenvolveu progressivamente a sua fabricação.

Não era da costa da Mina e golfo de Benin, d'onde os hespanhoes proviam de escravos as suas possessões das Antilhas, era sim de Gallinhas, dos Calabares, e dos portos do sul do Equador, como Loango, Cabinda e Zaire; mas em 1822, começaram tambem a esquipar seus navios para o golfo de Benin, e em 1826 já tinham ali grande numero de navios, o carregamento dos quaes reduzia-se a dinheiro em oiro e prata, e a algumas mercadorias de nenhuma attracção n'aquella costa, faltando-lhes os principaes generos, que eram a aguardente (cachaça) e o tabaco de fumo em rolos de duas arrobas, encapados em couro. Os navios brazileiros, amestrados no commercio d'aquella costa, levavam boas carregações, pelo que os hespanhoes não podiam concorrer com elles na compra de escravos. Em taes circumstancias a avidez do ganho fez com que os feitores brazileiros comprassem os carretos aos hespanhoes por certo numero de escravos, e a um tempo dado, servindo-se para este contrato dos generos de seus navios, mandando não obstante vir do Brazil quantidade de generos para supprir a falta dos seus. Mas a tardança das remessas e a abundancia das compras fizeram o mercado insufficiente, augmentaram o valor dos escravos, e tornaram impossivel o cumprimento dos contratos da parte dos feitores brazileiros; de sorte que, fornecendo Ajudá 4:000 a 5:000 escravos por anno haviam 20 navios de 300 a 600 cada um, os quaes só em dois annos é que poderiam ser aviados, o que effectivamente aconteceu, e deu causa ao desenvolvimento de uma pirataria dos navios hespanhoes contra os brazileiros, de qualquer porto da costa d'onde saissem, roubando-lhes os escravos e dando-lhes uma ordem para o feitor seu devedor lhes pagar os escravos roubados. Esta pirataria estendeu-se até Cabinda, onde era ainda permittido o trafico de escravos,

do que se seguiram graves reclamações dos roubados contra os negociantes hespanhoes de Havana, em consequencia das quaes vieram a um accordo de estabelecerem feitorias de sociedade. Sendo os pontos principaes Ajudá e Onim, o que foi levado a effeito em grande escala.

Em 1832 o agente da feitoria de Ajudá, João Baptista Bellarra, homem intelligente e emprehendedor, conhecendo que não estava longe a completa abolição do trafico da escravatura, que do negocio do azeite se podia tirar grande proveito, e que lhe era forçoso dar saída á grande porção de generos que tinha a perderem-se nos armazens, lançou os fundamentos d'este commercio, começando methodicamente a contratar a compra com os negros que negociavam no interior do paiz, e vendendo o mesmo azeite aos navios inglezes que ali faziam escala. Este commercio foi pouco a pouco progredindo, mesmo apesar da morte do feitor Bellarra; e offerecendo consideraveis interesses, animou a casa Victor & Louis Regis Frères, de Marselha, a estabelecer ali feitoria, a qual ainda ali existe (desde 1840) e tem um movimento annual de 1.000:000 de francos.

O augmento do commercio do azeite não se limitou ao porto de Ajudá, desenvolveu-se tambem com a mesma força em Porto Novo (30 milhas a E.), d'onde sáem 10 a 15 navios por anno de 150 a 300 toneladas; e em Onim, no rio da Alagoa, d'onde sáe tambem o mesmo numero de navios, pouco mais ou menos.

A exportação do azeite regula actualmente em Ajudá de 3:500 a 4:000 toneladas por anno: seu preço nas transacções para esta exportação é, desde seis annos, 3 galões (medida de vinho) por 1 peso, ou pataca hespanhola; este negocio porém, é feito a troco de aguardente, tabaco, louça de faiança, tecidos de algodão, lençaria, etc., como se póde ver na nota junta, que mostra os generos principaes para o golfo de Benin, e seus valores nas transacções da compra do azeite.

O peso ou pataca hespanhola, e o ake de oiro em pó, que é meia oitava de peso, são a moeda adoptada para as transacções com os navios que vão negociar n'aquella costa.

Mas para com os negros do paiz ha uma divisão que começa em cabo Lahon. D'este cabo, que é d'onde começa o commercio do oiro em pó d'alem do cabo das Palmas, são feitas as transacções por akes até Acra; mas d'este ponto até ao rio da Alagoa, servem-se de uma moeda imaginaria, á qual chamam onça (em Benin e Calabares ha moeda imaginaria chamada barra, e considera-se no valor de meio peso).

Um rolo de tabaco, um barril de polvora, de 25 arrateis, uma espingarda de munição, uma peça de tecidos de algodão de 28 jardas, etc., tem o valor, cada um d'estes generos, de 1 onça; mas sendo objectos de maior valor, como, v. g., a pipa de aguardente, que vale 20 onças, eleva-se o preço ás onças convencionadas. Para os generos de menor valor é dividida a onça em cabeças (advirta-se que não são cabeças de escravos, é sómente o nome que se dá á primeira divisão da onça): as cabeças são grandes ou pequenas, e são representadas por buzios ou cauris.

Divide-se a onça em 4 cabeças grandes, ou 8 pequenas, a cabeça grande em 20 gallinhas, a pequena em 10; a gallinha em 5 toques, o toque em 40 buzios; de sorte que a onça, conforme a divisão que fica indicada, tem 16:000 buzios ou cauris.

Usa-se d'esta moeda nas pequenas transacções, e nas despezas miudas. A onça divide-se tambem em 8 pesos, e então, dando ao peso o valor de 1$000 réis, o toque vale 20 réis da nossa moeda.

Estando eu em Calcutá em 1817, em cujo paiz os cauris são a moeda circulante para as pequenas despezas da gente pobre, tive a curiosidade de comparar o seu valor em relação á rupia, e ao paiçá: 200 cauris representavam 1 paiçá, 1 anaz (ou 4 paiçás) continha 800 cauris, 8 anazes, ou 1 rupia, 6:400 cauris, por conseguinte valendo a pataca hespanhola 2 rupias (n'aquelle tempo valia mais 2 a 4 paiçás), contém esta moeda, digo, o peso, 12:800 buzios, isto é, seis oitavas da onça. Por esta comparação conheci em Africa o grande interesse que haveria nas carregações dos navios, se uma parte d'ellas fosse representada por cauris, mandando-os vir

da India, como tive depois occasião de conhecer que assim o praticavam os negociantes inglezes; mas devem ser verdadeiros cauris, e não os da costa oriental de Africa, que apesar de se assimilharem aos da India, não têem valor algum, pela sua pouca consistencia. Fiz a experiencia em 1829, levando do Rio de Janeiro algumas toneladas d'este buzio; os negros não o queriam receber, reputando-o buzio falso.

A medida pela qual os negros vendem o azeite denomina-se curbá (especie de tina ou celha), que varia de capacidade segundo as localidades. O curbá de Ajudá é de 18 galões (medida de vinho), e custa uma onça de generos; o curbá de Onim é de 7 1/2 galões e custa uma cabeça grande; estes preços variam segundo a abundancia ou escassez do azeite, e do genero de importação.

Desde o anno passado que os inglezes se assenhorearam de todos os pontos do golfo de Benin, nos quaes ainda não tinham podido estabelecer a sua dominação, estando já de posse dos consideraveis estabelecimentos dinamarquezes de Accará e Quitá, comprados ao governo d'aquella nação penso que por 300:000 francos. De Quitá têem faceis communicações pela lagoa com todo o litoral. Esta alagoa vem do rio, de Volta um pouco ao S. do cabo de S. Paulo e segue pelo interior, a pouca distancia da praia, até quasi ao Porto Novo, aonde é interrompida pelo monte d'este nome, mas segue logo por Badagri e Onim até ao rio de Benin.

Os inglezes estabeleceram um rigoroso bloqueio entre Quitá e Onim para obrigar os chefes das povoações do litoral e o rei de Agomé a assignarem um tratado para a abolição do trafico de escravos; com alguns mezes de bloqueio conseguiram o seu fim, e tambem o de commerciarem e terem consules ou agentes do governo inglez em todos esses pontos. No logar aonde provaram maior resistencia foi em Onim, mas uma guerra de successão facilitou-lhes os meios de tudo conseguirem. Pozeram-se da parte do chefe deposto, entraram em lanchas no rio da Alagoa, e apesar da resistencia de dois a tres mil homens bem armados apossaram-se da povoação, queimaram a maior parte das casas, e fizeram reconhecer o

chefe que auxiliaram, o qual se poz logo debaixo da protecção da Inglaterra. Levantaram um plano da embocadura do rio da Alagoa, e conheceram que a barra podia dar entrada a pequenas embarcações até 100 toneladas; e então aquelle porto vae ser para o commercio do azeite muito mais consideravel do que Ajudá e Porto Novo.

Estando os inglezes senhores das duas extremidades do litoral, Quitá e Onim, e tendo as communicações faceis pela Alagoa com todos os portos intermedios, não póde duvidar-se que o commercio d'esta nação vae necessariamente dominar todo o commercio d'aquella costa; poisque suas feitorias podem ser soccorridas a tempo, tanto por Quitá como por Onim, sem ser preciso esperar o bom tempo para desembarcar na costa, o que mesmo se tornaria impossivel para outras embarcações que não sejam canoas feitas apropriadamente para passar o banco de areia que borda toda a costa, a cem braças pouco mais ou menos da praia, baluarte inexpugnavel a qualquer ataque que se pretenda dirigir a todos os pontos d'aquella costa e que os inglezes em todos os tempos não têem podido vencer.

O forte de Ajudá é situado a uma legua de distancia da praia tendo intermedia a alagoa; e a distancia de um tiro de espingarda estão os fortes francez e inglez, chamados, tanto este como aquelle, impropriamente fortes, porque são apenas parapeitos de barro em completa ruina. Cada um d'estes tres fortes tem uma povoação a que chamam *sarame* composta de casas de barro cobertas de palha e habitados por negros livres do paiz e escravos. O rei de Agomé não permittia nem aos brancos cobrir as casas de telha; ultimamente concedeu a alguns por graça especial essa permissão.

Alem d'estes tres sarames chamados portuguez, francez e inglez, ha o sarame do Avogá ou governador de todo o paiz em nome do rei de Agomé, que tem auctoridade sobre todos os habitantes, sejam do paiz ou de fóra; aquelles são vassallos sobre os quaes o rei tem o direito de vida e de morte; os de fóra, isto é, os brancos e os considerados taes, são isentos das penas dos vassallos, logoque são remidos pelas grossas

multas que lhes são impostas quando commettem delictos ou infracções contra as leis (não escriptas), usos e costumes do paiz.

Permitta-me v. ex.ª que lhe cite um exemplo de um delicto que não foi possivel remir com menos de 400 pesos; por este póde v. ex.ª julgar de outros muitos a que está sujeito o branco que ali vae habitar, aindaque seja de passagem. A cobra (boa) é reverenciada em Ajudá como o boi no Egypto; ha uma casa aonde estão recolhidas um montão d'ellas, são mantidas á custa do povo e têem padres que dirigem o seu culto. Estes reptis costumam ás vezes fugir, e introduzirem-se nas casas dos habitantes; aconteceu pegar fogo em uma d'estas casas, aonde tinha entrado uma cobra sem seu dono saber, poisque se o soubesse tinha obrigação de dar parte ao padre para ir busca-la; ardeu a casa e foi encontrada a cobra morta no montão das **cinzas**: o dono da casa teve que pagar 400 pesos para poder **remir-se do** crime que commetteu o fogo!

Á questão levantada depois do delicto até ao pagamento da multa **chama-se** *palavra*. A palavra de pouca consideração ou aquella **sobre a** qual não se levanta questão de preço é decidida pelo Avogá; a de maior vulto depende da deliberação do rei. Quando ha palavra com qualquer branco, sobre tudo sendo feitor de casa de commercio, a primeira cousa que o Avogá faz, é mandar apregoar por toda a parte que os caminhos ficam fechados para aquelle branco, e então cessa completamente o commercio com elle; tem havido occasiões em que fica na mais rigorosa excommunhão, não sendo branco que mereça alguma consideração, está sujeito a ser mettido em rigorosa prisão, ou ir amarrado de pés e mãos, mettido n'um cesto, conduzido á cabeça dos negros até á capital, a trinta leguas no interior, para o rei fazer d'elle o que lhe aprouver.

Francisco Felix de Sousa, conhecido mais pelo appellido de *Xáxá*, ultimo almoxarife do forte portuguez, tendo prestado grandes serviços ao actual rei, poisque foi a causa principal da sua elevação ao throno, promovendo e sustentando uma revolução em todo aquelle reino, foi elevado á alta dignidade de Avogá dos brancos com auctoridade sobre o Avogá gover-

nador do paiz, por isso que só por sua intervenção, e sendo previamente consultado, é que se decidiam as questões entre os brancos e todas as palavras do paiz; depois porém da sua morte, sendo posto seu filho Izidoro Felix de Sousa em seu logar, não tem conservado o prestigio de seu pae, do que tem resultado o ter tomado o Avogá preto toda a auctoridade do paiz, mesmo a do Avogá dos brancos.

O governador de S. Thomé e Principe, fazendo uma visita áquella possessão em abril do anno passado, creou ali uma companhia de milicias, tendo anteriormente dado a patente de tenente coronel ao supra indicado Izidoro, e commissionando-o no emprego de governador do districto de Ajudá. Vou pôr aqui o que a este respeito me escrevem d'ali em data do 1.º de março: «O governador Isidoro quer ter uma auctoridade suprema, mas infelizmente quer esta auctoridade para obrigar a cumprir todos os seus caprichos. V. sabe do que elle e todos os filhos do *Xáxá* são capazes pois que os conhece a todos; filhos do serralho, creados e educados pelos negros, têem d'elles todos os costumes, usos e inclinações; são vassallos do rei de Agomé, e têem muita honra n'isso. Houve quem lhe dissesse que se elle continuasse haviam de representar contra elle ao governador de S. Thomé. «Que me importa, respondeu elle, sou subdito do rei de Agomé, elle me defenderá se tentarem vir cá a terra, o que é impossivel, porque é preciso pedir licença ao banco, mas o banco não lh'a dá. Apesar da investidura que lhe deu o rei ninguem se importa com elle, vão ventilar suas questões perante o Avogá. O governador faz o mesmo, leva os que lhe desagradam a casa do Avogá, e fa-los pagar multas, como aconteceu com Francisco de Miranda Vasconcellos e Francisco de Sousa Maciel, que pagaram 400 pesos de multa cada um. A companhia de milicias apenas tem 34 praças, mas para completa-la será preciso mandar fazer soldados de barro; para chegar porém áquelle numero foram obrigados a assentar praça os pretos minas deportados do Brazil. São soldados no nome, e quando por acaso se chegam a reunir, excitam o escarneo e as gargalhadas.»

Se tenho entrado em certos detalhes ácerca do nosso estabelecimento de Ajudá, é para fazer conhecer que o rei de Agomé é senhor absoluto de todo aquelle paiz; que lhe pagam tributos, a que dão o nome de costume, todos os navios, sejam de que nação forem, que ali vão negociar, e que finalmente recebe direitos de todas as mercadorias que elles importam ou exportam; e é tambem para fazer sentir que se quizermos recuperar o nosso antigo prestigio perdido, não o poderemos conseguir senão imitando a politica que os inglezes foram obrigados a adoptar nas suas possessões da costa da Mina. Senhores ali do castello de Cabo Corso, tão forte como o de S. Jorge da Mina, seu dominio limitava-se ao recinto de suas muralhas; porque tentaram por meio da força estender seu dominio ao interior do paiz, por isso tiveram que sustentar uma guerra desastrosa com os Achantis, que durou muitos annos sem nada adiantarem; desenganados porém fizeram a paz a muito custo. Foi então que elles começaram a mandar educar na Inglaterra os filhos do rei e dos maiores potentados do paiz, tomaram outros como creados a bordo de seus navios, tanto de guerra como mercantes, todos os quaes voltando á sua terra concorreram poderosamente para estabelecer as relações intimas que agora existem; e pouco a pouco com esta politica civilisadora, conseguiram o que lhes não foi possivel com o emprego da força.

Em Ajudá porém não ha muralhas, não ha um desembarque facil como em Cabo Corso, as communicações com a costa tornam-se impossiveis, mesmo com o bom tempo, se uma opposição, aindaque pequena, se apresentar no desembarque, porque então tudo acabará no banco.

No entanto, para começar, parece-me que o unico meio que ha para tirar algum partido em Ajudá, é estabelecer ali uma feitoria para a compra do azeite de palma, a qual terá que lutar é verdade com a concorrencia da que ali está estabelecida ha muitos annos; mas se o feitor for homem habil, que se sirva do prestigio que ainda ali têem os portuguezes, devido a antigas tradições, para ganhar a amisade do rei e dos grandes, indo investido de uma auctoridade consular e munido de

presentes para o rei, é provavel que ganhemos o credito e a preponderancia que temos perdido, do que o nosso commercio deve tirar, sem duvida alguma, maiores vantagens do que o das outras nações.

Deve haver n'esta capital alguns capitães de navios que conheçam o negocio d'aquella costa; um conheço eu vindo d'ali ha pouco tempo, João Maximiano Pitta, que para a escolha dos generos apropriados e para um sortimento conveniente, estou certo que se prestará de boa vontade; isto no caso de alguma tentativa se operar para estabelecer a feitoria que indico.

Não me occorre nada mais a dizer ácerca de Ajudá, parecendo-me que com isto tenho preenchido, aindaque mal, os desejos de v. ex.ª a respeito de informações d'aquelle paiz.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 31 de maio de 1853.—Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro José Ferreira Pestana, vice-presidente do conselho ultramarino.=*Jacinto Pereira Carneiro,* deputado ás côrtes.

Nota dos generos de principal importação nos portos do golfo de Benim desde o cabo de S. Paulo até ao rio da Alagôa,

com os valores correspondentes na moeda imaginaria do paiz chamada onça

Aguardente, pipa	20	onças.
Tabaco da Bahia, rolo de 2 arrobas	1	»
Dito em folhas americano, 50 arrateis	1	»
Polvora, barril de 25 arrateis	1	»
Espingardas de munição inglezas	1	»
Louça de fayança (ingleza) pratos razos, canecas, bacias, jarros, etc., tantas peças por	1	»
Missangas de masso (de Veneza) conforme o tamanho do masso e qualidade procurada, arratel	2 a 10	»
Algodões crús largos de 28 jardas, peça	1	»
Chitas azues, saten streps, de duas ou mais cores, peça	1	»
Riscados inglezes ou francezes, mas não de quadros (as chitas, coromandeis e outras fazendas da India da mesma qualidade não têem saída alguma no paiz) peça	1	»
Remóes inglezes de 15 lenços, 2 peças	1	»
Fazendas brancas como madopolões e calicós, peça	1	»

Vinhos e mantimentos para consumo dos europeus, os preços regulam a pesos ou a réis.

UMA VISITA AO REI DE DAHOMÉ

(Extractos do relatorio do Commodore Wilmot)

A 20 de novembro, visitei o Avogá de Ajudá, e tendo encontrado o reverendo padre W. Bernesko, missionario wesleyano no forte inglez, soube por elle que o rei de Dahomé tinha grande desejo de ver qualquer personagem de importancia na Inglaterra, um verdadeiro inglez, com quem podesse conversar dos interesses do seu paiz. O Avogá tinha-me dito: «Se quereis voltar de hoje a sete dias, mandarei perguntar ao rei se vos quer receber».

Voltei no dia indicado, com grande surpreza do Avogá que tal não esperava, e que me disse ter o rei grande pressa de me ver. O Avogá lhe mandára communicar, que era eu o individuo que elle desejava, pois me achava perfeitamente no caso de ser apresentado como representante da rainha.

Antes de me decidir a aceitar o convite do rei, tinha que examinar alguns pontos de grande importancia. Havia-se espalhado, e com rasão, creio eu, que o nosso ultimo ataque contra Porto Novo tinha exasperado o monarcha, de maneira que nada tanto desejava, como apoderar-se de um official inglez, sobre quem vingasse a destruição d'aquella praça. Porto Novo pertence a seu irmão. Os residentes europeus de Ajudá faziam correr ruidos espantosos, da maneira por que o rei se achava mal disposto e cheio de raiva contra os inglezes. Era, e é ainda naturalmente, do interesse d'estes residentes obrarem assim, para nos terem na ignorancia do seu trafico. Depois de maduras reflexões, resolvi fiar-me completamente na boa fé do rei.

O estado das cousas no paiz parecia favoravel a fazer im-

pressão no soberano, e para abrir o estabelecimento de relações amigaveis.

Tendo então feito *os preparativos para uma ausencia de quatorze dias,* desembarquei ás dez horas da manhã, de terça feira 2 de dezembro de 1862, com o capitão Luce e o doutor Heran, do *Brisck,* que se tinham offerecido para acompanharme.

Ordenei ao *Rattlesnake* e ao *Brisck,* que saissem em *cruzeiro* e voltassem a 14 do mez.

Fizeram-nos atravessar em macas a lagôa e os charcos, pontos quasi invadiaveis na estação chuvosa, e depozeram-nos junto de uma grande arvore á entrada de Ajudá, onde se praticaram certas ceremonias destinadas a congratular-nos da boa vinda. O Avogá com outros funccionarios, receberam-nos de modo muito cordial, com acompanhamento de tambores, bandeiras, tiros de espingarda, dansas executadas pela população e pelos soldados, a que estes juntavam canticos guerreiros. O Avogá e mais chefes nos acompanharam ao forte inglez, e ahi se bebeu á saude da rainha de Inglaterra e do rei de Dahomé.

Providos de guias e de carregadores para nossas pessoas e bagagens, etc. e de uma escolta de soldados para nos protegerem no caminho, partimos na tarde seguinte, tendo comnosco o reverendo padre Bernesko, com seus creados para nos servirem durante a nossa demora. *Foi preciso, segundo o costume do paiz, prevenir-nos para sustentar todo este pessoal na verdade muito numeroso.*

Na tarde de quinta feira chegámos a *Cannah,* oito milhas distante de *Abomé,* aonde o rei tinha a sua côrte.

Os preparativos para a nossa recepção não estavam de certo acabados, *e ficámos na estrada* mais tempo do que n'outro caso fariamos. Provavelmente sua magestade negra desejava n'esta occasião mostrar toda a sua pompa e poder, e a minha rapida vinda de Ajudá o encontrava um pouco desprevenido.

Por toda a parte, em caminho, os chefes vinham ao nosso encontro com seus soldados, e recebiam-nos com muitas dan-

sas e descargas de mosquetcria, alem dos presentes usuaes de agua, volateis, cabras, etc. Os discursos tambem não faltavam, e n'elles expressavam o seu ardor guerreiro e o desejo de irem cortar cabeças para o seu senhor.

As mulheres e os meninos executavam a dansa de guerra, brandindo espadas, como para degolarem inimigos. Alguns dos seus cantos eram muito curiosos.

Em todas as aldeias aonde dormimos, haviam-nos preparado alojamentos *confortables*, e com agua. Toda a gente se mostrava cheia de attenção para comnosco. A agua é má e rara, sobretudo na estação secca, e deve ser muito insalubre.

O rei mandára a encontrar-nos tres mensageiros, para se informarem da nossa saude, etc.

No dia 10, ás dez horas da manhã, mandou o rei dizer que estava disposto a receber-nos. Por consequencia vestimos o «grande uniforme», e esperâmos debaixo de copadas arvores, no meio de um espaço vasio bastante vasto.

Passado algum tempo, chegaram os chefes e seu sequito, formados todos segundo o seu grau. Foram-nos apresentados seguidamente com o mesmo ceremonial de tambores, tiros, dansas e cantos como em Ajudá. Depois d'esta apresentação, que levou muito tempo, subimos ás macas, e dirigimo-nos ao palacio, perto do qual estavam reunidos n'uma grande praça todos os chefes, com seus creados e um numero consideravel de soldados.

O espectaculo era dos mais interessantes: as cores vivas dos *chapéus de sol*, os trajes dos chefes, as descargas de fuzilaria, os cantos da assembléa, o som dos tambores de guerra, os gestos selvagens dos soldados e seu aspecto feroz, faziam-nos comprehender sufficientemente que estavamos no meio de uma nação barbara.

Toda a gente comtudo nos tratava com evidentes signaes de respeito, emquanto que, conforme o costume, os nossos carregadores nos conduziam tres vezes em torno da praça. Á terceira, descemos, e entrámos as portas do palacio, no meio de duas fileiras de chefes.

O pateo do palacio é vasto e apresentava um espectaculo

proprio para se gravar na memoria. Na extremidade havia um grande edificio, que no paiz tem uma certa pretensão de belleza, apesar de ser coberto de palha e sustentado por columnas de madeira grosseiramente trabalhadas. Em frente e proximo d'esse edificio, com uma passagem para chegar ao rei, estava disposta uma grande collecção de umbellas de varias cores e para uso *exclusivo* do soberano. *Sob este abrigo achavam-se agrupados os principaes chefes.*

De cada lado do rei no interior do edificio, e vestidas de cores vivas, estavam as suas mulheres, em numero de cem, pela maior parte jovens e bonitas. O rei achava-se deitado n'uma especie de *divan* da altura de tres pés e coberto de velludo carmezim. Fumava no cachimbo. Uma das suas mulheres segurava um assucareiro de vidro, que servia de escarrador ao real fumante; sua magestade vestia com simplicidade. A parte superior do corpo estava completamente nua, tendo sómente no pescoço uma cadeia de prata, da qual pendia um talisman. Uma peça de estofo ordinario lhe cingia os rins.

O lado esquerdo do pateo desde o muro até junto do rei, estava cheio de amazonas armadas com diversas especies de armas, taes como, espingardas, espadas, gigantescas navalhas de cortar cabeças, arcos e flechas, bacamartes, etc. Estavam assentadas quando entrámos. Proximo d'ellas, e collocado de fórma, que dava bem na vista, estava o seu tambor de guerra, todo guarnecido de caveiras humanas. Avançámos com toda a requerida etiqueta para o recinto aonde o rei estava assentado, e junto d'elle *passámos por todas as formalidades das saudações devidas ao poder soberano, do que elle nos mostrou a sua satisfação, inclinando-se e saudando-nos com a mão.*

Tomámos então logar ao seu lado sobre cadeiras que haviamos trazido de Ajudá, e a conversação começou pelos comprimentos usuaes. Informou-se da minha saude, e como me achava depois da viagem. Em seguida pediu noticias da rainha e de toda a sua familia, fazendo-me numerosas perguntas sobre a fórma de governo na Inglaterra. Respondi-lhe que a rainha lhe enviava os seus comprimentos, esperando que elle

gosasse saude; e com esta resposta pareceu ficar muito satisfeito. Não sendo esta visita mais do que de apresentação, não se entregaram mensagens, nem por consequencia se tratou de politica.

O rei ordenou então ás suas amazonas que executassem varias evoluções a saudarem-me, o que estas fizeram maravilhosamente. Carregaram armas e atiraram com rapidez, acompanhando de cantos os diversos exercicios.

As mulheres formam uma bella tropa; são muito ageis nos seus movimentos, muito fortes, e superiormente bem conformadas. Ninguem se lhes deve chegar senão o rei, que no meio d'ellas vive. São as primeiras nas honras e na importancia; todas as mensagens do rei a seus chefes e reciprocamente, são por ellas conduzidas.

Quem entrega uma mensagem ao rei fa-lo de joelhos, e diante d'elle os homens tocam a terra com a testa e com os labios. As mulheres não beijam a terra, nem se cobrem de poeira como os homens. Quando um homem apparece diante do rei, é obrigado, antes de se levantar, a cobrir de pó a cabeça e a parte superior do corpo, como para dizer: «Eu não sou mais que poeira em tua presença». É um espectaculo degradante, *mas no fim de tudo é costume do paiz.*

Quando as amazonas acabaram as manobras, vieram fazer-nos os seus comprimentos, cantando canções em louvor do seu senhor, declarando-se promptas a entrar em campanha, e juntando os gestos ás palavras faziam o simulacro de cortar cabeças.

O rei nos apresentou então successivamente todos os seus principes, chefes e principaes guerreiros; e depois os chefes e capitães-amazonas; depois as primeiras filhas do ultimo rei: n'uma palavra, fez apparecer perante nós e nomeou-as individualmente todas as pessoas importantes do seu reino. A mãe do rei e as mães dos seus principaes chefes nos foram tambem apresentadas.

Depois que cada um dos grupos era introduzido e que eu os tinha saudado, dava-se-lhe uma garrafa de *rhum*, presente de uso em tal occorrencia, e que era o signal de poderem re-

tirar-se. A cada um dos chefes principaes dava-se um copo que ou bebiam ou davam aos do seu sequito. Uma vez admittido á presença do rei ou na sua capital, nenhum europeu ou indigena póde retirar-se sem este presente habitual. A cada visita que lhe fizemos não podémos retirar-nos, sem termos recebido d'elle, sob a fórma de uma ou duas garrafas de *rhum* para nossos carregadores, a licença para o effectuarmos.

Terminadas todas as apresentações, fez o rei voltar as amazonas para nos saudarem, depois do que nos offereceu agua e licores espirituosos de que bebeu comnosco, com que se considerou finda a recepção.

Não é permittido a ninguem ver o rei beber; quando o liquido se approxima dos reaes labios, toda a gente se volta, e alem d'isso as mulheres do rei ocultam-no, estendendo-lhe pela frente uma grande peça de fazenda.

Levantou-se então o rei, e fez-nos atravessar o pateo, marchando ao meu lado; depois acompanhou-me ainda por espaço de meia milha no caminho da nossa habitação, o que devia ser considerado como um singular favor. Seguia-nos toda a côrte, á excepção das mulheres e amazonas, que nunca fazem parte de taes cortejos. Os soldados davam gritos e cantavam canticos de guerra, emquanto os chefes marchavam na frente do rei como esclarecedores, para fazerem dar logar e assignalar aos reaes pés os pontos pouco limpos, ou as desigualdades do solo.

O espectaculo era imponente; dava-nos uma justa idéa do poder do rei sobre o seu povo. O rei parece ao mesmo tempo muito temido e estimado.

É um bello homem, tendo de altura mais de seis pés inglezes, largo de hombros e de physionomia agradavel quando quer. Tem os olhos injectados, o que póde provir, ou da falta de somno, ou de outras causas. É grande fumante, mas não é muito dedicado ás bebidas espirituosas. A sua pelle é mais clara que a da maior parte dos seus subditos, e tem a côr acobreada dos indios da America. É muito activo, e muito amador de dansas e cantos, exercicios a que se entrega em publico em certas ceremonias. Tem pelo bello sexo um gosto

bem pronunciado, e possue tantas mulheres quantas lhe agradam. A sua idade é de perto de quarenta e tres annos.

Antes de deixarmos o palacio, Sua Magestade negra mandou, em honra da rainha Victoria, dar uma salva de vinte e um tiros, com canhões de varios calibres que jaziam sobre o solo, *solidamente fixados* na areia; o maior canhão era de calibre tres. Estas peças são carregadas a braços, ou ainda á cabeça dos artilheiros, e são postas em terra no momento de atirar. É o que se fez á minha entrada no palacio. Tive tambem a minha salva particular de nove tiros; indicava-se o numero d'elles por outras tantas balas de fuzil que se lançavam em uma bacia de ferro.

Eramos accompanhados desde Ajudá pelo principe, que recebêra ordem de se occupar de nossos arranjos ao longo do caminho. Vimo-lo sempre obsequiador e cheio de civilidade. Chegando ao nosso alojamento depois das ceremonias que acabo de descrever, pediu-me elle que fizesse um presente aos soldados e amazonas, pela maneira por que o rei me havia recebido. Esperava, me disse, que o não envergonhasse perante os seus subordinados, poisque era elle que me tinha trazido, e que fôra encarregado da minha pessoa. Acquiesci logo ao seu desejo, e *fiz um bello presente* que foi recebido com reconhecimento. De cada vez que se encontram estrangeiros n'este paiz bebem uns com outros á sua primeira entrevista, ou quando estão para se despedir. Foi preciso constantemente sujeitar-nos a este costume, *com o qual os nossos recursos* se resentiram consideravelmente.

Hoje os truões do rei dansaram perante nós. Rebentando a espingarda a uma amazona, teve esta a mão gravemente ferida, e veiu logo um mensageiro do rei pedir os cuidados do doutor para a desgraçada. O caso era dos mais graves, e julgo que a amazona foi muito feliz em ser tratada pelo doutor Haran.

Ficámos em *Cannah* até ao domingo 14 de manhã. N'este mesmo dia partimos para a capital Abomé, distante oito milhas, e aonde o rei devia chegar em grande pompa para fixar sua residencia. As demoras e retardações pertencem á or-

dem do dia no paiz. Ninguem sabe apreciar o valor do tempo, e da mesma fórma não sabem sustentar a sua palavra. Fallei bastantes vezes ao principe no meu empenho de ver o rei, e entregar-lhe os presentes que trouxera, *e sem os quaes se não entregam mensagens nem se entretêem relações particulares.* Respondia-me que o rei me receberia na sua capital para aonde ia dirigir-se, a fim de fazer uma grande ceremonia em honra do espirito de seu pae. Disse mais que o rei desejava que eu fosse testemunha do que ía ter logar, e que visse a grande revista que ía passar ao seu povo.

Não havia que hesitar, poisque não queria deixar o paiz sem ter visto tudo que fosse interessante; e decidido como estava a aproveitar as amigaveis disposições do rei, *resolvi ter paciencia e esperar! Era a minha politica conservar-me em boa harmonia com toda a gente, e fazer conhecer a sympathia que os inglezes tinham pelos povos do paiz.* Se perdesse o sangue frio e me mostrasse zangado com as tardanças do rei, *poderia talvez* ser recebido logo, porém certamente que então teria que voltar a Ajudá sem produzir impressão no animo do rei, e sem presencear as curiosas scenas, que tão profundamente se gravaram na nossa memoria. Quero crer que foi ao procedimento por mim adoptado que devemos o ver desapparecer todos os obstaculos, e termos como amigo o «Dahomé» todo, rei, chefes e povo. Estou convencido que a maior parte dos espectaculos a que assistimos foram organisados por minha causa, e de certo nenhum homem branco viu o que nós vimos, e foi tratado com mais consideração. Todas as vezes que na capital entram estrangeiros, *dão-se sempre estas demoras forçadas, de que todos se queixam; e quanto mais contente se acha o rei com o seu visitador, tanto mais tempo quer guarda-lo junto de si.*

Emquanto estavamos em *Cannah* fomos duas tardes seguidas convidados pelo rei para ver as suas amazonas e soldados atirarem ao alvo. Perguntei-lhe na primeira entrevista se era de uso exercitar o seu povo d'esta maneira; respondeu-me affirmativamente, e soube que só com este fim estava então em *Cannah*.

Achámo-lo a duas milhas fóra da cidade em um vasto terreno descoberto, cercado de seus officiaes e povo (muitos milhares de individuos); dispondo-se a atirar a um grande numero de cabras, que tinham sido amarradas a estacas cravadas na terra a distancia de quinze jardas umas das outras, na frente de um muro de terra, extremamente comprido e de seis pés de altura. O rei recebeu-nos cordialmente, e ordenou ao principe que nos fizesse collocar debaixo das reaes umbellas, e de maneira que tudo vissemos bem.

Começou o exercicio. As amazonas da guarda real distinguiram-se pela precisão de seus tiros. O rei tambem atirou muitas vezes, e cada bala teria morto um homem! Os soldados tambem apontavam com certeza, sobre tudo attendendo á má qualidade do armamento: espingardas de pedreneira com balas de ferro mal calibradas. Com boas armas, disciplina, e a sua coragem real, estas tropas seriam verdadeiramente formidaveis adversarios.

No domingo 14 fez o rei a sua entrada publica em Abomé. Na frente marchavam os soldados por companhias atirando, cantando e dansando, e sendo cada companhia commandada por um chefe que marchava abrigado sob um guarda-sol. Estas tropas fizeram tres vezes a volta da praça em que estavamos, fóra do palacio. Em seguida vinham as amazonas na mesma ordem, dansando, cantando e atirando, e cada companhia commandada por um capitão-amazona. Marchavam melhor que os homens, e tinham apparencia mais marcial. A sua actividade é espantosa. Em ultimo logar vinha o rei cercado da sua guarda feminina, e em carruagem arrastada pela mesma guarda.

Quando o rei passou junto de nós saudámo-nos reciprocamente. Disse então ao principe que era triste que o rei não tivesse cavallos. Foi este pezar referido ao rei, que mais tarde me pediu que significasse á rainha Victoria a vontade que tinha de os receber d'ella como presente; prometti-lh'o. Tambem disse rindo ao principe que o rei devia mandar que as mulheres puxassem a carruagem a *todo o galope*. Informado da minha observação, o rei o ordenou, e fez tres vezos a volta da

praça, arrastando as amazonas a carruagem com quanta velocidade podiam, isto com grande alegria de todos os assistentes. O rei desceu depois da carruagem, e fez novamente a volta da praça conduzido em uma bella maca. Toda a tarde foi occupada pelo exercicio de tiros, dansas e cantos. Quando tudo se acabou o rei veiu ter comnosco, apertou-me muito as mãos, e depois retirámo-nos.

A areia vermelha n'este paiz é bastante desagradavel; penetra em todas as partes do corpo e nos vestidos. Todos os dias nos achavamos cobertos de uma camada, e para a tirar era mister uma boa lavagem. Em cinco minutos um lenço branco de algibeira faz-se amarello.

Julgo que por occasião da entrada do rei, houve de noite algumas cabeças cortadas; poisque sempre assim é quando elle volta á sua capital. Não podémos saber o numero exacto, mas no dia seguinte de manhã quando passámos pela porta do palacio havia oito fóra da porta, e é de suppor que no interior houvesse mais d'estes trophéus.

A contar d'esta data estivemos *cinco semanas* em Abomé, e todos os dias assistimos a scenas de caracter muito estranho, taes como dansas e cantos de guerra das amazonas e soldados, distribuição de presentes aos principes, aos chefes, aos capitães e officiaes das tropas; fomos igualmento testemunhas das apresentações dos tambores do rei, dos capitães-amazonas, dos bobos e de uma grande multidão de outros individuos que comparecem diante do monarcha durante a solemnidade dos *costumes*.

Um certo numero de soldados da vizinhança de *Agué*, sabendo que o rei tencionava atacar o seu paiz, vieram a Abomé render-se, para não correrem as probabilidades de serem tomados, vendidos ou decapitados. Juraram-lhe fidelidade, o que se cumpriu com uma ceremonia muito curiosa. Depois de terem beijado a poeira, o rei e em seguida o seu primeiro ministro lhes fizeram discursos, em que se exaltava o poder do rei e a grandeza do seu nome. Cada chefe foi chamado pessoalmente, e recebeu um presente de fazendas e de buzios, e os dois principaes tiveram, alem d'esse presente, mais uma

mulher para cada um. A companhia toda inteira recebeu tambem como signal de adopção enfiadas de buzios.

É seguramente extraordinaria a influencia e importancia que tem o rei de Dahomé, não só nos seus proprios dominios, mas até nos paizes quo com elles confinam. Ao mesmo tempo que é de todos temido, mostra-se amigo sincero dos que buscam a sua alliança, e está sempre prompto a auxilia-los. Tivemos occasião de observar este facto nos ultimos cinco dias da nossa demora na capital.

No penultimo dia dos *costumes*, ao anoitecer, chegou um corpo de tropas, com todo o seu sequito carregado dos arranjos do acampamento. Estes soldados voltavam de um ponto do interior situado á distancia de tres dias de marcha e pertencente ao rei. Tinham sido mandados em soccorro de uma aldeia dependente de um chefe amigo do rei, e que ameaçado pelos Abeokotanos, pedira o auxilio e assistencia de Dahomé. O rei a concedêra, e expedira para esse effeito dois dos seus principaes chefes com seiscentos homens. Quando estes auxiliares se approximaram, os Abeokotanos tomaram a fuga. Eis porque a expedição voltava a Abomé. Foi um interessante espectaculo ver entrar estes soldados, e o rei fazer-lhes um discurso e gratifica-los com presentes.

No sabbado, sexto dia da nossa chegada a Abomé, fomos recebidos particularmente pelo rei no seu palacio; apresentei-lhe então os presentes que lhe havia trazido. Estava cercado por seis individuos do seu conselho privado, que me eram bem conhecidos, e por cinco das suas mulheres.

Não quiz receber os presentes, senão das nossas mãos, o que não é costume. Dei-lhe primeiro o retrato da rainha, dizendo-lhe que sua magestade lh'o enviava como signal de particular amisade, e do seu desejo de viver com elle nos termos mais favoraveis. Tomou o retrato nas mãos, e admirou-o muito. A rainha é representada com vestido de côrte, e de corôa e sceptro; a moldura é muito bella, e o quadro de grandes dimensões. Depois de bem examinar a pintura, fez-me muitas perguntas em relação ao traje, e em seguida disse: «A partir d'este momento a rainha de Inglaterra e o rei de

Dahomé, não fazem mais do que um! A rainha é a maior soberana dos brancos, e eu o rei dos negros. Eu sustentarei a cabeça do reino de Dahomé, e vós a cauda». Fiz-lhe em seguida alguns pequenos presentes da minha parte, ao que foi muito sensivel, e que me agradeceu apertando-me as mãos. Seus conselheiros partilhavam dos mesmos sentimentos, e exclamavam: «Emfim encontrámos bons amigos».

Julguei o momento opportuno para expor a minha missão official; o primeiro ponto que abordei foi o commercio dos escravos. «A Inglaterra, disse-lhe eu, ha longo tempo tem feito todo o possivel para pôr termo ao trafico de escravos n'este paiz. Para alcançar tão desejavel fim, tem gasto grossas sommas e sacrificado muitos homens, e tudo até aqui sem successo. *Vim pedir-vos para acabar com o trafico, e concluir commigo um tratado a tal respeito.* Estou prompto a ouvir as condições rasoaveis, que vos agradar propor-me, e a dar conta ao meu governo do que tiverdes a dizer sobre esta questão». Continuei mostrando-lhe quanto era iniqua a venda de nossos similhantes; representei-lhe o beneficio que tiraria, mesmo pelo lado pecuniario, guardando os escravos no seu paiz e empregando-os em cultivar o sólo. Experimentei provar-lhe, que o valor de um escravo assim empregado lhe produziria uma somma mais aproveitavel, do que desfazendo-se d'elle por uma vez vendendo-o para fóra do paiz. Estendi-me largamente sobre a riqueza da terra, e sobre a facilidade que haveria em introduzir a creação dos bichos de sêda, e as culturas do algodão, do café e producções analogas. Esforcei-me a convence-lo, que obrar como elle fazia era despovoar a Africa e reduzir os habitantes á miseria. Fiz-lhe notar que se o commercio dos escravos fosse repentinamente entravado, elle caíria necessariamente na pobreza, poisque os productos do sólo eram nullos, e que elle tirava todos os seus recursos dos brancos, que lhe compravam captivos: como faria elle n'esse caso para nutrir todo o seu povo, vesti-lo, dar-lhe armas, polvora, aguardente, tabaco e buzios? Recommendei-lhe, que pensasse n'isto, e que desse bastante attenção á cultivação e ao commercio licito; depois perguntei-lhe «quantos

escravos embarcava por anno, e *que compensação exigia para concluir comnosco um tratado que pozesse fim á venda de captivos*».

Em seguida tratei da questão dos sacrificios humanos, e fiz-lhe ver que não sómente a Inglaterra, mas toda a Europa deplorava o triste uso que elle tinha de immolar, por occasião dos seus costumes, animaes, seres humanos seus compatriotas, juntamente com touros, cabras e gallinhas. Não podia elle impedir estes assassinatos, e banir os *costumes* do paiz? Ajuntei, que bem sabia que toda a medida repentina, era não sómente perigosa, mas mesmo impossivel; porém que não obstante esperava que elle reflectisse no que taes actos tinham de cruel, na sua completa inutilidade para tornar os deuses favoraveis, e que n'um praso marcado elles cessassem.

Meu terceiro ponto disse respeito a Abeokutá. A rainha e o governo inglez, disse-lhe, esperavam que elle não enviasse o seu exercito a Abeokutá; que a paz valia mais do que a guerra, e que seus subditos seriam mais bem empregados em cultivar o terreno, do que em se destruirem.

Que se elle lá fosse, eu tinha confiança de que se mostrasse misericordioso com os seus prisioneiros, sobre tudo com os christãos.

Perguntei-lhe em seguida se estava disposto a enviar a Inglaterra um chefe principal, homem que tivesse a sua confiança e que podesse ver com os seus olhos as maravilhas da nossa civilisação. Prometti-lhe que seria bem recebido, e que a sua visita não seria sem influencia.

Cheguei a propor a abertura de um trafico licito em Ajudá, e a recepção dos inglezes n'aquelle logar. Emfim fallei das escolas de missionarios, e pedi-lhe que consentisse a seus subditos, que o desejassem, mandarem seus filhos para se instruirem.

Durante todo o tempo o rei prestou-me muita attenção, e fez-me muitas observações. Quando acabei, bebemos segundo o uso, e reconduziu-me fóra do palacio, acompanhando-me muito adiante pela estrada, no meio dos vivas dos soldados.

Ficámos um mez ainda em Abomé depois d'esta occasião,

por causa dos costumes ou festas que se faziam; *e nada póde decidir o rei a deixar-nos partir antes que tudo acabasse,* desejoso como estava, que podessemos ver e contar tudo. Todos os dias assistimos a dansas e cantos das amazonas. Vimos a procissão dos seus thesouros no interior do palacio, acompanhada pelos principaes ministros, principes e chefes, todos em traje de côrte. Os capitães das amazonas desfilaram da mesma fórma.

Era um interessante espectaculo, que me offereciam estas guerreiras, de apparencia semi-selvagem, apesar do seu uniforme decente, de cores diversas segundo os graus, tendo a maior parte collares e ornamentos de prata ao pescoço, e algumas caveiras penduradas na cintura.

Foi durante a procissão dos thesouros reaes, de que depois fallarei, que appareceram as victimas humanas, em seguimento aos buzios, fazendas, aguardente e tabaco, que haviam de ser lançados ao povo. O cortejo compunha-se de uma longa fileira de volateis amarrados a paus, seguiam-se as cabras mettidas em cabazes, depois um touro, e emfim meia duzia de individuos ligados de pés e mãos, com um turbante na cabeça, e estendidos n'umas canastras, conduzidas á cabeça dos carregadores. As victimas humanas fizeram assim tres vezes a volta da praça. Na primeira volta os carregadores pararam em frente do recinto em que o rei estava assentado, e receberam cada um, um copo de aguardente, de uma amazona destinada para esta distribuição. Passaram em seguida as portas, para se dirigirem á *platafórma* situada d'ahi a uma milha.

A procissão durou dois dias, e em ambos elles figuraram victimas humanas; oito no primeiro e seis no segundo. Sacrificou-se a metade, e guardaram o resto provavelmente para serem sacrificados de outra vez. Os desgraçados que assim iam morrer, dirigiam-nos os olhares quando passavam; mas não estava em nosso peder auxilia-los por qualquer modo. O rei pretendia que eram criminosos, que tinham infringido as leis do paiz, assassinos, ladrões, etc.; porém eu creio que eram simples captivos, apresados pela maior parte em Ischaga, como indicavam as marcas que tinham no rosto.

Um dia ou dois, depois das procissões, o rei appareceu sobre a primeira platafórma (havia quatro: duas grandes e duas pequenas. Seu pae não teve nunca mais que duas; mas elle quer ser superior a seu pae em tudo).

Os lados das platafórmas são forrados de tapetes carmezis e de outras cores, com curiosos desenhos emblematicos; taes como crocodilos, elephantes, serpentes, etc., de doze a quinze pés de tamanho. As grandes platafórmas são quadradas, com uma especie de grande galeria coberta que as cerca; sobe-se para ellas por uma grosseira escada. O sobrado é coberto de hervas seccas, e perfeitamente liso. Os chefes ahi estão assentados debaixo das umbellas reaes, e na extremidade a mais distante da entrada, está o rei em pé, no meio de um pequeno grupo de amazonas escolhidas. D'este lado da platafórma se eleva, a trinta pés de altura, uma torre coberta de fazenda como o resto. *É uma innovação do rei,* e é do alto d'esta torre que se lançam as victimas á multidão.

Quando o rei está prompto, começa por lançar buzios, em embrulhos e aos punhados. A refrega principia, e o barulho occasionado pelos brutos para se aproveitarem d'esta generosidade é espantoso. Ha milhares de individuos, que não têem mais que um *farrapo* em torno dos rins como vestuario, mas que levam um saco para guardar os buzios.

Batem-se por vezes aos bandos segundo a vontade do rei, e n'este caso os chefes montam nos hombros dos seus homens. Depois dos buzios, seguem-se as peças de fazenda, e a excitação chega ao seu cumulo. Durante estas distribuições, o rei adverte o seu povo, que como o combate é leal, não se devem empregar outras armas mais que os punhos, e que nenhum mal se fará áquelle que lhe succeder matar alguem.

Acabado isto, são chamados os chefes, que por sua vez recebem buzios e fazendas, e depois de distribuir elle proprio as suas generosidades, lança fóra o que sobeja. N'este exercicio muda muitas vezes de logar, e váe de um a outro lado do tablado.

Logo depois apparecem no tablado em procissão os paus de que já se fallou, que têem volateis vivos. Tres homens so-

bem ao alto da torre e recebem, a um e um, todos os paus, que são immediatamente lançados ao povo. Primeiramente tem-se preparado um buraco, junto do qual está um poste aonde se cortam as cabeças das victimas, fazendo, que o sangue corra para o buraco. Começa-se pelos volateis, seguem-se as cabras, depois o touro, e em ultimo logar os homens; o mesmo processo se applica para todos. Depois d'esta degolação, mistura-se todo o sangue no buraco, e deixa-se estar até á noite com o poste. Os corpos humanos são arrastados pelos pés, e fazem-lhes toda a qualidade de insultos. Dão-lhes pancadas, decepam-lhes as mãos, cortam-lhes pedaços, etc., só as cabeças se conservam, para as fazerem ferver em agua, obtendo assim as caveiras perfeitamente limpas.

Estas ceremonias duraram dois dias. Não quiz no primeiro assistir ao assassinato d'estes desgraçados, e sanccionar com a minha presença tão barbaros sacrificios; por consequencia levantei-me, e retirei-me para debaixo de uma tenda, e não voltei a occupar o meu logar, senão quando tudo se acabou.

Foi por esta occasião que teve logar um facto, que muito honra o rei, e que é conveniente fazer conhecido. Emquanto me achava na barraca, veiu um mensageiro dizer-me que o rei me chamava. Levantei-me e fui á base do estrado em que estava o monarcha. Era immensa a multidão; mas reinava o mais absoluto silencio, nem uma palavra, nem um sopro.

Vi sobre o estrado uma das victimas prompta a ser degolada, e segura por uma estreita banda de fazenda branca, passada por baixo dos braços. As feições d'aquelle homem denotavam o mais vivo terror: a côr negra da pelle quasi que desapparecêra, e offerecia uma especie de pallidez relativa, das mais extraordinarias.

O rei me disse: «Vieste como amigo, e tendes sido testemunha de todos os nossos *costumes*, e tendes tomado parte de boa vontade na distribuição dos buzios e vestidos. Tenho-vos amisade, por terdes mostrado que um bom inglez como sois, póde dar provas de paciencia e sympathisar com o negro. Vou dar-vos o vosso lote nas victimas; faço-vos presente d'aquelle homem. D'aqui em diante pertence-vos, ordenae-lhe o que

quizerdes, educae-o, mandae-o para Inglaterra, ou fazei o que tiverdes na vontade».

O pobre diabo foi então descido da plataforma, e a cinta de estofo branco foi entregue nas minhas mãos. É impossivel descrever a expressão de alegria que lhe transluzia no rosto: «Não comprehendo a minha posição (lia-se claramente), mas de certo que acabo de escapar á mais medonha morte».

Nem uma palavra, nem um som saiu de seus labios, mas lia-se-lhe nos olhos o que se lhe passava no coração, o proprio rei tomava parte na sua alegria. Os chefes saudavam-me na passagem, quando atravessei as fileiras seguido da victima, assim salva de maneira tão inesperada. Não direi o que senti n'estas circumstancias, porque é facil de comprehender-se. A vida d'este unico homem que eu salvára, era compensação sufficiente dos enojos e demoras que estava soffrendo.

Os *costumes* terminaram por um dia de exercicio de tiro, e por uma marcha das tropas na nossa presença e do rei. O rei dansou com as suas amazonas, e convidou-nos a juntar-m'o-nos ás dansas. Os tiros foram muitos certos, e faziam-lhes honra, e o rei despendeu certamente uma grande quantidade de polvora durante a nossa visita. Emquanto duram os costumes, o rei deixa de lado todos os negocios publicos; e elle me afiançou que os fizera breves, para permittir a nossa retirada.

Sexta feira, 16 de janeiro, de tarde, o rei me rogou que passasse revista ás suas guardas de corpo (homens e mulheres), o que fiz; depois nomeou-me coronel (de perto de mil soldados de cada sexo), honra que me custou cara, segundo os costumes do paiz.

Cada um dos capitães, ao ser-me apresentado, proferia um discurso, de que o teor era sempre a narração das proezas que tencionava fazer em Abeokutá, e do numero de cabeças que me caberiam em partilha, poisque sendo seu chefe, tinha por consequencia direito a uma parte dos productos da guerra.

No dia seguinte, sabbado 17, o rei nos recebeu em particular, como já havia feito, e me disse que estava prompto a

dar resposta á minha mensagem. Começou por me comprimentar e felicitar-se de ter recebido um enviado tal como eu, que havia mostrado com a *minha paciencia* ser amigo dos negros. Depois contou uma longa historia do seu paiz, no tempo de seus antepassados, e disse-me que seu pae desejára sempre viver em bons termos com os inglezes; mas que havia já longo tempo que estes, sem elle saber porque, pareciam ser-lhe hostis, e procuravam levantar contra elle todas as nações de Africa. O commercio de escravos, disse, *fazia-se ha seculos no seu paiz; era o seu grande recurso, e o principal meio de pagar ao seu povo!* Que não mandava escravos em navios seus para fóra, *eram os brancos quem lh'os vinham buscar.* Que mal havia então em que elle lh'os vendesse? Que nos pertencia a nós evitar que viessem os brancos, poisque não vindo elle lh'os não venderia.

Que bem tinhamos visto tudo que cada anno elle dava ao seu povo, que só d'elle vivia, e que não poderia continuar a faze-lo, vendendo só azeite de palma. Que podiam vir comprar-lhe azeite de palma, e que estimava muito vende-lo; porém que este commercio só era insufficiente, e que quando não vendesse escravos, aonde iria buscar dinheiro? Que não era culpa sua, se vendia escravos, mas culpa d'aquelles que haviam forçado os seus antepassados a vende-los, por fórma que esta venda se tornára uma instituição no seu paiz. É-me impossivel impedi-la, disse, o que seria então do meu povo? e de mais, fazendo-o, arrisco-me a ser morto. Perguntei-lhe ainda, que somma pediria como indemnisação para renunciar ao trafico. «*Nenhuma somma me faria renunciar,* respondeu elle, eu não sou como os reis de Lagos, de Porto Novo e de Benim, etc. Não ha senão dois reis na Africa, é o de Achanti e o de Dahomé; eu sou o rei de todos os negros. *Nada compensaria para mim o commercio dos escravos*».

Repliquei que com o tempo este commercio cessaria, que mesmo actualmente vinham já poucos navios; o que faria quando não viesse nenhum? Achei inutil estender-me mais sobre este objecto. O preço de um escravo é de oitenta *dollars,* e mais quatro *dollars* por direito de exportação. A maior

parte das vezes pagam-lhe os escravos antes d'elle os ter tomado; mas tambem n'outras occasiões entrega-os sem pagamento, correndo o risco; se o negreiro é capturado, é elle quem perde. « É preciso, ajuntou o rei, que eu vá a Abeokutá; somos inimigos, poisque os abeokutanos insultaram meu irmão, e quero castiga-los. Para que vindes misturar-vos nas guerras dos pretos? Nós não queremos que os brancos se batam comnosco; que todos saiam de Abeokutá, e vejam quem fica vencedor; que o branco fique afastado, e veja de que lado estão os bravos!

Por muito tempo fallou de Porto Novo. « Se os meus amigos inglezes lá me tivessem mandado, disse elle, ter-me-ía encarregado em seu logar de tomar Porto Novo; porque não tenho necessidade, que os brancos venham metter-se nas nossas questões de negros ». Prometteu-me solemnemente, em attenção para commigo, poupar todos os christãos, e envia-los para Ajudá. Fallei-lhe dos christãos de Ischaga, respondeu-me: « Como podia ter conhecido que eram christãos? O negro intitula-se christão, pretende que é branco, veste fato como este, o que é um insulto para os brancos! Respeito os brancos, continuou elle, porém aquelles são impostores, não valem mais que o meu povo. E porque esperam elles, quando sabem que vou chegar; se ficam, tenho todo o direito de suppor que é para pegarem em armas contra mim, e sou forçado a trata-los como inimigos. Se uma bala for ferir qualquer branco em Abeokutá, devo ser censurado por esse facto? Porque é que elles não fogem, quando sabem que vou atacar? »

Não insisti mais sobre tal objecto, porque achei as suas observações muito justas e leaes; passei a fallar dos sacrificios humanos. « Tendes visto, me disse, que se sacrificam poucas victimas; mas se eu quizesse de repente supprimir este uso, a minha cabeça cairia logo! Estas instituições não podem ser derrubadas da maneira que propondes. Pouco a pouco, passo a passo póde-se fazer muito; é preciso ir *docemente e não de repente!* Vêde como eu estou collocado, e que difficuldades me cercam! Pouco a pouco, lá chegaremos ».

Fallámos em seguida de mandar um principe para a Ingla-

terra. Respondeu-me que havia de faze-lo, se eu viesse renovar as relações amigaveis e trazer a resposta da rainha, ao que elle dissera.

Quanto ás escolas de Ajudá, declarou-me que todos os mulatos podiam enviar seus filhos para ellas; e eu não duvido, *que se elle nos vê de boa fé* que em mui pouco tempo permitta a seus proprios subditos de fazerem outro tanto, se quizerem.

Quando findou esta entrevista, o rei fez-me os seguintes presentes para a rainha: um grande guarda-sol, feito de velludo de varias cores e com emblemas, um largo escabello esculpido, de que só os soberanos podem usar; um tubo de cachimbo e um saco para tabaco, um saco de couro com um leão bordado, uma bella peça de fazenda do paiz, e um comprido *bastão* com ornamentos de prata, e que é sómente usado pelos reis. Ajuntou a estes diversos presentes duas raparigas, uma de doze annos, outra de dezeseis, ambas muito bonitas e muito intelligentes. Entreguei estas creanças ao cuidado da mulher do missionario mulato de Ajudá, esperando ser informado das intenções de sua magestade. Foram estas raparigas prisioneiras em Ischaga, e parece-me que devem ser muito interessantes para a rainha.

Fallarei na proxima carta dos recursos de Dahomé, da fórma do seu governo, do numero de soldados e amazonas, e de um grande numero de cousas, para que hoje me falta o tempo.

Deixámos Abomé n'esta mesma noite, e fomos reconduzidos com grande pompa a Ajudá, aonde chegámos na quinta feira 22 do corrente[1], depois de cincoenta e um dias de ausencia.

Tão longa estada n'este reino, e na sua capital, *não se fez sem grande dispendio. Dei um grande numero de presentes de diversas naturezas, e mesmo de dinheiro.* Assim o exigia a recepção que o rei me fez, e julgo que sustentei dignamente a *honra da Inglaterra.*

.....

[1] Janeiro de 1863.

Segundo.—Já fiz notar as amigaveis disposições do rei a respeito dos inglezes, claramente manifestadas na sua maneira de obrar para commigo em todas as circumstancias. «D'aqui em diante, diss-eme elle, o rei de Dahomé e a rainha de Inglaterra não fazem mais que uma pessoa; vós sustentareis a cauda do reino, e eu a cabeça». Querendo com isto significar, *que possuiriamos Ajudá para commerciar e fornecer de tudo.* Elle tem o maior desejo de ver o *nosso commercio estabelecer-se em Ajudá,* e se podérmos provar-lhe que queremos real e sinceramente viver com elle em bons termos, estou certo que ha de tomar em seria consideração as proposições que se lhe fizeram para renunciar ao trafico de escravos e aos sacrificios humanos.

Estes dois costumes são hoje instituições do paiz: a primeira foi creada pelos proprios brancos; a segunda transmittiu-se de paes para filhos, como uma das ceremonias principaes da religião indigena, e que a superstição e ignorancia dos padres dos feitiços tem animado.

Cada habitação e cada individuo tem seu feitiço. Estas divindades consistem em monticulos de barro amassado, cobertos com uma cabaça cercada de buzios, ou então medonhas figuras feitas de madeira. Passeiam-se com grande pompa toda a especie de emblemas, taes como leões, tigres, cães e outros animaes toscamente esculpidos. As estradas, as casas, as aldeias estão cheias de feitiços e sacrificios, ou votos aos mesmos, que consistem em gallinhas, cabras, etc., depostos sob um abrigo de esteiras junto do idolo, que se quer tornar propicio. Naturalmente os animaes assim offerecidos são primeiramente mortos.

Homens, mulheres e creanças, todos consultam os feitiços, para saberem a nutrição que devem tomar. A uns é concedida a auctorisação de comerem carne de vacca, a outros sómente carneiro; a bom numero é prohibido comer carne de cabra; estes podem comer avés, aquelles sómente ovos. Este absurdo reina despoticamente em todo o paiz. Nunca ouvi porém dizer a quem quer que fosse, que os feitiços tivessem prohibido o vinho e licores fortes.

Em Abomé ficámos em casa do *adivinho mór* do rei, personagem muito importante, membro do conselho privado, e conselheiro do rei em todas as circumstancias graves. O rei nada emprehende, sem que o adivinho tenha consultado os feitiços. A casa d'este funccionario está cheia de idolos.

Faço notar estas cousas para mostrar como é impossivel ao rei, no estado de superstição do povo, quebrar sem transição com os sacrificios humanos. Elle bem o dizia: «Docemente, docemente, isso chegará a seu tempo e logar; porém ainda não soou a hora, e a minha cabeça cairia ámanhã se pretendesse supprimir estes usos de repente!

Vou agora examinar o paiz e suas riquezas, o futuro que offerece a um commercio honrado, os recursos que apresenta para o ataque e para a defeza, o numero de seus soldados, o perigo que havia de correr um corpo de tropas lançado em terra para occupar Ajudá, e as difficuldades que haveria em guardar este ponto uma vez que d'elle tivessemos a posse.

A distancia de Ajudá a Abomé é de 65 milhas, e é singular ver como sobre ella se enganaram n'outro tempo. M. Norris em 1774, fixou-a em 150 milhas; outros mais ou menos, segundo a exageração dos relatorios que invocam ou da sua propria imaginação. Ajudá está a 3 milhas do mar. Da praia até á cidade o paiz é plano, e tem-se a passar tres espaços que estão cobertos de agua. O primeiro é uma lagoa que corre para leste até Lagos, e se dirige a oeste para Agué e Porto Novo. Esta lagoa é todo o anno navegavel para escaleres. O segundo e terceiro espaços são charcos; estradas de dez pés de largura os atravessam para as necessidades do commercio. Estas lagoas são quasi invadiaveis na estação das chuvas, e nos tempos de seccuras não têem agua mais que na altura de dois pés, porém agua negra, lodosa e de um cheiro nauseabundo. Em 1851 tive febres de má qualidade por ter atravessado esta parte do territorio.

Ajudá é uma grande cidade de habitações espaçadas, contendo algumas casas decentes. Ha tres fortes ou *balcões*, um inglez, outro francez, e o terceiro portuguez. O forte francez está em excellente estado, faz muito negocio e dá muita honra

á pessoa que o dirige. *O forte portuguez está hoje habitado pelos missionarios d'aquella nação*[1]. O forte inglez serve de habitação ao ministro wesleyano, reverendo padre Bernesko.

Ninguem ali possue direitos territoriaes. O rei de Dahomé governa como senhor, e póde expulsar os brancos quando tal seja a sua vontade.

Ha no forte inglez e nos arredores um grande numero de peças do calibre nove e doze encravadas, e que ahi estão ha seculos. A esta artilheria liga-se uma historia curiosa, que mostra que os inglezes de agora são os amigos hereditarios dos reis do Dahomé. Durante o longo periodo em que a Inglaterra protegeu o commercio dos escravos, e em que a armação dos navios negreiros era regulada por um acto do parlamento, o forte de Ajudá estava bem sustentado, e eram para ali enviados inglezes como governadores sob a auctoridade da corôa. Viviam sempre em boas relações com os soberanos do Dahomé, e faziam-lhes grandes presentes de carruagens, cavallos, etc. Vi ainda d'estas carruagens em Abomé n'um estado de grande deterioração; mas guardam-as como moveis da corôa, e os reis as herdam com os seus thesouros. Os governadores de que se trata tinham grande auctoridade, e correspondiam-se directamente com o rei, que tirava do forte tudo de que precisava. Tinhamos então soldados para proteger a praça e canhões em bateria nos pontos importantes. Ao redor do forte havia um grande fosso que ainda se vê.

Ajudá era no começo do seculo precedente um reino florescente, quando foi conquistado pelo Dahomé e devastado de horrivel maneira.

Deve ter sido no anno de 1750 que os habitantes de Ajudá fatigados do jugo dahomeano se insurgiram contra o rei, e teriam sem duvida conseguido recuperar a sua liberdade, se o governador inglez não tivesse feito fechar as portas do forte e voltar os canhões contra os *rebeldes!* O exercito dahomeano

[1] É erro, porque em fevereiro de 1863 (data d'este relatorio) não havia em Ajudá um unico padre portuguez, e ainda não estavam de posse do nosso forte os missionarios francezes.

correu, e graças á artilheria ingleza os *rebeldes* foram completamente derrotados.

O rei mostrou-se muito reconhecido ao governador d'este soccorro opportuno, e augmentou consideravelmente os seus privilegios; porém ao mesmo tempo disse: «Isto não póde continuar assim; estes inglezes com os seus canhões são inimigos formidaveis e podem qualquer dia voltar-se contra mim». Em consequencia, antes de se retirar, sua magestade encravou todas as peças do forte, e é assim que desde então têem ficado, e que ainda hoje se vêem.

A datar d'este momento até aos ultimos annos, os reis do Dahomé se têem mostrado muito amigos dos inglezes, e o rei actual me nomeou particularmente um inglez do tempo do seu avô, um M. James, que era governador do forte e o melhor amigo do soberano.

A população de Ajudá é numerosa comparativamente ás outras cidades do reino, exceptuando Abomé; póde elevar-se a 12:000 habitantes, entrando as tropas.

Notei uma grande decadencia na prosperidade d'este ponto. Ha doze annos Ajudá estava n'um estado florescente, bom numero de mercadores lá residiam, e viam-se importantes casas. Hoje a maior parte d'ellas cáem em ruinas, e o commercio está reduzido. D'onde nasce esta declinação? É o que se deve examinar.

Os membros da grande familia Sousa estão mortos ou dispersos, e os que ali vivem são pouca cousa em relação ao que eram seus paes. Os aprovisionamentos eram outr'ora abundantes e escolhidos; hoje ainda os ha, mas em menos quantidade e tudo caro. Ha agua em abundancia da lagoa e dos poços, e é excellente; os fructos, taes cómo laranjas, ananazes e bananas, não faltam e são baratos.

De Ajudá a Abomé o caminho é plano, e ha a distancias regulares algumas aldeias que são consideradas como *etapes* ou logares de paragem para os viajantes.

A falta de agua começa a sentir-se logo ao saír de Ajudá. Encontra-se a tres milhas de distancia uma profunda lagoa, sobre a qual estão collocados alguns paus em fórma de ponte,

muito perigosa de atravessar; a agua d'esta lagoa é negra e lodosa.

O paiz que atravessámos é muito variado; aqui uma planicie nua, ali uma espessa floresta. A estrada é a unica que existe. O terreno seria proprio para a cultura do algodão, do café, do indigo, do assucar e mais producções dos climas analogos. Ao redor das aldeias o solo é aproveitado; colhe-se milho, mandioca, favas, mas sómente o que é necessario para consumo. Mais perto de Abomé a cultura ganha crescimento; são as explorações que pertencem exclusivamente ao rei que tem a sustentar o seu povo, porque este não tem jamais o tempo preciso para se dar ás occupações da paz: a guerra, a guerra e sempre a guerra, é o pensamento que domina tudo, e o rei não lhe dá treguas. Muitos chefes se lamentam e estão fatigados; e estou certo que se o ousassem seria com alegria que aceitariam outro estado de cousas. Não têem tempo de seu, porque ha sempre algum costume a executar; a situação do paiz é desoladora, e a população decresce rapidamente.

Ainda não vi terra mais falta de tudo que é necessario á vida, apenas se encontram alguns carneiros e cabras; o rei e os chefes sómente são proprietarios d'este pouco gado, e não parecem comprehender que augmentariam a sua riqueza, creando maior numero de animaes. O uso do leite é desconhecido; as aves são bastante raras: pagavamos uma gallinha por dois *shellings*.

Os chefes só raramente comem carne, e o povo nunca; vivem de *cankey*, mistura de milho com azeite de palma: as bebidas espirituosas são muito estimadas.

Espantava-me ao ver a população tão rareada nas aldeias que atravessavamos; quasi toda a gente saía para nos ver. Depois da nossa partida, quasi todos os soldados d'esses logares, marchavam para Abomé, para engrossar o numero dos que lá estavam: á volta, não encontravamos um só homem; não viamos senão mulheres e creanças. Talvez que haja muitas aldeias fóra do traçado da estrada de Abomé, não duvido mesmo que haja muitas, porque o reino é grande; mas o problema da população de Dahomé está resolvido pela

minha visita. Por toda a parte fomos feridos de espanto, ao ver tão pouca gente. Ha muito maior numero de mulheres, que de homens; quasi posso affirmar que o sexo feminino está em relação para o outro, como tres para um: é talvez esta a rasão por que os reis de Dahomé, que estão sempre em guerra, são obrigados a levantar e sustentar um exercito de amazonas soldados como fazem.

Sendo a guerra uma necessidade do estado, a população masculina tem constantemente que fornecer soldados, do que se segue que a producção está sempre abaixo do consumo: d'aqui tambem se explica o facto da existencia de um corpo talvez de cinco mil mulheres no exercito dahomeano.

Talvez tambem que haja uma outra rasão n'este paiz para embrutecer as almas e os sentimentos do sexo fraco; é que o rei póde achar conveniente animar e proteger as amazonas, como faz, com o fim de desenvolver a emulação nos homens, e obriga-los a mostrarem-se mais corajosos e mais fortes que as mulheres.

As amazonas são tudo no paiz, o rei vive com ellas e no meio d'ellas, e não se encontram senão nas residencias reaes. Quando vão buscar agua, o que é a sua occupação quotidiana e quasi constante, a que marcha na frente (porque todas avançam n'uma só linha) vae agitando uma campainha, muito similhante ás que na Inglaterra se penduram ao pescoço dos carneiros, e que ella tambem traz ao pescoço. Ao ouvir aquelle som, os homens fogem em todos os sentidos para deixarem a estrada desembaraçada ás amazonas, e esperarem que tenham passado. A rasão d'esta manobra é que se succedesse qualquer accidente a uma d'aquellas mulheres, ou se quebrasse o cantaro que conduzem á cabeça, desgraçado do homem que se achasse perto d'ella n'esse momento, que seria immediatamente preso e condemnado á morte ou a reclusão perpectua, como causa supposta do accidente.

Não é portanto de admirar que todos fujam tão depressa quanto podem, *e nós mesmos eramos forçados a sujeitarmonos a esse costume*. As mulheres não são obrigadas a obedecer a esta lei das mais absurdas que póde haver, mesmo

n'um paiz de selvagens; ella faz parar os negocios e occasiona tardanças aos passageiros. Todo o dia se ouve a campainha a tinir, e se vêem os homens a fugirem. As amazonas parecem ter grande satisfação n'este manejo, e riam da melhor vontade quando nos viam parados para lhes dar passagem.

Seja qual for o motivo por que se sustenta um tão numeroso corpo de mulheres soldados, é provavel que constitua a maior força do exercito dahomeano. Avalio o numero das amazonas em cinco mil, e ha alem d'isso ainda bastantes mulheres, que lhes estão ligadas, como creadas, cozinheiras, etc. Vimos certamente quatro mil, debaixo de armas, em Abomé, e ha fóra, outras que habitam e guardam as residencias reaes.

São as amazonas infinitamente superiores aos soldados homens em tudo, no aspecto, no traje, na actividade, na instrucção militar e na bravura. Recrutam-se á medida que vão faltando, entre as raparigas de treze a quatorze annos que estão addidas ás companhias, aonde vão recebendo a sua instrucção militar. Estas recrutas de nova especie dansam, cantam e vivem com as suas veteranas, mas não as acompanham á guerra, senão depois de certa idade, e quando já sabem manejar a espingarda.

Parecem todas ter perfeito conhecimento da auctoridade que possuem, o que se vê na sua apparencia livre e atrevida, e na sua marcha um pouco *fanfarrona*. A maior parte d'ellas são jovens e bonitas, mas ha bastantes que já passaram a idade das paixões; a sua physionomia não tem a expressão feroz que parece deveria dar-lhes a sua profissão. Suppõe-se que levam uma vida toda de castidade, e não duvido que assim seja, poisque sendo-lhes impossivel praticar qualquer acto sem que se saiba, a descoberta de uma falta conduzi-las-ía a uma morte certa. O rei só tem o direito de tomar como mulheres as que lhe agradarem, facto que raro.

Como soldados n'um reino africano, e com o modo de guerra usado no paiz, são temiveis adversarias. Sabem perfeitamente o exercicio de fuzil, carregam e atiram com admiravel presteza, são de uma agilidade surprehendente, e n'este

ponto lutariam vantajosamente com os mais ligeiros inglezes. Os capitães penduram á cintura os craneos dos inimigos.

De manhã e de tarde grandes destacamentos de amazonas vão a distancia de muitas milhas, buscar agua para uso do rei e da casa real; e é um espectaculo curioso, ver passar esta longa fila de mulheres, de cantaro á cabeça, caminhando tranquilla e silenciosamente, ouvindo-se só o som da campainha, para afugentar os homens.

A agua em Abomé é (se é permittido assim exprimir-me) o ponto essencialmente vulneravel. Não a ha na cidade; é preciso ir busca-la ás lagoas, a quatro ou cinco milhas de distancia, e n'esta estação do anno é muito rara e má. Eis de que maneira se obtem; faz-se um encanamento ao redor das grandes lagoas, que se alimentam do escoamento muito lodoso, como se deve julgar, das terras encharcadas; em torno dos canos, cavam-se poços, ou buracos para onde se filtra a agua das lagoas; e ao lado d'estes buracos, cavam-se outros mais pequenos, para aonde torna a filtrar-se a agua. É n'estes ultimos poços, que as mulheres mergulham as cabaças com que vão enchendo os cantaros, operação que é bastante demorada.

Esta agua mais clara não é comtudo senão para as classes mais elevadas que podem pagar esse luxo; os pobres bebem a agua lodosa dos charcos, e felizes são quando a têem. O sólo não é favoravel á furagem; é uma mistura de minereto de ferro, granito e areia, *que sôa a ôco* debaixo dos pés. Visitámos todos os poços, e é certamente espantoso que uma população tão numerosa possa viver com tão limitada alimentação de agua.

Os soldados homens são em maior numero que as amazonas, armados como ellas, e tambem muito activos e habeis no manejo das armas. Julgo que seria difficil ao rei pôr em campanha mais de seis mil soldados do sexo masculino, o que junto ás amazonas daria um total de dez mil individuos. Repito é tudo quanto elle poderia fazer. Todos estes soldados são armados de espingardas e sabres, e a sua maneira de combater não é como a nossa; é uma estrategia de astucias e surprezas: seu objecto principal é chegarem ao ponto reque-

rido sem serem vistos nem ouvidos. Se o conseguem tanto melhor, se não, combatem duas ou tres horas, sem ordem nem disciplina, depois do que, se não vencem, largam o terreno, e batem a retirada, fugindo a qual mais depressa para a capital.

A população de Abomé varia muito, conforme se o rei ahi faz ou não a sua residencia. É uma agglomeração de habitações cercadas quasi completamente de um fosso profundo com portas sobre diversos pontos. Este fosso, hoje cheio de arvores e arbustos, deve ter custado muito tempo e trabalho.

Abomé póde ter sete milhas de circuito, porém não se deve concluir que os habitantes estejam em proporção do espaço; póde haver 20:000 quando muito: a falta de população vê-se por toda a parte. Fazendo-se o recenseamento em todo o territorio dahomeano, chegar-se-ia talvez a 180:000 almas, comprehendendo mulheres e crèanças, e ainda este numero me parece exagerado. As mulheres e creanças entram por tres quartos na totalidade. Atravessam-se vastas extensões do paiz, sem encontrar uma creatura humana.

Fevereiro de 1863.

OBSERVAÇÕES SOBRE O RELATORIO DE WILMOT

O relatorio que acaba de ler-se, vem confirmar muitos dos apontamentos que havia colhido sobre a côrte e reino de Dahomé. O commodore Wilmot trata especialmente da visita que fez ao rei, e da viagem através de seus estados; falla muito pouco de Ajudá, mas o sufficiente para, com a sua auctorisada opinião, dar força ás *conclusões* com que findei a resumida historia, que traço da cidade e do nosso estabelecimento, e as idéas por mim expendidas sobre as difficuldades, senão impossibilidades, de occupar *realmente* aquelle ponto commercial.

« Ali ninguem possue direitos territoriaes. O rei de Dahomé governa como senhor, e póde expulsar os brancos, quando tal seja a sua vontade. » Assim diz o commodore, significando bem claramente, como eu tambem fiz, que *posse do logar* ninguem a tem, que são todos os estrangeiros *consentidos* como homens de negocio, mas nenhum possue direitos de dominador, e só ali existem emquanto o rei de Dahomé o permittir.

Mas se hoje de facto não possuimos taes direitos, mesmo admittindo a hypothese que alguma vez os tivessemos, será possivel tomar conta de Ajudá, e estabelecendo-nos definitivamente, obrar como senhores? Já disse que não, e mostrei-o pelo isolamento em que fica aquelle ponto em relação ás nossas colonias, pelo pequeno poder militar e maritimo de Portugal, e principalmente pelo abandono em que ficaria a força que ali collocassemos, sem jamais poder prestar-se-lhe soccorro que chegasse a tempo. Lutar-se-ia com a má natureza do clima, com o genio guerreiro e conquistador do Dahomé, e com as vagas do banco. São inimigos potentes de mais para

os combatermos na actualidade; não sonhemos em conquistas irrealisaveis!

Os inglezes occupando Cabo Corso (Cap Coast), que dominam e governam com intelligencia, tendo-se empregado mais que tudo, na educação e civilisação dos naturaes; penetrando por ali no reino dos Achantis, aonde têem feito preponderar a sua politica; communicando-se rapidamente com a colonia de Serra Leôa, por meio da respeitavel esquadra que têem na costa; sendo ainda senhores de varios sitios, quer a oeste, quer a leste de Dahomé, que por todos os lados cercam com as suas missões, com os seus balcões commerciaes, e com as flamulas dos seus navios, ainda assim não julgam chegado o momento de se apoderarem do Dahomé, ou pelo menos de Ajudá, não descurando comtudo de ali se introduzirem com o tempo.

Que não entendem conveniente a occupação de Ajudá mostra-o o commodore Wilmot quando falla «dos perigos que havia de correr um corpo de tropas desembarcado para esse effeito, e a difficuldade que haveria em guardar tal ponto quando se chegasse a tomar d'elle posse»; mas que tambem não desistem de ali imperar a seu tempo, ou quando menos de assentarem os seus interesses em seguras bases, demonstram-no as suas repetidas embaixadas, a *paciencia* com que soffrem as grosserias e vexações d'aquelle rei barbaro, a *protecção* que concedem aos paizes circumvizinhos, o cuidado que lhes dá a existencia da republica de Abeokutá, inimiga figadal do Dahomé, e os pretos convertidos em Ischaga e outros pontos, chegando os seus carinhos a irem *interceder* pelos seus protegidos junto do rude e desleal soberano! Querme parecer que não são só os sentimentos philanthropicos que obrigam a Inglaterra a caminhar por esta fórma!

A missão do commodore Wilmot á côrte de Dahomé teve como fim ostensivo, offerecer indemnisações para o acabamento do trafico de escravos; mas certamente que o fim occulto e verdadeiro, era a negociação da paz de Abeokutá, e ainda o contrato para um estabelecimento solido em Ajudá. Era isto o que ali se dizia, e que tem todos os visos de probabilidade.

Nada conseguiram d'esta vez; mas com isto e por tão pouco, não desanimam ainda os inglezes, nem se escandalisam, recebendo estas desfeitas com a mesma mansidão e paciencia com que no seculo passado soffreram que lhe fosse encravada a artilheria do forte; facto este que com ar *galhofeiro* nos é contado no relatorio de Wilmot.

A politica *expectante* e soffredora é a mais machiavelica de todas, e cedo ou tarde chega a conseguir os seus intentos. É o que ha de succeder aos inglezes com o Dahomé, se os francezes não lhe embargarem o passo, como parece que n'estes ultimos tempos vão desejando, por meio das suas propagandas religiosas, e do apparecimento dos seus navios tomando parte nas questões dos pequenos reis de varias localidades da costa.

Nós sómente, de que o nome e as armas tanta influencia tiveram outr'ora por estas paragens, que descobríramos, assistiamos até agora impassiveis ao desenrolar das vagas dos interesses e da civilisação da Europa, lutando com a selvageria d'estes povos, e buscando introduzir-se apesar de tudo e de todos. Hoje porém que relanceámos um olhar para aquellas bandas, e que vimos que ainda ali podiamos ser alguma cousa, não ponhamos de parte os nossos interesses, esquecendo como fizeramos aquellas regiões.

Mas repita-se, não é por meio das armas, não é pela occupação militar de Ajudá, não ha de ser fazendo alarde de força (que de mais não temos), que se recuperará a perdida importancia! É pelo commercio que ha muito descuidâmos, é pela catechese, que sempre temos descuidado! Promova-se em Ajudá a troca da aguardente de Mossamedes pelo azeite de palma, enviem-se para lá padres instruidos e respeitaveis, não cessem as relações amigaveis por meio de presentes, já que estes são necessarios, com os potentados do paiz; não esqueça a marinha de guerra a derrota do golfo de Guiné, para que os mercantes ali se não encontrem completamente abandonados, e ha de ver-se que Ajudá, sem ser nosso, póde e deve ser-nos de alguma utilidade.

Março de 1866.

CARTA DE JULES GERARD, O MATADOR DE LEÕES

O commodore Wilmot, sendo sempre tão verdadeiro quanto possivel, no que nos conta a respeito de Dahomé e da sua côrte, é comtudo pouco rigoroso, ou demasiadamente favoravel na apreciação que faz do monarcha reinante.

Talvez que os bons desejos do illustre commodore, ou a maneira *affavel* como sempre foi tratado *pela paciencia com que mostrou que o branco podia ser o amigo do negro,* o illudissem a ponto de nos desenhar o caracter do actual soberano de Dahomé quasi como o de um homem civilisado, què só pela força das instituições patrias, e levado pela vontade de seus subditos, se mostra por vezes sanguinario e barbaro!

Esta pintura faz tanta differença d'aquella que apresentei fundamentada na opinião geral em Ajudá, a respeito d'aquelle rei, que não posso deixar de transcrever uma carta de um viajante que tambem viu a côrte, e logo depois da saída do commodore.

O actual rei Guelélé ou Badú, como se chamava em quanto principe real, era já considerado em vida do rei seu pae como o representante das idéas selvagens, um pouco esquecidas n'aquelle reinado pela convivencia que o rei Guezó tinha com os brancos, e talvez mesmo pela influencia que n'elle exercia o celebre Sousa, primeiro *Xáxá.* O principe era então olhado como o chefe do partido retrogrado, e depois da sua elevação ao throno não desmereceu d'esse conceito.

Jules Gerard, o matador de leões, viajando n'aquelle paiz a expensas de uma sociedade geographica de que era presidente o duque de Wellington, fez tambem a sua visita ao rei de Dahomé, no mesmo anno em que lá foi o commodore Wilmot; porém viu as cousas e os homens por um outro prisma, do

que aquelle de que usára o commodore, sendo o de Gerard mais carregado nas cores, mas tambem mais concorde com tudo que se conta d'aquelle reino e de seu rei.

Foi na volta d'esta viagem e no caminho para Serra Leôa que o audaz caçador, a quem tantos perigos haviam sempre respeitado, foi cobarde e traiçoeiramente assassinado na passagem de um rio. Comtudo para que não fosse inteiramente sem fructo a sua atrevida peregrinação através d'aquelles povos, ainda por Ajudá enviára a seguinte carta, que é hoje do dominio publico, e que traduzimos do *Journal pour tous*.

«Senhor duque:—Sabe vossa graça perfeitamente, que poucos homens ganham em ser vistos de perto, salvo sendo homens de merito e intelligencia. O rei de Dahomé, apesar do seu sobrenome, que significa o eterno, ou o infinito, justifica perfeitamente esta regra, da qual não é elle a excepção. Physicamente é similhante a qualquer dos outros negros do paiz, alto, bem conformado, e com uma cabeça de *cão de fila:* a expressão mais habitual de seu rosto, é a da astucia e crueldade. Suas qualidades moraes estão em perfeita concordancia com a sua conformação physica: é mais supersticioso que os reis que o precederam, e fanatico das velhas tradições e dos velhos costumes. As tradições d'esta côrte microscopica consistem na exploração dos brancos, tanto quanto possivel, levando-os a fazerem-lhe presentes. Os costumes consistem em excitar o espirito do povo por espectaculos sanguinarios, por fórma que esteja sempre prompto a apoderar-se de uma população vizinha, quando um mercador de escravos faça offertas ao rei.

«Passei justamente vinte dias em *Cannah,* aonde se achava o rei. No dia da minha apresentação fui conduzido através da praça do mercado, aonde doze cadaveres estavam expostos em differentes recintos. Seis estavam pendurados pelos pés, os outros dispostos como se fossem para marchar. Aquelles que vi de perto estavam horrorosamente mutilados; e um grande charco de sangue cobria o sólo por baixo do cadafalso.

«A nossa recepção pelo rei foi brilhante, muito cordial para mim e para o consul de França; porém bem depressa

nos convencemos que era uma comedia habitual, representada por aquelle pobre diabo, para obrigar os brancos a daremlhe presentes. O rei ama apaixonadamente os espectaculos medonhos, que tambem nos fez ver. As dansas grotescas dos seus ministros e dos principes fazem as suas delicias; a musica infernal que as acompanha dá-lhe extasis. O espectaculo durou seis horas.

«No dia seguinte convidou-nos para vermos uma procissão. Chegando ao palacio tivemos uma agradavel surpreza; ainda charcos de sangue, e uma duzia de cabeças recentemente cortadas, formando dois enormes rosarios.

«A procissão das suas riquezas consistia em algumas velhas carruagens arrastadas por homens com figuras de palhaços; mil mulheres traziam cada uma d'ellas uma garrafa de licor; sobre a cabeça d'outra uma bacia de arame, tendo a fórma de banheira e destinada a receber o sangue das victimas humanas no dia do banquete do rei; outras traziam uma imagem da virgem, diversos cabazes cheios de caveiras humanas, uma imagem de S. Lourenço de grandeza natural, emfim o tambor de honra.

«N'uma outra festa o rei commandou as suas amazonas, que manobraram com a precisão de um rebanho de carneiros. Sobre a praça do mercado não se dava um passo sem topar algum cadaver, e o rei passeiava no meio de poças de sangue e de membros humanos já em putrefacção. N'esta occasião estava elle com o rosto coberto de carvão. A ceremonia terminou por uma dansa infernal, na qual o rei tomou parte tendo como *vis-à-vis* soldados e musicos bebados.

«Taes são, senhor duque, o homem, o governo e o povo que nós esperavamos até agora, fazer entrar n'uma via menos contraria ás leis da humanidade. Lamento que o capitão Burton chegasse justamente no momento da partida do rei, porque chegando antes, poderia ter visto e avaliado tudo isto». —Sou, etc.=Jules Gerard.

«*P. S.* No dia da sua partida, convidou-nos o rei a uma revista do seu exercito que partia para a guerra; era forte de 15:000 individuos, comprehendendo 12:000 amazonas, 1:000 soldados da guarda e 2:000 archeiros.»

OFFICIO DIRIGIDO AO COMMANDANTE DA ESTAÇÃO NAVAL DE ANGOLA

SOBRE O DESEMPENHO DA COMMISSÃO DE AJUDÁ

Escuna *Napier*, n.º 200.—Ill.^mo sr.—Saindo de Loanda a 1 de fevereiro, conforme as ordens que recebêra, vim a esta ilha apresentar-me ao governador geral para o serviço determinado.

No dia 22 larguei para Ajudá, conduzindo a meu bordo o governador, o seu ajudante, e uma ordenança, que deviam voltar a esta ilha, e bem assim um alferes, um padre e cinco praças de pret para ficarem no forte; tendo-me eu recusado a receber maior força, por não haver certeza que ali se podesse fazer aguada, e receiar portanto que nos faltasse na torna-viagem, se nos demorassemos.

Chegando a Ajudá desembarcou o governador geral com os diversos passageiros, e a pedido do mesmo desembarquei tambem, para o acompanhar em todos os actos officiaes.

Tomou-se conta do forte com todo o apparato e solemnidade possiveis, desembarcando por esta occasião, segundo a requisição do governador, uma força de marinhagem d'este navio, que foi dar as descargas de fuzil e a salva de artilheria; sendo tambem presentes ao acto todos os officiaes, á excepção do immediato, que ficára a bordo. O guarda marinha Nogueira commandou a força, e o escrivão lavrou os autos.

Todas as praças se portaram bem, e apresentaram-se sempre com todo o aceio e boa ordem, por fórma que produziram muito favoravel impressão na gente ali estabelecida e nos indigenas, concorrendo assim ainda mais ao bom nome da armada nacional, e especialmente da estação a que pertencem.

Tivemos a felicidade de effectuar sempre os embarques e desembarques sem novidade, apesar de encontrarmos algu-

mas vezes o *banco* bravo; porém para tal felicidade concorria muito a boa vontade dos pretos *minas*, boa vontade ganha a custo de grandes gratificações de *cachaça*, sem a qual não se faz nada n'aquellas paragens, e creio que em toda a costa de Africa.

No dia 19 de março levantei ferro do ancoradouro de Ajudá, e demandei a ilha do Principe, que o governador geral queria visitar; e tendo-me demorado tres dias voltei a este porto, aonde fundeei a 6 do corrente.

Durante esta commissão houve quasi sempre tempo de repetidas trovoadas, e em Ajudá bastante vaga, o que tudo muito incommodou, e deu em resultado algumas pequenas avarias.

Chegando a este porto, declarou-me o governador geral em officio que considerava findo o serviço da escuna n'esta provincia, podendo eu recolher á estação; n'este sentido estou preparando, concertando panno rasgado e estragado pelas trovoadas, recebendo aguada, etc., e espero logo depois dos dias 20 ou 22 do corrente largar para esse porto, aonde tarde chegarei por ser agora a epocha do *sul*, ou das más viagens.

Cumpre-me communicar a v. s.ª, que d'esta commissão e dos serviços com que me foi dado concorrer ao bom exito da mesma, e mais que tudo, de certo, á boa vontade com que foram feitos, tenho sido elogiado pelo governador nos seus officios, em que me agradece a minha coadjuvação. O que participo a v. s.ª, não por satisfação do meu amor proprio, mas porque sendo o bom serviço que eu tenho prestado, devido em tudo ao zêlo dos officiaes da armada que me acompanham, e á sua disciplina e da guarnição, é para mim de bastante prazer ter occasião de os lembrar, a fim de que v. s.ª possa scientemente informar s. ex.ª o major general da armada.

Deus guarde a v. s.ª Bordo da escuna *Napier*, em S. Thome, 16 de abril de 1865.—Ill.mo sr. commandante da estação naval de Angola.=*Carlos Eugenio Corrêa da Silva*, commandante.

NOTA AO CAPITULO VIII

Quando escrevi este capitulo tratando da construcção do nosso forte de Ajudá, e fixando a epocha em que ella se effectuára, relatei a vã pretensão de alguns francezes ali estabelecidos sobre a prioridade da construcção do seu, apoiada demais na ignorancia dos poucos portuguezes que lá existem, e no pequeno conhecimento que em geral havia de Ajudá. Aquella asserção avançada sem fundamento, ficava plenamente destruida com os argumentos apresentados; porém ha mais do que isso.

Escrevendo esta viagem, não tinha conhecimento algum d'aquella que tem por titulo *Viagem ao Dahomé* por mr. Répin, publicada no *Tour du Monde* durante a minha estada na Africa, de que só tive noticia aqui em Lisboa, e quando esta obra se achava já na imprensa.

Toda a descripção que faz mr. Répin é muito completa (aindaque em partes exagerada), e vê-se que o instruido viajante observou tudo, e não se deixou tão facilmente *impressionar*, como depois succedeu ao commodore Wilmot. É com prazer que noto que em muitos pontos da minha relação fiz observações similhantes ás d'este viajante, o que mais uma vez me prova, que me não enganei no que relato.

Mr. Répin occupa-se especialmente em tratar da visita á côrte de Dahomé, ainda em vida do rei Guezó; comtudo diz-nos bastante sobre Ajudá, e entre outras cousas o facto que passo a apontar, por vir em apoio do que disse sobre a maior antiguidade do nosso forte.

Conta este auctor, que em 1730 fôra Ajudá conquistada pelo rei de Dahomé, Guadjá-Truda, e que depois d'isto a companhia franceza das Indias obtivera *de um dos successores*

d'este rei a concessão de edificar em Ajudá estabelecimentos para o seu commercio, e que esta é a origem do forte francez.

Não se póde pôr em duvida esta affirmativa de mr. Répin, que de certo deve tê-la baseado em documentos, e com ella cáe de todo a louca vaidade, que pretendia, aindaque sem fructo, dar maior antiguidade ao estabelecimento francez. O forte francez foi pois construido depois do nosso não menos de cincoenta annos.

Não findarei sem mencionar uma das pequenas exagerações da obra de mr. Répin. Estendendo-se largamente sobre os perigos do banco da costa (a que impropriamente chama a barra) diz-nos elle (e creio que com a maior boa fé) «que as vagas chegam a alcançar a altura de quarenta a cincoenta pés!!!» Ha grandes vagas, ha grandes perigos, mas vagas d'aquelle tamanho só vistas por lentes de grande augmento. Os officiaes da *Venus* nunca mediram vagas de mais de sete metros, e vae d'ahi muito longe ao que diz mr. Répin. Que as ondas embravecidas sobem em magestosos e altissimos rôlos quando encontram (como na Costa da Mina) os fundos esparcellados e sem inclinação notavel, é facto averiguado para a sciencia; mas ainda ninguem lhe marcou tamanha altura. Nem o perigoso *macaréu* da costa do Malabar, nem o desolador *mascaret* da foz do Senna, nem a temivel *pororoca* dos rios da America chega a alcançar similhante elevação. Isso só n'um cataclysmo como o da submersão de Lima!!

Lisboa, abril de 1866.

INDICE

Capitulos		Paginas
I	O forte de Ajudá é considerado como parte do territorio portuguez pela lei fundamental do reino—Commissão da escuna *Napier* a Ajudá—Os cruzadores inglezes no golfo de Benin—Reflexões geraes sobre os cruzeiros de Africa e a escravatura	1
II	Diversas denominações da Costa da Mina—Apparencia d'esta e perigoso banco que a prolonga—Communicações com a terra no ancoradouro de Ajudá—Desembarque do governador de S. Thomé e recepção pelo Xáxá	13
III	Marcha para Ajudá—Comprimento ao Cacaracu, e saudes com agua—Lagôa interior—Recepção pelo Avogá—Grandes do reino—A aguardente e os pretos	23
IV	A cidade de Ajudá—Immundicie geral, e meio extraordinario de conseguir alguma limpeza—Costumes dos indigenas—Parte que n'elles tomam os mulatos portuguezes—Superstições e crenças—Religião da cobra	33
V	Da fórma de governo do reino de Dahomé—As mulheres do rei e os castrados; erros publicados a este respeito—O exercito dahomeano—Leis barbaras e egoistas—Funeraes dos reis—O rei Guezó e o actual rei Guelélé—O commodore Wilmot e a paciencia britannica	43
VI	Relações de Portugal com Dahomé—Primeiros que ali aportaram—Provas da convivencia antiga e seguida com os portuguezes—A familia Sousa e seu ascendente, o primeiro Xáxá—Relações d'esta familia com o rei do paiz..	53
VII	Commercio de Ajudá—Moeda do paiz—Desembarque dos generos—Vexações das auctoridades—Casas de commercio e fortes estrangeiros—Os sarames—O forte portuguez	65
VIII	Fundação do forte de Ajudá—Pretensões sobre antiguidade dos estabelecimentos—Guarnição do forte—Este não era mais que uma feitoria sem dominação no paiz—Desprezo em que jazeu por annos—Triste posição dos officiaes para ali enviados—A ermida do forte e seus capellães—Visita do governador de S. Thomé, José Maria Marques	73

Capitulos Pagi

IX Novo abandono do forte — Isolamento do escrivão Pinheiro, e valiosos apontamentos por este deixados — Vexações soffridas por todos os europeus em Ajudá — Entrada dos missionarios francezes para o forte 8

X Visita official a casa do Avogá — Notas trocadas com os francezes sobre a tomada de posse do forte — Questões sobre direitos dos missionarios ao governo espiritual — Serviços relevantes dos missionarios 8

XI Entrada solemne no forte — Missa na ermida — Nomeação de Sousa como governador — Termo de avaliação das obras feitas pelos padres 99

XII Entrega dos presentes para o rei de Dahomé — Critica posição dos estrangeiros perante as exigencias de um rei despotico — Partida 107

Conclusão 113

Additamento 117

Documentos:

Relatorio do deputado Jacinto Pereira Carneiro 123

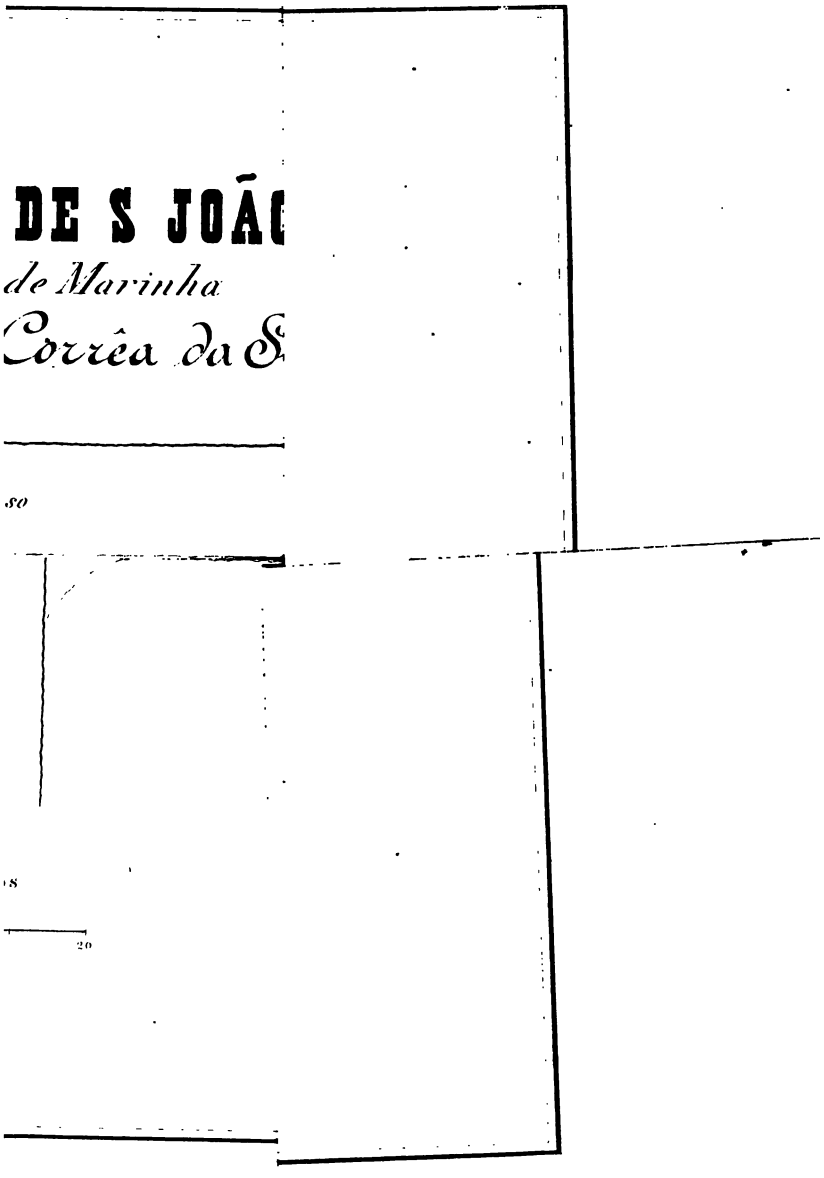
Relatorio do commodore Wilmot 133

Observações sobre o mesmo 163

Carta de Jules Gerard e commentarios do auctor 167

Officio ao commandante da estação naval de Angola 171

Nota ao capitulo VIII 173


DE S JOÃ
de Marinha
Corrêa da S
80
18
20

15
89
31ST2
6133

BV 2230 .C4 1866 C.1
Uma viagem ao estabelecimento
Stanford University Libraries
3 6105 039 919 365

DATE DUE

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004